

***PODER E IMAGEM: ANÁLISE SÓCIO-PRAGMÁTICA DAS FORMAS DE  
TRATAMENTO NO TEATRO IBÉRICO (séculos XVI-XVIII)***

Sabrina Lima de Souza

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras Neolatinas da Universidade Federal do Rio de Janeiro como quesito para a obtenção do Título de Mestre em Letras Neolatinas (Estudos Lingüísticos Neolatinos: língua espanhola)

Orientadora: Profa. Doutora Célia Regina dos Santos Lopes. Co-orientadora: Letícia Rebollo Couto.

Rio de Janeiro  
Agosto de 2008

Souza, Sabrina Lima

Poder e imagem: Análise Sócio-pragmática das formas de tratamento no Teatro Ibérico (Séculos XVI-XVIII)/ Sabrina Lima de Souza. – UFRJ/ Faculdade de Letras, 2008.

x, 130f, il, 31cm.

Orientador: Célia Regina dos Santos Lopes

Co-orientador: Letícia Rebollo Couto.

Dissertação (mestrado) ? UFRJ/ Faculdade de Letras/ Programa de Pós-graduação em Letras Neolatinas (Línguas Espanhola), 2008.

Referências Bibliográficas: f. 126-130

1. Formas de Tratamento. 2. Teoria da Polidez. 3. Relações de Poder. I. Lopes, Célia Regina dos Santos. II. Universidade Federal do Rio de Janeiro, Faculdade de Letras, Programa de Pós-graduação em Letras Neolatinas. III. Poder e imagem: Análise Sócio-pragmática das formas de tratamento no Teatro Ibérico (Séculos XVI-XVIII).

Poder e Imagem: Análise Sócio-Pragmática das formas de tratamento no Teatro Ibérico  
(séculos XVI-XVIII)

Sabrina Lima de Souza

Orientadora: Professora Doutora Célia Regina dos Santos Lopes

Co-orientadora: Professora Doutora Letícia Rebollo Couto

Dissertação de Mestrado submetida ao Programa de Pós-Graduação em Letras Neolatinas da Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ, como parte dos requisitos necessários para a obtenção do título de Mestre em Letras Neolatinas (Estudos Lingüísticos Neolatinos: língua espanhola).

.Examinada por:

---

Presidente, Profa. Doutora Célia Regina dos Santos Lopes

---

Profa. Doutora Letícia Rebollo Couto – UFRJ, Co-orientadora

---

Prof. Doutor Xoán Carlos Lagares Diez – UFF

---

Profa. Doutora María Zulma Moriondo Kulikowski – USP

---

Profa. Doutora Maria Aurora Consuelo Alfaro Lagorio – UFRJ, Suplente

---

Profa. Doutora Vera Lúcia Paredes Pereira da Silva – UFRJ, Suplente

Rio de Janeiro

Agosto de 2008

## RESUMO

### **Poder e Imagem: Análise Sócio-Pragmática das Formas de Tratamento no Teatro Ibérico (séculos XVI-XVIII)**

Sabrina Lima de Souza

Orientadora: Professora Doutora Célia Regina dos Santos Lopes

Co-orientadora: Professora Doutora Letícia Rebollo Couto

Resumo da Dissertação de Mestrado submetida ao Programa de Pós-Graduação em Letras Neolatinas (Língua Espanhola), Faculdade de Letras, da Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ, como parte dos requisitos necessários para a obtenção do título de Mestre em Língua Espanhola.

Neste trabalho estudam-se as formas verbo-pronominais e nominais de tratamento utilizadas entre os personagens ficcionais de dez peças de teatro de costumes (cinco portuguesas e cinco espanholas) escritas no período compreendido entre os séculos XVI e XVIII. Para tanto, analisou-se o emprego de distintas estratégias de tratamento buscando descrever o comportamento das mesmas e explicitando seus usos conforme a situação comunicativa estabelecida. Partiu-se da Teoria do Poder e Solidariedade (Brown e Gilman, 1960) e da Teoria da Polidez (Brown e Levinson, 1978, 1987). Em síntese, esta dissertação constata que: (i) os dados de espanhol, encontrados no *corpus*, não evidenciaram um comportamento regular e gradativo, em termos cronológicos, que apontasse para a suplantação de uma estratégia sobre a outra ao longo do período estudado, verificaram-se, entretanto, a) o emprego de *tú* para marcar inferioridade do ouvinte ou entre iguais, b) a depreciação da forma *vos*, empregada ora como estratégia de cortesia ora para marcar inferioridade do ouvinte e também entre iguais superiores, c) o incremento gradativo das formas *Vuestra Merced* e variantes ? utilizadas em relações simétricas ou assimétricas, transacionais ou interpessoais com distanciamento social; (ii) em Portugal, ao contrário, percebeu-se que a) *tu* prevalecia, evidenciando inferioridade do ouvinte ou em relações igualitárias, b) a forma *vós* passou de estratégia mais freqüente nos séculos XVI e XVII à forma de tratamento em desuso no final do século XVIII, c) *Vossa Mercê*>*você*, por sua vez, aumentou sua abrangência, passando de estratégia menos freqüente no período quinhentista e seiscentista à forma freqüente no século XVIII.

Palavras-chave: formas de tratamento, teoria da polidez.

Rio de Janeiro  
Agosto de 2008

## RESUMEN

### **Poder e imagen: Análisis socio-pragmática de las formas de tratamiento en el teatro ibérico (siglos XVI-XVIII)**

Sabrina Lima de Souza

Orientadora: Profesora Célia Regina dos Santos Lopes

Co-orientadora: Leticia Rebollo Couto

*Resumen* da Dissertação de Mestrado submetida ao Programa de Pós-Graduação em Letras Neolatinas (Língua Espanhola), Faculdade de Letras, da Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ, como parte dos requisitos necessários para a obtenção do título de Mestre em Língua Espanhola.

En este trabajo se estudian las formas de tratamiento verbo-pronominales y nominales utilizadas por personajes de diez piezas de teatro (cinco portuguesas y cinco españolas) escritas en el periodo comprendido entre los siglos XVI y XVIII. Las piezas se escribieron en el periodo comprendido entre los siglos XVI y XVIII. Se analiza la utilización de las distintas estrategias de tratamiento y se intenta describir su comportamiento, explicitando sus usos a partir de las situaciones comunicativas. Para tanto se utiliza la Teoría de Poder y Solidaridad (Brown & Gilman, 1960) y la Teoría de la Cortesía (Brown & Levinson, 1978, 1987). Este estudio comprueba que: (i) los datos españoles no evidencian un comportamiento regular y gradual en el tiempo, de manera que no se observa la suplantación de una estrategia sobre otra a lo largo del periodo estudiado; sin embargo se verifica (a) que se usa *tú* entre iguales o para marcar inferioridad del oyente, (b) la depreciación de *vos*, que se utiliza tanto como estrategia de cortesía o como marca de inferioridad del oyente y entre iguales de la clase más alta, (c) el incremento gradual de *Vuestra Merced* y sus variantes; (ii) en Portugal, al revés, se nota que (a) *tu* predominaba en relaciones entre iguales o para marcar inferioridad del oyente, (b) la forma *vós* es la más frecuente en los siglos XVI y XVII, sin embargo se convierte en la menos frecuente en el XVIII, (c) *Vossa Mercê* (y sus variantes), estrategia poco frecuente en los siglos XVI y XVII, se convierte en la forma habitual en el siglo XVIII.

Palabras clave: formas de tratamiento, Teoría de la Cortesía.

Rio de Janeiro  
Agosto de 2008

*Esta dissertação é dedicada aos meus pais que sempre me incentivaram.*

## ***AGRADECIMENTOS***

Agradeço à Célia Lopes pela orientação competente e comprometida com a qualidade, pela paciência e dedicação. À Letícia Rebollo Couto pela co-orientação e exemplo profissional.

Aos amigos e companheiros de mestrado Leonardo Lennertz, Cíntia Ferreira e Mônica Lemos com os quais compartilhei momentos importantes desta trajetória. Vocês fizeram este percurso mais fácil. Obrigada pelas conversas no corredor, pelas caronas, pelos materiais emprestados...

Aos amigos de graduação Jorge Neto, Aline Santos e Joyce Medea que me incentivaram nos momentos que antecederam ao mestrado, encorajando-me a seguir em frente.

Aos meus pais, Maury e Wanda, que sem dúvida são os responsáveis por tudo que conquistei até aqui. Obrigada pelo amor, carinho e paciência.

Ao meu namorado, Ricardo, pela compreensão, paciência, amor e dedicação durante todo este período.

À Capes, pelo apoio financeiro, que tornou possível minha dedicação total à pesquisa.

Aos meus amigos por entenderem minha ausência em vários momentos durante esses dois anos de mestrado.

Aos amigos da Embratel pelas trocas de plantão, fazendo com que eu pudesse ir à faculdade durante a graduação e no início do mestrado.

A Deus, porque sem Ele nada disso teria acontecido.

Por fim, a todos aqueles que de alguma maneira, direta ou indiretamente, contribuíram e torceram pela conclusão deste trabalho.

## SUMÁRIO

<b>1 – APRESENTAÇÃO.....</b>	<b>11</b>
<b>2 – DESCRIÇÃO DO OBJETO.....</b>	<b>14</b>
<b>3- PRESSUPOSTOS TEÓRICO-METODOLÓGICOS.....</b>	<b>23</b>
<b>3.1- Aparatos Teóricos .....</b>	<b>23</b>
3.1.1- A Semântica do Poder e da Solidariedade .....	23
3.1.2- A Teoria da Polidez.....	27
<b>3.2 - Metodologia .....</b>	<b>31</b>
3.2.1- O <i>Corpus</i> .....	31
3.2.2- Grupo de Fatores Controlados .....	38
<b>4. ANÁLISE DOS RESULTADOS: O TRATAMENTO EM ENTREMEZES ESPANHÓIS.....</b>	<b>40</b>
<b>4.1 – Distribuição geral dos dados das formas verbo-pronominais de tratamento .....</b>	<b>41</b>
4.1.1 - Orações não-imperativas em entremezes espanhóis .....	41
4.1.2 – Orações imperativas em entremezes espanhóis .....	46
<b>4.2 – Formas verbo-pronominais de tratamento e a natureza das relações sociais.....</b>	<b>47</b>
4.2.1 – Relações Assimétricas ou de Poder em entremezes espanhóis .....	48
4.2.1.1 – Relações de Superior para Inferior em entremezes espanhóis .....	50
4.2.1.2 – Relações de Inferior para Superior em entremezes espanhóis .....	61
4.2.2 – Relações Simétricas ou Solidárias em entremezes espanhóis .....	73
4.2.2.1 – Relações Simétricas: Igualitárias Superiores em entremezes espanhóis .....	75
4.2.2.2 – Relações Simétricas: Igualitárias Inferiores em entremezes espanhóis .....	78
<b>4.3 – As formas nominais: outra expressão de poder e solidariedade .....</b>	<b>80</b>
4.3.1 – Relações Assimétricas em entremezes espanhóis.....	82
4.3.2 – Relações Simétricas em entremezes espanhóis .....	89
<b>5 – ANÁLISE DOS RESULTADOS: O TRATAMENTO EM ENTREMEZES PORTUGUESES.....</b>	<b>93</b>
<b>5.1 – Distribuição geral dos dados das formas verbo-pronominais de tratamento .....</b>	<b>93</b>
5.1.1 – Orações não-imperativas em entremezes portuguesas.....	94
5.1.2 – Orações imperativas em entremezes portuguesas .....	98
<b>5.2 – Formas verbo-pronominais de tratamento e a natureza das relações sociais.....</b>	<b>100</b>
5.2.1 – Relações Assimétricas ou de Poder em entremezes portuguesas.....	100
5.2.1.1 – Relações de Superior para Inferior em entremezes portuguesas .....	100
5.2.1.2 – Relações de Inferior para Superior em entremezes portuguesas .....	106
5.2.2 – Relações Simétricas ou Solidárias em entremezes portuguesas .....	110
5.2.2.1 – Relações Simétricas: Igualitárias Superiores em entremezes portuguesas.....	111
5.2.2.2 – Relações Simétricas: Igualitárias Inferiores em entremezes portuguesas .....	114
<b>5.3 – As formas nominais: outra expressão de poder e solidariedade .....</b>	<b>116</b>
5.3.1 – Relações Assimétricas em entremezes portuguesas.....	116
5.3.2 – Relações Simétricas em entremezes portuguesas.....	120
<b>6 – CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>123</b>
<b>7-REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....</b>	<b>126</b>



## ÍNDICE DE ESQUEMAS, FIGURAS E TABELAS

<b>2 - DESCRIÇÃO DO OBJETO.....</b>	<b>14</b>
<i>Esquema 1: sistema de tratamento espanhol atual.....</i>	<i>15</i>
<i>Esquema 2: tratamentos utilizados em regiões nas quais predomina a forma tú.....</i>	<i>16</i>
<i>Esquema 3: tratamento utilizados em regiões nas quais predomina a forma vos .....</i>	<i>16</i>
<i>Esquema 4: combinações possíveis para tú e vos.....</i>	<i>16</i>
<i>Esquema 5: níveis de formalidade das formas de tratamento.....</i>	<i>17</i>
<i>Figura 1- Expansão dos contextos pragmáticos de uso da forma Vossa Mercê nos séculos XV e XVII.....</i>	<i>19</i>
<b>3- PRESSUPOSTOS TEÓRICO-METODOLÓGICOS.....</b>	<b>23</b>
<i>Tabela 1: pronomes de tratamento utilizados no século XIX.....</i>	<i>24</i>
<i>Tabela 2: pronomes de tratamento utilizados no século XX.....</i>	<i>25</i>
<i>Figura 1: utilização das estratégias de polidez.....</i>	<i>29</i>
<i>Tabela 3: Constituição do Corpus.....</i>	<i>32</i>
<b>4. ANÁLISE DOS RESULTADOS: O TRATAMENTO EM ENTREMEZES ESPANHÓIS.....</b>	<b>40</b>
<i>Tabela 1- Corpus.....</i>	<i>40</i>
<i>Tabela 2 - Distribuição das formas verbo-pronominais em orações não-imperativas</i>	<i>41</i>
<i>Tabela 3 - Distribuição das formas verbo-pronominais em orações imperativas .....</i>	<i>46</i>
<i>Gráfico 1: Formas verbo-pronominais nas relações assimétricas: entremezes espanhóis (XVI - XVII).....</i>	<i>49</i>
<i>Tabela 4- Relações Assimétricas: Superior- Inferior.....</i>	<i>51</i>
<i>Tabela 5- Relações Assimétricas: Inferior- Superior.....</i>	<i>62</i>
<i>Gráfico 2: Formas verbo-pronominais nas relações simétricas: entremezes espanhóis (XVI - XVII).....</i>	<i>74</i>
<i>Tabela 6: Relações simétricas: Igualitário Superior.....</i>	<i>75</i>
<i>Tabela 7: Relações simétricas: Igualitário Inferior.....</i>	<i>79</i>
<i>Tabela 8: Distribuição das formas nominais pelas relações assimétricas .....</i>	<i>82</i>
<i>Tabela 9: Distribuição das formas nominais pelas relações simétricas.....</i>	<i>89</i>
<b>5 – ANÁLISE DOS RESULTADOS: O TRATAMENTO EM ENTREMEZES PORTUGUESES.....</b>	<b>93</b>
<i>Tabela 1- Corpus.....</i>	<i>93</i>
<i>Tabela 2 - Distribuição das formas verbo-pronominais em orações não-imperativas</i>	<i>94</i>
<i>Tabela 3 - Distribuição das formas verbo-pronominais em orações imperativas .....</i>	<i>98</i>
<i>Gráfico 3: Formas verbo-pronominais nas relações Assimétricas (Superior-Superior): entremezes portuguesas (XVI - XVIII).....</i>	<i>102</i>

<i>Gráfico 4: Formas verbo-pronominais nas relações Assimétricas (Inferior-Superior): entremezes portuguesas (XVI - XVIII).....</i>	<i>106</i>
<i>Gráfico 5: Formas verbo-pronominais nas relações Simétricas (Iguatário Superior): entremezes portuguesas (XVI - XVIII).....</i>	<i>111</i>
<i>Gráfico 6: Formas verbo-pronominais nas relações Simétricas (Iguatário Inferior): entremezes portuguesas (XVI - XVIII)</i>	<i>114</i>
<i>Tabela 4: Distribuição das formas nominais pelas relações assimétricas .....</i>	<i>116</i>
<i>Tabela 5: Distribuição das formas nominais pelas relações simétricas.....</i>	<i>120</i>

## ***1 - APRESENTAÇÃO***

A idéia original deste trabalho surgiu ainda durante a graduação, no período da Iniciação Científica, devido ao interesse em dar continuidade a um estudo preliminar comparativo sobre o processo de gramaticalização das formas *Vuestra Merced* > *usted* e *Vossa Mercê* > *você* em entremezes espanhóis e portugueses (Lopes, 2003). A proposta era tentar explicar a evolução das referidas formas nominais de tratamento (*Vuetra Merced* e *Vossa Mercê*) até chegar aos pronomes atuais (*usted* e *você*). Naquele momento, buscava-se identificar o que motivou a diferença semântica atual entre as formas sincopadas e gramaticalizadas. De início foi necessário estabelecer um recorte, pois se verificou que não seria possível, em um trabalho de Mestrado, acompanhar o desenvolvimento das formas de tratamento nas duas línguas desde seus primórdios até a contemporaneidade. Decidiu-se limitar o período estudado em dois séculos para a língua espanhola e três para a portuguesa.

Acredita-se que se deva destacar a dificuldade de compor um *corpus* equilibrado e homogêneo, no qual constassem peças do mesmo período histórico e com características semelhantes em termos das situações interativas criadas e papéis sociais dos personagens. Foram utilizadas, principalmente, peças (entremezes) do Projeto *LABOR-HISTÓRICO*<sup>1</sup>. Apenas a peça intitulada *Comedia Armelina* foi obtida na *Biblioteca Virtual Miguel de Cervantes*<sup>2</sup>. O objetivo era constituir um *corpus* com peças com temáticas semelhantes, por isso foram escolhidas dez peças de costumes nas quais fossem representadas relações familiares e profissionais. Nestas peças são representados personagens como escravas negras, ladrões covardes, esposos maldizentes, invejosos, etc. que utilizam um linguajar oportuno e gracioso.

O processo de estudo/aprendizado sobre a temática envolvida levou-nos a enveredar pela área da pragmática, mais especificamente à teoria da polidez, o que dá a este trabalho certo ineditismo visto que não se tem notícia de estudos que realizem análises semelhantes para sincronias pretéritas.

Neste trabalho, propõe-se estudar as estratégias verbo-pronominais e nominais de referência ao interlocutor utilizadas nos diálogos estabelecidos entre os personagens ficcionais de cinco peças teatrais escritas na Espanha (séculos XVI e XVII) e cinco em

---

<sup>1</sup> Mais informações sobre o Projeto no site <http://www.lettras.ufrj.br/laborhistorico/>

<sup>2</sup> [http://www.cervantesvirtual.com/servlet/SirveObras/02588406444614484232268/p0000001.htm#I\\_1\\_](http://www.cervantesvirtual.com/servlet/SirveObras/02588406444614484232268/p0000001.htm#I_1_)

Portugal (séculos XVI-XVIII). Considerou-se como formas ou estratégias verbo-pronominais todas as formas verbais e/ou pronominais por meio das quais era possível identificar a pessoa a quem se dirigia. A identificação do ouvinte, neste caso, poderia acontecer pela desinência número-pessoal do verbo e/ou pela presença explícita do pronome pessoal *tú/tu*, *vos/vós*, *Vuestra Merced/Vossa Mercê* e variantes. Como formas ou estratégias nominais foram consideradas todos os nomes, vocativos, utilizados para tratar a pessoa com quem se fala. Pode ser um nome próprio como *Chanfalla*, um diminutivo como *paizinho*, entre outros.

Busca-se explicitar, em este trabalho: (1) a variação entre as formas de tratamento de base verbo-pronominal, a fim de determinar e entender algumas mudanças lingüísticas ocorridas no período XVI-XVII para a língua espanhola e XVI-XVIII para portuguesa, (2) as relações sociais implicadas na utilização dessas estratégias verbo-pronominais e nominais, (3) os fatores sócio-pragmáticos que influenciam na seleção das formas de tratamento.

A literatura sobre as formas de tratamento é bastante vasta. Dentre estes trabalhos destacam-se Carricaburro (1997), Fontanella de Weinberg (1999), Red (2004), Navarro Gala (2004), Lopes (2004) e Estupiñán (2005), Rumeu (2004), Romera Castillo (1981); Ly *apud* Koch (2008), Amaral (2003), Menon (1997) e Menon & Loregian-Penkal (2002), Lopes et al (2008), entre outros.

Para mapear o uso destas estratégias de tratamento, os dados foram analisados com base na dicotomia do *Poder e Solidariedade* proposta por Brown e Gilman (1960), associada à Teoria da Polidez discutida por Brown e Levinson (1987). Com o intuito de estabelecer certas generalizações descritivas sobre o uso das formas tratamentais nas peças analisadas, partiu-se de uma análise de cunho mais quantitativo, aliada a comentários qualitativos alicerçados no viés da sócio-pragmática.

Este estudo está dividido em quatro capítulos, além dessa apresentação e das considerações finais. No capítulo 2, faz-se uma descrição do objeto de estudo, apresentando um breve histórico sobre as estratégias de tratamento ao interlocutor em espanhol e português. Também busca-se compreender as origens históricas do atual sistema de tratamento espanhol e português, mostrando que a heterogeneidade esteve presente durante todo o processo de evolução.

O capítulo 3 apresenta os pressupostos teórico-metodológicos sobre os quais está baseado este trabalho. Inicia-se com a Teoria de Poder e Solidariedade proposta por Brown e Gilman (1960), em seguida, envereda-se pela Teoria da Polidez de Brown e

Levinson (1987) e pela discussão da natureza da relação estabelecida entre os personagens a partir de Briz (2004). Descreve-se como o *corpus* foi constituído, explicitando a natureza das peças que compõem o mesmo.

No capítulo 4, referente aos resultados nos entremezes espanhóis, desenvolve-se a análise geral das estratégias, descrevendo quantitativamente o comportamento em termos das frequências de uso das formas verbo-pronominais e nominais no *corpus*. Analisam-se os dados a partir de uma perspectiva pragmática, buscando explicar os empregos tratamentais tendo em vista as relações sociais estabelecidas entre os personagens das peças.

No capítulo 5, descreve-se o uso das formas de tratamento nos entremezes portugueses, seguindo a mesma perspectiva e critérios adotados no capítulo anterior.

Por fim, apresentam-se as considerações finais sobre o assunto estudado. Nesta parte, tenta-se retomar as hipóteses e os objetivos, confrontando-os com os resultados obtidos.

## 2 - DESCRIÇÃO DO OBJETO

### - As estratégias de referência ao interlocutor: do presente para o passado

O breve histórico que se apresentará neste capítulo tem como objetivo relatar, a partir de textos de diversos autores<sup>3</sup>, quais foram as mudanças que ocorreram em Portugal e na Espanha quanto à utilização das formas verbo-pronominais e nominais de tratamento ao longo do tempo. Sabe-se que, na atualidade, o sistema de tratamento tanto em espanhol como em português é bastante complexo.

Nas gramáticas tradicionais do português, Rocha Lima (2003) e Cunha & Cintra (2001) afirmam que as formas de base nominal como *Você, o Senhor, Vossa Excelência* valem como verdadeiros pronomes pessoais. Além disso, defendem que a forma *vós* praticamente desapareceu da linguagem corrente do Brasil e Portugal, embora ainda seja utilizada para a segunda pessoa do plural quando se trata de uma situação cerimoniosa<sup>4</sup>. De mais a mais, os autores descrevem que na linguagem literária ainda se utiliza tal forma com referência a uma só pessoa como marca arcaizante. O pronome *tu* no português europeu é empregado no tratamento íntimo, mas está tendendo a ultrapassar os limites da intimidade, pois tem sido utilizado inclusive em relações mais igualitárias (colegas de profissão, de estudos, etc.), além das relações de “superior para inferior” (pais para filhos, avós para netos). No Brasil, o *tu*, segundo estes autores, se restringe ao extremo sul e alguns pontos da região norte. No restante do país foi praticamente substituído pela forma *Você ?* empregada no campo da intimidade, bem como no tratamento de iguais ou de superior para inferior. Lopes e Duarte (2003), no entanto, afirmam que no português europeu *você* ainda teria alguns traços de forma de tratamento e seria utilizado em distribuição com as formas *o (a) senhor (a)* e *tu* de acordo com o grau de intimidade entre os interlocutores. No Brasil, ao contrário, *você*

---

<sup>3</sup> Lapesa (2000), Teyssier (2001), Cintra (1972), Nebrija (1492), Rumeu (2004), Romera Castillo (1981); Navarro Gala (2004), Red (2004), Fontanella de Weinberg (1999), Navarro Gala (2004), Estupiñan (2005), Ly *apud* Koch (2008), Amaral (2003), Menon (1997) e Menon & Loregian-Penkall (2002), Lopes et al (2008), entre outros.

<sup>4</sup> Os resquícios de *vós* se limitam praticamente ao discurso religioso, sendo empregado em cultos evangélicos ou cristãos, principalmente, em referência ao texto bíblico.

estaria totalmente integrado ao sistema pronominal e conviveria com *tu* sem a flexão de segunda pessoa (Paredes Silva, 2003)<sup>5</sup>.

Segundo Estupiñan (2005), o espanhol falado na América teve sua origem na fala vulgar, rústica, popular e culta (em menor proporção) ensinada pelos conquistadores, colonizadores e evangelizadores a partir do processo de conquista. Além disso, a norma de cada região estaria intimamente ligada à história local. Devido a sua origem pouco uniforme, pode-se dizer que este tema tem alta complexidade. Carricaburro (2000) e Fontanella de Weinberg (1999) apontam que a dificuldade de compreender seu funcionamento concentra-se, principalmente, no que se refere ao uso de *vos/tú* ? utilizados em relações simétricas, marcando intimidade e familiaridade entre os interlocutores, ou marcando o pólo de menor poder nas relações assimétricas na América ? , e *usted* ? que expressa formalidade e poder.

Para Carricaburro (2000) e Fontanella de Weinberg (1999), o sistema atual de tratamento utilizado na maior parte da Espanha poderia ser esquematizado da seguinte forma:

Número	Informalidade/confiança/familiaridade/solidariedade	Formalidade/ polidez/ poder
Singular	<i>Tú</i>	<i>Usted</i>
Esquema 1: sistema de tratamento espanhol atual		

Na América Hispânica, as autoras afirmam existir três grupos distintos. Estes, resumidamente, utilizariam: (i) pronome *tú* em situações informais, familiares e solidárias e *usted* em interações formais, não solidárias; (ii) *vos* como forma de tratamento informal e solidária e *usted* para tratamento formal e não solidário; (iii) *tú* e *vos* para o tratamento mais íntimo e solidário, havendo uma gradação entre eles. Nos três sistemas de tratamento supracitados a forma *usted* é utilizada em momentos formais e não solidários.

O desaparecimento do *vos* nas áreas nas quais o pronome *tú* predomina e é quase totalitário, se deve, segundo Carricaburro (2000), a diferentes fatores como a instalação da Corte e a intensa vida senhorial e urbana em países como México e Peru. No caso de Porto Rico e Cuba, a manutenção do vínculo colonial com a Espanha até

---

<sup>5</sup> Para uma descrição mais atual do referido tema ver Machado Morito (2006); Rumeu (2004); Chaves (2006), Bezerra (1994) e Pedrosa (1999), Soares (1980), Soares e Leal (1993), Lopes et al (2008), entre outros.

final do século XIX foi o que provavelmente provocou o favorecimento de *tú*. O sistema pronominal para o tratamento ao interlocutor, neste caso, seria o seguinte:

Número	Informalidade/confiança/familiaridade/solidariedade	Formalidade/ polidez/ poder
Singular	<i>Tú</i>	<i>Usted</i>
Esquema 2: tratamentos utilizados em regiões nas quais predomina a forma <i>tú</i>		

Nas áreas onde o *vos* predomina (Argentina, Paraguai, Costa Rica, Nicarágua, Guatemala), ou seja, nas quais *vos* está totalmente generalizado e não concorre mais com o pronome *tú* o sistema tratamental utilizado é<sup>6</sup>:

Número	Informalidade/confiança/familiaridade/solidariedade	Formalidade/ polidez/ poder
Singular	<i>Vos</i>	<i>Usted</i>
Esquema 3: tratamento utilizados em regiões nas quais predomina a forma <i>vos</i>		

Por fim, existem áreas em que as formas *tú* e *vos* ainda concorrem, sendo possível inclusive combiná-las como mostra o esquema 4 (Chile, Bolívia, Equador, Colômbia, entre outros):

1	<i>Tú</i> mais verbo de segunda pessoa do singular: <i>Tú podrías acompañar a los viejos a un paseo.</i>
2	<i>Tú</i> mais verbo na segunda pessoa do plural (vós): <i>Tú no tenís por qué andarme poniendo mal con el jefe.</i>
3	<i>Vos</i> mais verbo na segunda pessoa do singular: <i>El que no sepa comportarse no será admitido la próxima vez, ya sabes vos.</i>
4	<i>Vos</i> mais verbo na segunda pessoa do plural: <i>Y vos, huevón, todavía te reís !Tremenda gracia!</i>
Esquema 4 <sup>7</sup> : combinações possíveis para <i>tú</i> e <i>vos</i>	

<sup>6</sup> É importante destacar que nesta descrição o foco está apenas no uso dos “pronomes sujeito” ou “pessoais do caso reto”. Para saber mais sobre o uso dos pronomes reflexivos, possessivos, etc. e sobre as formas verbais cf. Fontanella de Weinberg (1999), Carricaburro (2000), entre outros.

<sup>7</sup> Exemplos retirados de Fontanella de Weinberg (1999), p. 1405



Seguindo esta norma, temos *vos* e *tú* como formas mais íntimas e solidárias e *usted* como estratégia formal e deferente.

Além disso, é possível estabelecer três níveis de formalidade como demonstra o esquema 5. Tal norma é adotada no Uruguai:

Intimidade	<i>Vos</i>
Familiaridade	<i>Tú</i>
Formalidade	<i>Usted</i>
Esquema 5: níveis de formalidade das formas de tratamento	

Neste caso, adotam-se, segundo Fontanella de Weinberg (1999), tanto para *tú* como para *vos*, formas verbais de *vos* monotongadas (*tú cantás, temés, partís, vos cantás, temés, partís*). *Vos* seria utilizado entre esposos, irmãos, e amigos íntimos; *tú* entre colegas de trabalho, conhecidos; e *usted* no caso de não haver experiências compartilhadas, para marcar distanciamento.

A partir dessas breves descrições relativas ao português e ao espanhol, observa-se, em síntese, que (a) as formas *usted* e *você* na atualidade apresentam valores semânticos distintos: *você* é mais utilizado em relações íntimas, solidárias, próximas, enquanto *usted* marca formalidade, poder, distanciamento entre os interlocutores; (b) *vos* passou a concorrer com *tú* em várias áreas hispano-americanas com diferenças significativas de região para região, ao passo que, no português, a coexistência dá-se entre *você* e *tu*; (c) o pronome *vós* deixou de ser usual no português como referência à segunda pessoa do singular.

Em função desses aspectos divergentes, interessa-nos discutir as seguintes questões: Como funcionava o sistema de tratamento do espanhol quando foi trazido para o Novo Mundo durante o processo de conquista e colonização da América? E o do português? Que fatores extralingüísticos provocaram as mudanças no sistema das duas línguas ibéricas? Quando as duas formas – *usted* e *você* – (que tiveram origem comum) começaram a ser utilizadas em contextos distintos? O que determinou tal diferença? Quando *vos/você* e *tú/tu* passam a coexistir como tratamento de confiança? Com o objetivo de tentar elucidar estas e outras questões será necessário retomar as origens

desse processo descrevendo brevemente a evolução das formas de tratamento, nas duas línguas, ao longo dos séculos.

### - Voltando às origens

Sabe-se que as formas *vos* (espanhol) e *vós* (português) eram utilizadas para tratar um único interlocutor desde os últimos tempos do Império Romano (Lapesa, 2000 e Teyssier, 2001). Em ambos os países, temos, a princípio, a seguinte dicotomia: *vos/vós* como forma de respeito e *tú/tu* como forma familiar. Segundo Lapesa (2000), o *vos*, na Espanha, inicialmente, era utilizado como fórmula majestática, mas pouco a pouco seu uso se estendeu às classes mais baixas da sociedade. Para a língua portuguesa, Cintra (1972) e Teyssier (2001) registram que no período compreendido entre os séculos XIII e XV, existiam apenas duas maneiras de interpelar o interlocutor: *vós* para a deferência (utilizado inclusive para o rei) e *tu* para a intimidade.

Percebe-se que foi a partir do desuso das formas *vos/vós* para o tratamento cerimonioso que surgiram as formas nominais de tratamento (dentre elas *Vuestra Merced* > *usted* e *Vossa Mercê* > *você*). Cintra (1972, p.19) e Lapesa (2000, p.317) afirmam que o objetivo ao utilizar referidas estratégias era colocar em evidência uma característica louvável do ouvinte, evitando assim dirigir-se a ele diretamente.

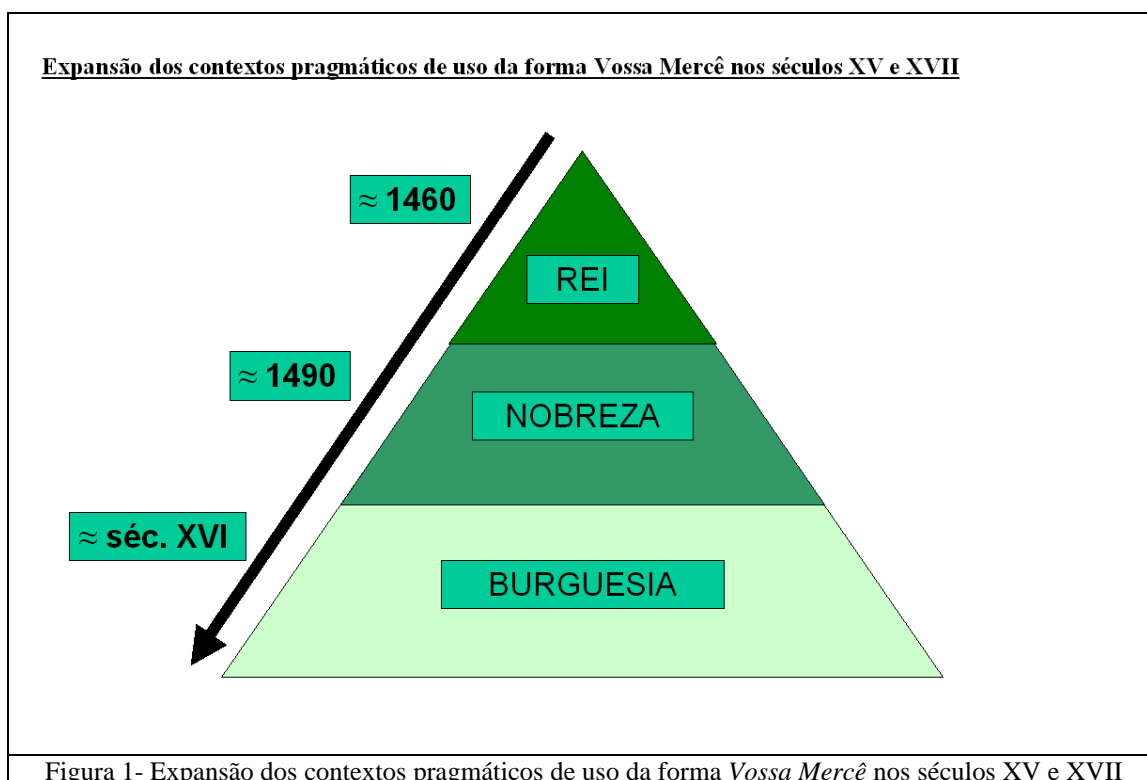
Lapesa (2000) assegura que o uso de *Vuestra Merced* é registrado na Espanha desde o século XIII. Para Portugal, Cintra (1972) registra ocorrência de *Vossa Mercê* desde 1331, nas Crônicas de Fernão Lopes ? ainda que fosse, quase sempre, nas falas de estrangeiros (em especial espanhóis) dirigindo-se ao rei de Portugal. O autor português assegura que este tipo de forma de tratamento foi importado para Portugal. Provavelmente, *Vossa Mercê* teve origem no castelhano e *Vossa Alteza* e *Vossa Senhoria* no italiano.

Antonio de Nebrija, em sua gramática de língua espanhola publicada em 1492, também menciona o uso de formas nominais de tratamento antepostas ao nome próprio como sinal de honra e fidalguia pelos latinos. Estes nomes nunca eram antepostos aos nomes dos escravos e de pessoas que cometiam algum crime contra o rei.

Segundo Teyssier (2001) devido o bilingüismo luso-espanhol entre meados do século XV e fins do XVII o sistema de tratamento dos dois países é muito semelhante. No entanto, analisando descrições feitas por outros autores (Cintra, 1972; Romera

Castillo,1981; Navarro Gala, 2004 e Red, 2004) já é possível identificar diferenças a partir do século XV.

No reino de Felipe II de Portugal foram estabelecidas leis, em 1597, que regulamentavam o uso das formas de tratamento. Destarte, podemos dizer que não se tinha certeza quanto ao uso das formas de tratamento, uma era utilizada por outra. Assim, propunha-se a lei com o objetivo de organizar a maneira como as pessoas se tratavam, mantendo o reflexo da hierarquização da sociedade nas formas de tratamento. Nessas determinações, *Vossa Majestade* deveria ser usada para o rei e a rainha, *Vossa Alteza* para os príncipes e sucessores do reino, *Vossa Excelência* para os filhos legítimos dos infantes e para o Duque de Bragança, *Vossa Senhoria* para nobres, pessoas do clero e funcionários do reino. Não é mencionado o uso de *Vossa Mercê*, no entanto, para Cintra (1972) seu uso era superior ao *vós*. Logo, teríamos *tu* para intimidade ou marcando inferioridade do interlocutor, *vós* para o tratamento cortês e *Vossa Mercê* também para o uso reverencial, mas superior a *vós*.



Apesar da lei de 1597, não foi possível conter o desgaste semântico das formas de base nominal. Por mais que Felipe II tenha tentado estabilizar o sistema de tratamento através da imposição legislativa, a extensão do uso das formas nominais foi

acontecendo. Em 1739, o rei D. João V viu-se obrigado a fazer uma nova lei. Mais uma vez a tentativa de manter viva a hierarquização social se refletia na normatização das formas de tratamento. Este rei já considerava irremediável que *Vossa Senhoria* e *Vossa Excelência* fossem utilizadas por diferentes camadas sociais, superando assim os limites estipulados em 1597.

O que se percebe é que *grupos cada vez mais numerosos e menos altamente situados na escala social* tentavam conquistar os tratamentos *Vossa Senhoria* e *Vossa Excelência* devido à decadência de *Vossa Mercê*. Por outro lado, nota-se o rechaço por parte de muitos em não ser tratado por *Vossa Mercê* e muito menos por uma de suas variantes como *vossancê* ou mesmo *ocê* (Cintra, 1972). Para este autor, no século XVIII tem-se o uso de *ocê* entre iguais, ainda que fossem da alta burguesia, sem qualquer matiz pejorativo.

Em um estudo lingüístico feito com base em peças portuguesas e brasileiras dos séculos XVIII e XIX, Lopes (2003) verificou, entretanto, que a forma *ocê* era produtiva entre personagens populares e nas relações assimétricas de superior para inferior, ao passo que *Vossa Mercê* permanecia produtiva nas relações assimétricas de natureza oposta. Rumeu (2004), por sua vez, detectou em cartas setecentista que *ocê* ocorria como forma de cortesia descendente, enquanto *Vossa Mercê* era utilizada entre iguais pertencentes à classe mais alta. Assim sendo, nota-se que ambos os trabalhos vão contra ao que postula Cintra (1972), mostrando que a forma “vulgar” *ocê*, provavelmente, não era utilizada pela alta burguesia sem qualquer restrição.

Também é no século XVIII que a forma *vós* entra em desuso, passando a ser considerada como traço arcaizante e próprio da fala de pessoas velhas ou provincianas (Cintra, 1972). Com isso, fica reservado às formas nominais de tratamento o trato de deferência; *vós* e a segunda pessoa do plural dos verbos passaram a ser consideradas rudes, rasteiras quando utilizadas a um único interlocutor. Ao mesmo tempo, *tu* segue sendo utilizado entre íntimos. A partir do final do século XVIII e início do XIX *vós* torna-se cada vez menos usual para o singular. Com isso, expandem-se as formas substantivas (*senhor, Dona, Sr.<sup>a</sup>*, entre outras). Além disso, Lopes (2006) afirma que é em meados deste século que os usos de *Vossa Mercê* e suas variantes (*Vosmecê, mecêa, vosse, você*) tornam-se divergentes. Segundo Lopes e Duarte (2003), em seu trabalho sobre teatro português e espanhol, no final do século XIX a forma gramaticalizada *você* passa a ocorrer com frequência no Brasil, anunciando uma concorrência com o pronome

*tu*, que se concretiza nos anos 30 do século XX (Duarte, 1993). Em Portugal *tu* passa a suplantiar outros usos nesse mesmo período.

Para a Espanha, temos vários autores versando sobre o tema de formas de tratamento. Segundo Ly *apud* Koch (2008) foi no século XVI que *Vuestra Merced* passou a integrar o sistema da língua espanhola. Fontanella de Weinberg (1999), Navarro Gala (2004) e Estupiñan (2005) estão em consonância e afirmam que havia três formas para tratar o interlocutor: (i) *Vuestra Merced* e variantes que era empregado em relações nas quais predominavam o respeito (esta forma era exclusiva de relações assimétricas ascendentes ? menos poder para mais poder ? e predominava em relações simétricas); (ii) *Vos* que era utilizado entre esposos e em relações assimétricas quando o destinatário tinha menos poder ou para marcar distanciamento entre os falantes; (iii) *Tú* ocorria em relações familiares, íntimas e de superior para inferior, marcando inferioridade do ouvinte.

Estupiñan (2005) diz que no século XVII a Espanha passava por mudanças políticas e econômicas que faziam com que a hierarquização da sociedade diminuísse. Tal fato se reflete nas formas de tratamento. Nesta época, segundo a autora já é possível observar o desgaste fonético da forma *Vuestra Merced* > *usted*. O processo teria sido o seguinte: *vuessa merçed* > *vuesa mestéd* > *vues-asted* (final do século XVI) > *vestéd* > *vustéd* > *usted*. Pla Cárceres *apud* Alvar e Pottier (1993), por sua vez, aponta que houve dois desenvolvimentos paralelos. De todas as formas elencadas por esta autora, apenas *usted* sobrevive.

Para Estupiñan (2005), neste período, *usted* era a forma de tratamento formal e reverencial; *vos* era usado de superior para inferior e tinha valor depreciativo. *Tú*, por sua vez, era usado no trato familiar, íntimo e também de superior para inferior.

Já no século XIX, Andrés Bello, gramático venezuelano, afirma ser fictícia a segunda pessoa do plural *vos* quando utilizada no lugar de *tú*. No entanto, segundo ele, esta estratégia apenas é utilizada quando se fala com Deus e com os Santos, ou em composições dramáticas, como característica arcaizante. No diálogo familiar as formas mais produtivas seriam *Usted* (que ele não elenca na lista dos pronomes de tratamento) e *tú*.

Assim sendo, é possível afirmar que a complexidade contemporânea quanto ao uso das formas de tratamento tem sua origem (tanto para a língua portuguesa como para espanhola) nos primórdios das duas línguas. Nota-se que *tú/tu* ao longo dos séculos se mantém sendo utilizada em interações íntimas, familiares ou para marcar inferioridade

do ouvinte. *Vos/ vós* sofre várias alterações: passa de forma utilizada no tratamento deferencial no século XIV à forma íntima e solidária na América Hispânica; só ocorre no Brasil e em Portugal como forma plural restrita a contextos específicos (como nas orações, rezas) e inexistente na Espanha.

Do mesmo modo, nota-se que o valor semântico das formas *usted* e *você* começou a se distanciar no momento em que as formas *vos/vós* entram em desuso para tratar a uma única pessoa. Na Espanha tal fato fez com que surgisse a necessidade de uma forma que cobrisse o espaço deixado por *vos* (que marcava distanciamento e cortesia), logo *usted* adquiriu um valor de maior distância e formalidade. Em Portugal, ocasionou a especialização de outras formas de tratamento (como *Vossa Senhoria* e *Vossa Excelência*) e a expansão das formas variantes de *Vossa Mercê* pelas mais diversas classes sociais, fazendo com que esta adquirisse um valor mais solidário e próximo, como ocorre no Brasil contemporâneo.

Tendo em vista não só a complexidade do sistema de tratamento aludido tanto em espanhol como em português, mas a própria falta de uniformidade no emprego de formas tratamentais ao longo do tempo, volta-se o foco do estudo para o período compreendido entre os séculos XVI e XVIII, visando identificar as motivações para a divergência entre os usos tratamentais de *tú/tu*, *vos/vós* e *Vuestra Merced/Vossa Mercê* > *usted/você*.

### **3- PRESSUPOSTOS TEÓRICO-METODOLÓGICOS**

#### **3.1- Aparatos Teóricos**

##### **3.1.1- A Semântica do Poder e da Solidariedade**

O estudo das formas de tratamento está intimamente ligado à investigação das relações estabelecidas entre os participantes da interação. Para entender estas relações se faz necessário discutir a dicotomia *poder e solidariedade*, proposta inicialmente por Brown e Gilman, em 1960, no trabalho *The pronouns of power and solidarity*.

Brown e Gilman apresentam um trabalho dividido em cinco partes principais. As três primeiras dizem respeito à semântica dos pronomes de tratamento. A primeira descreve, de maneira geral, a evolução dos pronomes de tratamento em algumas línguas. A segunda descreve as diferenças, quanto ao seu uso em francês, alemão e italiano. A terceira propõe a sua correlação com a estrutura social. Os dois últimos apartados correlacionam as formas de tratamento com as características do falante. Os autores afirmam que através do pronome de tratamento utilizado é possível identificar o posicionamento político e a classe social do falante. Além disso, a variação de uso estaria relacionada às variações de humor/ânimo ou das atitudes do falante.

Segundo Brown e Gilman (1960), a evolução nos pronomes de tratamento teria começado no latim, língua que tinha o pronome *tu (T)* para o singular e *vos (V)*<sup>8</sup> para o plural. *V* começou a ser empregado em sinal de respeito devido à existência de dois imperadores: um em Roma e o outro em Constantinopla. Quando alguém utilizava referido pronome para tratar um dos imperadores referia-se aos dois, pois se buscava manter a unidade do império. Com o passar do tempo *V* foi se tornando forma polida de tratamento, estando diretamente influenciado pelo poder do imperador, enquanto o *T* era utilizado para marcar inferioridade. No período medieval para o tratamento ascendente utilizava-se, então, *V* e para o descendente *T*. Entre iguais das classes superiores empregava-se *V*, enquanto nas classes populares era *T* o pronome utilizado.

Para estes autores, é possível identificar as relações de força entre falante e ouvinte através da análise dos pronomes de tratamento em várias línguas. Segundo Brown e Gilman (1960), ter *poder* é controlar, em alguma medida, o comportamento do

---

<sup>8</sup> Faz necessário destacar aqui que quando Brown e Gilman usam *T* e *V* não se referem somente às formas *tu* e *vous*, que são abreviações para os pronomes de segunda pessoa. *T*, neste caso, representa os pronomes utilizados no trato familiar, na intimidade (como por exemplo o *Tu* do italiano, francês e espanhol, o *Du* do alemão, o *Ty* do russo) e *V* representa os pronomes utilizados como forma não familiar ? tratamento polido (como o *lei* do italiano, o *Vous* do francês, o *usted* do espanhol, o *Sie* do alemão, o *Vy* do russo).

outro. Assim sendo, uma relação de poder, que não é recíproca, ocorre entre no mínimo duas pessoas. Além disso, há algumas “bases” de poder, ou seja, algumas condições prévias que fazem com que uma pessoa tenha mais poder que outra: força física, riqueza, idade, sexo, papéis institucionalizados na igreja, no estado, nas forças armadas ou na família. A partir do momento em que o falante identifica o pólo de poder que ocupa passa a fazer a seleção de formas de tratamentos possíveis, expressando através delas sua superioridade (pólo de mais poder) ou inferioridade (pólo de menos poder). Estas seriam as relações assimétricas.

Além das relações de poder, os pronomes de tratamento também estabelecem as relações simétricas e *solidárias*, a partir do contato freqüente entre os participantes da interação. Esse contato não é, entretanto, suficiente para estabelecer uma relação solidária uma vez que pode haver uma relação assimétrica e solidária (como a relação entre irmãos, um mais velho e outro mais novo), ou uma relação simétrica e não solidária (relação entre dois patrões).

Brown e Gilman (1960) afirmam que, no século XIX, nas relações assimétricas ascendentes predominaria o pronome *V*, enquanto que nas descendentes *T*. Nas relações igualitárias e solidárias a forma elegida pelos falantes seria *T* e nas não solidárias *V*. Deste modo, o esquema do tratamento seria o seguinte:

Cliente T/V    ↓    ↑    V Garçom	Oficial T/V    ↓    ↑    V Soldado	Patrão T/V    ↓    ↑    V Empregado
Pais T    ↓    ↑    T/V Filhos	Chefe T    ↓    ↑    T/V Subordinado	Irmão mais velho T    ↓    ↑    T/V Irmão mais novo
Tabela 1: pronomes de tratamento utilizados no século XIX		

Na tabela 1, podem-se observar algumas relações assimétricas descritas por Brown e Gilman (1960). Nota-se que na parte superior dos quadros tem-se o pólo de maior poder (cliente, oficial, patrão, pais, chefe, irmão mais velho) e na parte inferior o pólo de menor poder (garçom, soldado, empregado, filhos, subordinado, irmão mais novo). Percebe-se que, nas três primeiras relações (cliente-garçom, oficial-soldado e patrão-empregado), quem ocupa o pólo de maior poder tem a possibilidade de tratar seu



interlocutor por *T* ou *V*, enquanto quem tem menos poder usa obrigatoriamente *V*. Já nas três últimas relações (pais-filhos, chefe-subordinado, irmão mais velho-irmão mais novo), nota-se que a forma utilizada por quem tem mais poder é sempre *T*, pois esta marcava a inferioridade do ouvinte. A forma de tratamento utilizada por quem tinha menos poder, por sua vez, pode ser *T* ou *V*, dependendo do tipo de relação estabelecida entre os interactantes. Observa-se, portanto, que algumas alterações já estavam ocorrendo na direção de formas mais solidárias.

No século XX, tal comportamento se modifica. Através da aplicação de um questionário a informantes franceses, italianos e alemães, Brown e Gilman verificaram que as formas de tratamento eram recíprocas, mesmo nas relações apresentadas na tabela 1:

Cliente ↑ ↓ Garçom v	Oficial ↑ ↓ Soldado v	Patrão ↑ ↓ Empregado v
Pais ↑ ↓ Filhos T	Chefe ↑ ↓ Subordinado T	Irmão mais velho ↑ ↓ Irmão mais novo T
Tabela 2: pronomes de tratamento utilizados no século XX		

A partir da tabela 2 percebe-se que ocorreram algumas mudanças quanto ao uso das formas de tratamento. Nas relações cliente-garçom, oficial-soldado e patrão-empregado prevaleceu o pronome *V*, enquanto entre pais-filhos, chefe-subordinado e irmão mais velho-irmão mais novo predominou *T*. Tal mudança, para Brown e Gilman (1960), mostra que estava ocorrendo uma mudança na forma de tratar o interlocutor, favorecendo formas de tratamento mais solidárias.

Na perspectiva dos autores, a força que regia os pronomes de tratamento, nas sociedades antigas, era a do poder. Esta força, no entanto, foi sendo substituída gradativamente pela solidariedade, como se observa pela comparação das tabelas 1 e 2.

Segundo estes autores, um estudo histórico das formas de tratamento revela uma correspondência semântica e sócio-psicológica quanto ao uso das mesmas. Para eles, a semântica da solidariedade cresceu à medida que aumentou a mobilidade social e a ideologia igualitária. Não obstante, isto não quer dizer que não existam mais formas

de tratamento marcando assimetria. As formas pronominais de tratamento, que incitavam uma contínua codificação do poder, foram sendo substituídas por formas nominais, que permitem que o poder seja codificado no discurso.

Por fim, Brown e Gilman (1960) defendem que os pronomes de tratamento estão relacionados com o estilo de um grupo. Desta forma, as diferentes maneiras de fazer/falar a mesma coisa são identificadas como sendo próprias de cada grupo social. Nos questionários aplicados, os autores conseguiram identificar a variação na utilização dos pronomes de tratamento, relacionando-os com o *status* do falante. Além disso, observaram que o pronome *V*, antes utilizado pelas classes mais abastadas, à medida que se expandia para as classes mais populares, era sempre marca de boa educação. As formas de tratamento também seriam indicativas de humor (temperamento), assim uma mudança na forma de tratar o interlocutor pode ser um indicativo de que o falante está irritado. Os autores exemplificam tal fato com uma passagem da peça *Elizabethan and Jacobean* na qual ocorre uma mudança de *thou* (forma que marca mais admiração e respeito) para *you* (forma íntima ou marca de inferioridade) da seguinte maneira: *The momentary shift of pronoun directly expresses a momentary shift of mood* (Brown e Gilman, 1960, p.279).

Além dos conceitos apresentados, é importante ressaltar que o tipo de interação estabelecido entre os falantes também influi na escolhas tratamentais. Briz (2004) distingue dois tipos de interação: *interpessoal* e *transacional*. Esta tem um objeto de negociação concreto, uma finalidade precisa, realça a distância social, os direitos e obrigações são determinados e submetidos às convenções sociais. Está mais relacionada às relações assimétricas. Aquela, por sua vez, busca primordialmente a manutenção das relações sociais entre as pessoas. Do ponto de vista funcional, são relações simétricas.

Embora reconheçamos que as escolhas tratamentais não sejam determinadas apenas pelas relações de poder/solidariedade, a teoria proposta por Brown e Gilman, em 1960, nos dá os pilares para a discussão da mudança nos sistemas de tratamento. A correlação entre os usos tratamentais e a organização social, principalmente no que se refere às sociedades estratificadas do Antigo Regime (séculos XVI-XVIII), é pertinente para a análise dos dados deste trabalho, feito a partir de uma amostra de sincronias passadas. Tal perspectiva nos ajudou a definir as motivações sociais para a escolha de determinada forma de tratamento. Outro aspecto relevante da teoria é a configuração de um quadro básico de relações tipicamente de poder (patrão-empregado, pai-filho, etc) e

de solidariedade (entre amigos). Adotando tais pressupostos teóricos, é possível estabelecer um quadro geral das formas de tratamento esperadas ou prototípicas de cada tipo de relação, para que se possa, a partir delas, identificar as motivações sócio-pragmáticas que atuam no emprego de formas de tratamento chamadas de “desviantes” ou “não-esperadas”.

### 3.1.2- A Teoria da Polidez

Outro modelo que servirá de base para a análise do tratamento no *corpus* vincula-se à Teoria da Polidez (Lakoff, 1973; Brown e Levinson, 1978/1987; Leech, 1983; Blum-Kulka, 1987, 1990, 1992; Kebrat-Orecchioni, 1997). Para este trabalho propõe-se a adoção da perspectiva de Brown e Levinson (1978, 1987) que, apesar de não ser a primeira, é ainda a mais influente (Eelen, 2001) como perspectiva basilar das discussões posteriores sobre polidez/cortesia.

Para Eelen (2001), Brown e Levinson desejavam com esse estudo explicar como as relações sociais são construídas, fornecendo uma ferramenta lingüística para analisá-las. Ambos não enxergam a polidez apenas como o julgamento que as pessoas fazem umas das outras. “Polidez” não pode ser visto, neste caso, como norma social. No entanto, Eelen (2001) critica o fato de os autores não definirem o que é a polidez como norma social (que ele chama de Polidez 1) e como conceito técnico-científico, que apenas tem valor como uma teoria de interação social (nomeada por ele como Polidez 2).

Brown e Levinson (1987), assim como Lakoff (1973), vêem a teoria da polidez como uma maneira de evitar o conflito. Para Brown e Levinson, entretanto, o tema central vincula-se aos conceitos de *racionalidade* e *face*<sup>9</sup> que são reivindicados pelos autores como sendo características universais de uma *pessoa modelo*. A *racionalidade* é como o indivíduo raciocina visando alcançar seus objetivos. Cada indivíduo possui um modo de raciocínio que pode ser definido com precisão. Este o conduz a determinados objetivos a serem perseguidos e aos meios necessários para tentar consegui-los. Está relacionado ao princípio de cooperação (Grice, 1982). *Face*, por sua vez, é a imagem pública que a pessoa deseja para si, ou seja, o valor social positivo que uma pessoa efetivamente reclama para ela própria através daquilo que os

---

<sup>9</sup> O conceito de face proposto por B-L é derivado do conceito proposto por Goffman (1955).

outros presumem ser o perfil por ela tomado durante um contato específico. *Face* é uma imagem do *self* delineada em termos de atributos sociais preservados. A *face* envolve investimento emocional, podendo ser perdida, mantida ou enaltecida e deve ser cuidada constantemente durante uma interação. De maneira geral, os participantes trabalham para que as faces sejam mantidas.

Uma *pessoa modelo* tem duas faces: (i) *negativa* ou o desejo de não ter suas ações impedidas; estando relacionada com os “territórios do eu” e (ii) *positiva* é a imagem que o falante aspira para si e que deseja que seja reconhecida e reforçada pelos interactantes. A *face* tanto do falante como do ouvinte pode ser ameaçada por atos verbais ou não verbais em uma interação. Brown e Levinson (1978, 1987) enumeram os atos verbais que ameaçam, intrinsecamente, à face, ou seja, que são contrários aos desejos de face de um dos interlocutores (falante ou ouvinte):

1º *Atos que ameaçam a face negativa do falante*: são atos que podem afetar a autonomia e o território do emissor. As expressões de gratidão/agradecimentos, desculpas, aceitação de ofertas, respostas às gafes (*faux pas*), recusa de promessas ou oferendas se enquadram neste grupo.

2º *Atos que ameaçam a face positiva do falante*: são atos que afetam a imagem pública construída e desejada pelo mesmo. Seriam as desculpas, aceitação de elogios, perda de controle, auto-humilhação, confissões, admissão de culpas ou responsabilidades, falta de controle das emoções (perda de controle de risos e choro).

3º *Atos que ameaçam a face negativa do ouvinte*: são os atos que afetam a autonomia e território do ouvinte. São as ordens, pedidos, sugestões, advertências, ameaças, oferecimento, promessa, elogio, expressões de raiva ou admiração, expressões de fortes emoções (negativas) em relação ao ouvinte.

4º *Atos que ameaçam a face positiva do ouvinte*: são aqueles que colocam em risco a imagem do receptor, como, por exemplo, as expressões de desaprovação, críticas, ridicularizações, reclamações, repreensões, acusações, insultos, discordâncias, contradições, desafios, expressões de emoções violentas (fora do controle), irreverência, menção a tópicos tabus (temas inapropriados ao contexto), menção a coisas ruins a respeito do ouvinte ou enaltecimento de si próprio (menosprezando os outros), menção a assuntos que causem fortes emoções/conflitos (política, religião, corrida, direitos femininos) (com isso o falante cria uma atmosfera tensa e de perigo), não cooperação na atividade (interromper abruptamente o ouvinte, mostrar que não está prestando atenção no interlocutor), **uso de formas de tratamento**, marcas identificadoras de *status* em

encontros iniciais (o falante pode identificar mal o ouvinte de maneira ofensiva ou embaraçosa, intencionalmente ou acidentalmente).

Brown e Levinson (1978, 1987) também fazem referência aos desejos de face dos interlocutores. Segundo eles, todo falante reconhece os desejos de face de seu interlocutor e deseja satisfazê-los pelo menos parcialmente. Desta forma, pode-se dizer que as faces são, simultaneamente, objetos de desejo de preservação e alvo de ameaças. Então fica a pergunta: como preservar a face se a todo tempo estamos ameaçando-a?

Em contextos em que todas as faces estão vulneráveis, serão empregadas estratégias que minimizam tal ameaça. Três desejos serão levados em consideração: (a) o desejo de comunicar o conteúdo do ato de ameaça à face; (b) o desejo de ser eficiente e/ou urgente; (c) o desejo de manter a face do ouvinte em qualquer patamar. Assim sendo, o falante poderá empregar estratégias de polidez para tentar equilibrar os desejos de face e realizar os atos de ameaça à face na medida adequada.

Os fatores que irão determinar na escolha da estratégia de polidez serão:

- a) Distância Social (D) entre o falante e o ouvinte;
- b) Poder Relativo (P) entre o falante e o ouvinte;
- c) Grau de Imposição (G) em determinada cultura.

Estas variáveis são citadas pelos autores, porque acreditam que são consideradas pelos interlocutores como importantes para a interação verbal. Na Figura 1 tem-se a esquematização de como a escolha de uma estratégia de polidez ocorre:

Pagamentos		Falta de esforço / claridade	Satisfação da face positiva do ouvinte	Satisfação da face negativa do ouvinte	Escolhido quando o risco
		+	+	-	menor
<b>1. Diretamente sem ou com pouca reparação</b>		↑			↓
<b>2. Diretamente com reparação</b>	2.1 - Polidez positiva		↑	↓	
	2.2 - Polidez negativa				
<b>3. Indiretividade</b>					
		-	-	+	maior

Figura 1: utilização das estratégias de polidez

Na Figura 1 observa-se que os falantes podem agir diretamente ou indiretamente ao realizar seu ato. Quando escolhe agir diretamente, em geral, o risco é baixo para sua própria face, pois as estratégias de indiretividade ocorrem quando sua

face está mais ameaçada. Quando a ameaça à face do interlocutor tende a afetar mais sua face positiva deve-se utilizar uma estratégia de polidez positiva para repará-la ou minimizá-la. Caso a face ameaçada seja a negativa deve-se empregar uma estratégia de polidez negativa. Para determinar o risco que os interlocutores correm ao se relacionarem (determinando quem tem mais poder, a distância social e o grau de imposição) faz-se o cálculo do risco que correm relacionando os três fatores supracitados, como exemplifica o esquema a seguir:

$$\text{Risco do AAF} = D_{(\text{entre F e O})} + P_{(\text{entre F e O})} + G_{\text{do AAF}}^{10}$$

Segundo Kerbrat-Orecchioni (2006), o modelo até aqui apresentado é bastante produtivo. Não obstante, esta autora critica principalmente a concepção excessivamente pessimista dessa perspectiva. Por isso, propõe os “anti-atos de ameaça a face” ou “atos valorizadores da face”. Pela proposta apresentada por esta autora, as estratégias de polidez positiva estão relacionadas com os atos valorizadores da face: reconhecimento da imagem pública do falante. Já a polidez negativa consiste em evitar um ato de ameaça à face.

Vale ressaltar que temos consciência de que a Teoria da Polidez proposta por Brown e Levinson (1978, 1987), a ser adotada neste trabalho, apresenta algumas limitações e lacunas. Em primeiro lugar, destaca-se que os autores não definem claramente se estão tratando do conceito de *Polidez* como norma social ou como conceito técnico-científico. Implicitamente, percebe-se que se aborda a segunda perspectiva, como afirma Eelen (2001). Em segundo lugar, é necessário ter em mente que o falante ameaçar sua própria face não parece, à Eelen (2001), coerente, pois o falante estaria sendo impolido com ele próprio (!?).

A crítica feita por Kerbrat-Orecchioni (2006, p. 81) sobre o caráter *excessivamente pessimista, e até mesmo “paranóide”* do modelo refere-se ao fato de considerar **todos** os atos de linguagem como **atos de ameaça à face**. Segundo a autora, Brown e Levinson desconsideram que alguns atos valorizam a face (elogios, agradecimentos, votos) e não a ameaçam.

Outro ponto polêmico da perspectiva de Brown e Levinson, revisto por vários autores (Kerbrat-Orecchione, 2006, Eelen, 2001, etc), está centrado na própria definição

---

<sup>10</sup> “Risco de Ameaça à face” é igual a soma da “Distância Social existente entre falante e ouvinte” mais “poder relativo entre falante e ouvinte” mais “Grau de imposição do ato de ameaça à face”.

de *atos de fala*. Os autores consideram que tanto os *atos verbais* como os *não verbais* podem ser “atos de ameaça à face”. Partindo dessa perspectiva, portanto, quando se fala de “ato” não se refere somente aos típicos “atos de fala” (entendidos por nós como todo enunciado lingüístico que visa produzir certo efeito e implicar certa modificação na situação interlocutiva como são os pedidos, ordens, promessas, entre outros). Percebe-se que a definição de “ato”, adotada pelos autores, é bem ampla e abrangente, pois se considera: *by ‘act’ we have in mind what is intende to be done by a verbal or a non-verbal communication* (Brown e Levinson, 1978, p.70). Tal postura se confirma no momento em que Brown e Levinson listam os “atos” que podem ameaçar a face do falante e/ou do ouvinte, incluindo neste elenco tanto *atos de fala* prototípicos (como os pedidos, reclamações, ordens, promessas, sugestões, etc) quanto outros tipos de “atos” (expressões de emoção violentas (fora do controle), irreverência, falta de cooperação, aceitação de elogios, **uso de formas de tratamento**, etc).

É justamente esta maior abrangência do termo “ato” que nos fez optar por esse modelo, pois acreditamos que em alguns momentos (não todos) as formas verbo-pronominais e nominais de tratamento podem ser consideradas como um ato de ameaça à face positiva do ouvinte. Afinal, através delas o falante explicita a imagem que tem sobre seu ouvinte. Na maioria das vezes, porém, as formas tratamentais poderão, na perspectiva adotada, funcionar para amenizar um ato de fala, sendo, portanto, estratégias de polidez positiva e/ou negativa, responsáveis, assim, por mitigar o ato de ameaça à face.

## **3.2 - Metodologia**

### **3.2.1- O Corpus**

O *corpus* deste trabalho é composto por dez peças teatrais populares, sendo cinco espanholas e cinco portuguesas. Nem sempre foi possível determinar o autor das peças, por isso na tabela a seguir tal informação não é mencionada em algumas peças.

	Peça	Autor	Ano
Peças Espanholas	<i>Comedia Armelina</i>	Lope de Rueda	1567
	<i>El Retablo de las Maravillas</i>	Miguel de Cervantes	1615
	<i>Entremés famoso del Mortero y Chistes del Sacristán</i>	Lope de Rueda	1617
	<i>Entremés de la Ronda</i>	Autor desconhecido	1659
	<i>Entremés famoso del hambriento</i>	Moreto	1675
Peças Portuguesas	<i>Auto da Índia</i>	Gil Vicente	1509
	<i>O Fidalgo aprendiz</i>	D. Francisco Manuel de Melo	1646
	<i>A escola do Amor</i>	Autor desconhecido	1783
	<i>As convulções, desmaios, e desgostos, de huma peralta da moda na infausta morte do seu caõinho, chamado Cupido</i>	Autor desconhecido	1789
	<i>A dama Presumida</i>	Autor desconhecido	1794
Tabela 3: Constituição do <i>Corpus</i>			

Sabe-se que este tipo de texto não é o melhor para estudar uma interação visto que, embora seja produzido com o objetivo reproduzir situações de diálogo, pertence à modalidade escrita da língua, desenvolvendo-se com elementos típicos deste tipo de texto. No entanto, vários autores confirmam sua eficiência quando não é possível constituir um *corpus* mais adequado para estudar as relações dialógicas. Tal é a situação deste trabalho, uma vez que se estudam formas de tratamento em sincronias passadas. Brown e Gilman (1990) *apud* Haverkate (2001), por exemplo, afirmam que os textos dramáticos são os mais eficazes para fornecer informações da linguagem coloquial. Culpeper (1998) e Weber (1998, 2002) *apud* Cordisco (2003) afirmam que as obras teatrais, em especial, são fonte importante de referência para a observação de determinadas características comunicativas próprias das interações verbais cara a cara, que também estão presentes em *corpora* mais naturais. Assim sendo, apesar de todos os problemas que o *corpus* possa apresentar, acredita-se que seja adequado para o tipo de estudo que se propõe. Além de ser uma das poucas, senão a única, possibilidade de tentar estudar as formas de tratamento em séculos passados.



Para compor este *corpus* selecionaram-se peças populares que representassem a sociedade da época, preferencialmente entremezes que são representações breves, engraçadas, que se inseriam entre os atos de uma comédia para divertir e alegrar o auditório (Cotarelo, 2000). A origem da palavra vem do latim *intermedium*. Este tipo de texto começou a ser nomeado desta maneira no século XVI, mas já eram produzidos dois séculos antes. Aliás, sabe-se que se trata de um gênero tão antigo em Portugal como na Espanha.

Os entremezes primitivos eram escritos em prosa (até os primeiros anos do século XVII). Após esta data, alguns autores passaram a escrevê-los em verso.

Para compor o *corpus* foram priorizadas peças que tivessem temáticas parecidas. Em todas as peças observa-se a presença de relações familiares (pais-filhos, entre irmãos, entre esposos) e de amizade. Há também relações que causam o desequilíbrio das histórias: os impostores, os amantes, os empregados abusados, entre outros. Geralmente este tipo de peça termina com um baile.

Faremos a seguir uma breve sinopse de cada entremez, começando pelos de origem espanhola.

### ? Sinopse dos entremezes espanhóis: séculos XVI e XVII

*Comedia Armelina*, escrita em 1567, conta a história *Armelina*, personagem principal e que dá nome à peça. Esta jovem é criada por *Inês* e *Pascual*, seus pais adotivos. No entanto, seu pai verdadeiro *Viana* está a sua procura. Com o objetivo de encontrá-la, ele procura inclusive um vidente (que é ajudado por *Medea*). *Armelina* está a ponto de casar-se a contra gosto com um sapateiro (devido à vontade de seus pais adotivos) e por isso deseja cometer o suicídio. Porém, com a intervenção de *Neptuno* tal feito é evitado e a jovem consegue ficar com seu amor: *Justo*.

Em *El retablo de las maravillas* (1615) tem-se a história de dois impostores que chegam a um povoado para aplicar um golpe (apresentar um painel mágico do qual saem seres fantásticos) para os seus habitantes. O painel só seria visto por quem fosse “cristão velho” e todos os personagens estavam certos que conseguiriam. Nesta peça temos ocupando a classe menos favorecida os impostores *Chanfalla*, *Chirinos* e o jovem ajudante *Rabelín*. Os demais personagens pertencem à classe mais alta, ocupam cargos públicos ou/ e são nobres (são eles: *Gobernador*, *Benito Repollo* ? prefeito ? , *Juan Castrado* ? dirigente ? , *Pedro Capacho* ? escrivão ? , *Juana Castrada*, *Teresa*

*Repolla* e *Furrier* ? oficial responsável pela cobrança). Todos os personagens fingiam ver as figuras mágicas que saíam do painel. Apenas *Pedro Capacho* estava inconformado por não ver nada e não sofrer nenhum efeito do que descreviam aparecer, no entanto para não ser diferente e tão pouco não ser cristão velho ele acabou fingindo também. No meio desta agitação, aparece *Furrier* que pede abrigo ao *Gobernador* para seus homens e animais. *Gobernador*, assim como os outros personagens, acredita, contudo, que *Furrier* também é uma figura saída do painel e por isso não toma as providências cabíveis para hospedar a tropa. Quando o oficial chega com sua tropa é insultado de bastardo e judeu convertido. Devido às acusações, *Furrier* fica muito nervoso e então brigam. *Chanfalla* e *Chirinos* saem vitoriosos da apresentação, planejando fazê-la para o povo.

Em *Entremês famoso del Mortero y Chistes del Sacristán* (1617) tem-se a história de um casal formado por *Vejete* e *Marina*, ele mais velho e ridículo, ela jovem e infeliz. Devido a estas características de *Vejete*, a jovem busca a felicidade nos braços de outro homem, no caso *Sacristán*. O amante de *Marina* não estava, porém, preocupado em manter seu relacionamento em segredo. Ele buscava diversão. Por isso, dá um manto para *Marina* de presente, deixando-a muito feliz. No entanto, durante a madrugada *Sacristán* se mostra arrependido de ter dado seu manto à jovem e, vai buscá-lo. A interpelação pelos que estão dentro de casa não ocorre de maneira discreta. *Sacristán* chama em voz alta a todos que vivem na casa (*Vejete*, *Marina* e *Lorenzo*). No início *Vejete* tenta refutar a informação de que havia sido traído, porém não consegue por muito tempo. A peça termina com uma canção na qual *Vejete* é aconselhado a devolver o presente dado a *Marina* sem resistência, pois não era mais possível remediar o problema.

Em *Entremés de la Ronda*, peça escrita em 1659, tem-se a história de *Alcalde* e *Magdalena*. Ele é medroso e bobo. Ela, por sua vez, se aproveita da ingenuidade de seu marido. Nesta obra *Alcalde*, que é uma autoridade (“prefeito”), tem por obrigação sair à noite para realizar uma ronda na cidade. Ele detesta tal obrigação. No dia relatado, após cumprir suas obrigações, *Alcalde* é informado por *Escribano* que está ocorrendo uma festa em homenagem à *San Benito* e que ele deveria ir. Assim sendo, ele sai de sua casa para cumprir sua obrigação, deixando sua esposa sozinha. Ela, aproveitando-se da ausência do marido, recebe *Barbero*. Este homem tem como objetivo cortejar a mulher, mesmo sabendo que ela é casada. *Escribano* avisa seu patrão que sua esposa recebe outro homem em sua casa, mas *Alcalde*, a principio, não acredita. Quando resolve

conferir, descobre que realmente era verdade, mas acaba acreditando que *Barbero* não sabia que *Magdalena* era casada. Por fim, surge na festa que ocorria no povoado uma feiticeira e *Alcalde* tem que caçá-la. A peça termina com a caça à bruxa.

Na peça *Entremês famoso del hambriento* (1675) temos a história de *Estudiante* e duas *Damas*. As *Damas*, em especial a *Dama I*, querem evitar que *Estudiante* vá atrás de sua comida (que está sendo levada por *Esportillero*). Para tanto *Dama I* impede que *Estudiante* vá embora lhe pedindo que seja testemunha provavelmente da compra de um imóvel, pois menciona-se uma escritura de venda. Em seguida, para detê-lo *Dama II* surge no palco com uma criança, a entrega à *Estudiante* e vai embora. O jovem fica segurando a criança, acha que ela está muito mal enrolada (a qualidade dos tecidos que o cobriam não era boa) e decide desenrolá-la. É neste momento que descobre que não existe criança alguma, eram apenas trapos. *Estudiante* então resolve ir atrás de *Esportillero* e conseqüentemente atrás de sua comida. Porém, mais uma vez, aparece a *Dama II*, vestida de maneira encantadora, e o impede de partir. Então aparece um *Vejete* que o confunde com um criminoso e manda seus homens prendê-lo. Por fim, ressurge ao palco a *Dama I* que confirma toda a brincadeira e manda servir o jantar e começar o baile.

À continuação serão apresentadas as obras de teatro português utilizadas.

### **? Sinopse dos entremezes portugueses: séculos XVI-XVIII**

Antes de apresentar um resumo das peças faz-se necessário dizer que não foi possível compor o *corpus* com entremezes portugueses apenas dos séculos XVI e XVII, pois só tínhamos uma peça representando o século XVII e nenhum entremez para o século XVI. A solução encontrada foi analisar uma peça de Gil Vicente representando o século XVI e utilizar o único entremez do século XVII que tínhamos disponível. Além disso, recorreremos aos entremezes do século XVIII. Tal fato compromete a análise feita, uma vez que nos impossibilita de realizar generalizações para o período. Os resultados apresentados limitam-se à análise das peças em questão.

A peça portuguesa *Auto da Índia* (1509) conta a história de um homem que foi para Índia e deixou sua esposa em Portugal. Logo que o marido foi embora, *Ama* começa a receber a visita de dois homens (pretendentes): *Castellano* e *Lemos*. O primeiro era um novo *affair*, enquanto o segundo era um antigo namorado, ainda apaixonado por *Ama*. O primeiro ao ir visitá-la, após a partida de seu marido, é

*Castellano*. No início *Ama* reluta em recebê-lo, mas acaba aceitando-o. Os dois combinam que *Castellano* voltaria mais tarde e atiraria pedrinhas na janela. Coincidentemente, *Lemos* decide visitar *Ama* na mesma noite. *Castellano* e *Lemos* se encontram na casa de *Ama*. A jovem então diz para *Castellano* que espere no quintal até que seu irmão vá embora. Para *Lemos* *Ama* diz que quem chamava era um vinagreiro. *Ama* consegue controlar a situação, mantendo um do lado de dentro da casa e o outro do lado de fora. O tempo passa e o *Marido* volta da África. Neste momento *Ama* se desespera, pede à criada que quebre suas coisas e jogue fora a comida, pois o marido não pode saber que ela viveu bem o tempo que ele esteve fora e não pode encontrar o que comer. O *Marido* chega e diz à *Ama* que fez fortuna. A mulher mente dizendo que foi fiel, que sofreu com sua partida e passou muitas necessidades em sua ausência. A jovem então se acalma e resolve ir até a embarcação ver os tesouros trazidos pelo marido. A peça então termina.

Na obra *O fidalgo Aprendiz* (1646), temos a história de um burguês que queria ser fidalgo e por isso estava aprendendo a se comportar e a realizar as mesmas atividades que estes faziam. Por isso, tinha aulas de poesia, esgrima e danças. O fidalgo, que se chamava *D. Gil*, tinha o apoio de dois amigos em especial: *D. Beltrão* e *Affonso*, seu criado. No entanto, estes dois personagens, na verdade, eram impostores e não estavam interessados em ajudar *D. Gil*, ao contrário, desejavam roubar sua fortuna. Aliados a *Isabel*, os dois impostores armaram um plano para que *D. Gil* fosse roubado. O esquema consistia em fazer com que o fidalgo quisesse se casar com *Britez*, filha de *Isabel*. Assim sendo, convenceram-no a “roubar” a jovem (que era contra todo o golpe). Deste modo, no dia que *D. Gil* foi à casa de *Isabel* raptar *Britez*, a mãe o recepcionou e lhe entregou uma trouxa cheia de coisas. Assim que *Gil* estava de posse da trouxa, *Isabel* começou a gritar por socorro, pois estava sendo roubada. Neste momento aparecem *Beltrão* e *Affonso* vestidos como autoridades e deram ordem de prisão a *Gil*. Desta forma, *Gil* perdeu tudo que tinha.

*A escola do Amor* (1783) conta a história de *Thomazia* e *Jacinta*, sobrinhas de *Tiburcio* (que tem por profissão ser tutor), que são namoradas de *Florêncio* e *Florindo* respectivamente. O velho protege suas sobrinhas, impedindo-as que namorem, mas como já não enxerga muito bem as duas jovens e seus respectivos namorados armam um plano para que eles possam ficar dentro de sua casa: ambos os jovens se fazem passar por crianças que são deixadas na casa de *Tiburcio* para receber instrução. Eles são ajudados por um feitiço. Ao mesmo tempo em que se desenrola a história de amor

entre *Thomazia* e *Florêncio* e *Jacinta* e *Florindo* ocorre a história de *Melania* e *Fernando* (os dois criados da casa). No final dá tudo certo para os jovens enamorados e o *Cupido* acerta uma flecha no coração de cada um. *Tiburcio* e seu aluno *Roberto* ficam com muita raiva pelo ocorrido, todavia já não podem fazer nada contra.

*As convulsões, desmaios, e desgostos, de huma peralta da moda na infausta morte do seu caõinho, chamado Cupido* (1789) conta a história de *Esmeraldina* uma jovem apaixonada por seu cachorrinho *Cupido*. O animal estava muito doente, e sem saber o que fazer *Esmeraldina* resolve chamar uma curandeira ? *Preta* ? para salvá-lo. O criado *Gerio* se diverte com a situação, pois achou tudo ridículo. Já a criada *Andreza* e o pai de *Esmeraldina*, *Otávio*, se opõem aos excessos da moça com um bicho, no entanto, isto não é suficiente: *Esmeraldina* está disposta a tudo para que o animal fique curado. Por fim, todos os esforços de *Esmeraldina* são em vão, *Cupido* morre para felicidade de *Otávio*, *Andreza* e *Gerio*.

Na obra intitulada *A Dama Presumida* (1794) têm-se duas histórias de amor paralelas: *Claudina* (que é a personagem que dá título a obra) e *Clorindo* (pertencente à classe abastada) e *Pascualina* e *Laberco* (os empregados). A história gira em torno de *Claudina* ? pessoa muito vaidosa, que gosta de estar sempre na última moda e sofre convulsões sempre que é contrariada. Seu pai, *Octávio*, prefere sempre não contrariá-la e realiza todas as suas vontades para não ter que arcar com os custos do tratamento. Com isso *Claudina* se aproveita: é arrogante, trata muito mal sua criada (*Pascualina*), que, como não pode contradizê-la, faz todas as suas vontades. O principal desejo de *Claudina* é casar-se com *Clorindo*. *Octávio*, a principio, é contra, mas quando a filha demonstra que irá passar mal o velho aceita o casamento. Por fim ele autoriza também que seus empregados se casem e proíbe para sempre “modas” em sua casa.

Por fim, deixa-se claro que não é objetivo do presente trabalho traçar uma descrição exaustiva das formas de tratamento referentes à segunda pessoa do singular no período compreendido entre os séculos XVI-XVIII em Portugal e na Espanha. Busca-se mostrar o comportamento de referidas estratégias nas obras que compõem este *corpus*, mostrando como as formas de tratamento se distribuem e quais as motivações pragmáticas para seu uso.

### 3.2.2- Grupo de Fatores Controlados

Com o objetivo de analisar as estratégias de referência ao interlocutor nas peças portuguesas e espanholas compreendidas entre os séculos XVI-XVIII e para efeito de uma descrição mais coerente, os dados foram analisados a partir dos seguintes aspectos lingüísticos e extralingüísticos:

- (1) peça analisada
- (2) forma de tratamento (se pronominal, verbal ou nominal)
- (3) estratégia utilizada (*tú/tu, vos/vós, V.M*)
- (4) tipo de sujeito (nulo ou pleno)
- (5) hierarquia da relação (superior-inferior, inferior-superior, igualitária superior ou inferior)
- (6) natureza da relação (pessoal ou transacional)
- (7) tipo de relação estabelecida (Patrão- empregado, Empregado –patrão, mãe-filha /pai-filho, filha-mãe/ filho-pai, empregado-empregado, namorado-namorada, namorada-namorado, comparsas/ amigos, Sacristán-vejete (amante-marido), Sacristán- Lorenzo, Vejete- Sacristán, Sacristán- Bobo, Isabel-Gil, Desconhecido –Gil, Gil-desconhecido, Farsantes- Gil, Gil –Farsantes, Tio-sobrinho, Sobrinho-tio, Furrier – Governador, Governador-Furrier, Sogro-genro, Genro-Sogro, entre desconhecidos, Humano-Deus, Aluno-Professor, Professor-Aluno, Irmão-Irmão, Viana-Moro, Medea-Moro, Guadalupe-Alguacil, Deus-Humano, Justo ou estudante- Alguacil, Muger ou Pascual- Alguacil)
- (8) Atos de ameaça a face (ameaça a face positiva ou negativa do ouvinte, ameaça a face positiva ou negativa do falante) ? analisados a partir de análise qualitativa.
- (9) Classificação do vocativo (Títulos genéricos, Títulos profissionais ou religiosos, Termos metafóricos ou metonímicos, Prenomes, Termos de parentesco, Diminutivos)

Ressalta-se que as formas utilizadas para apenas um interlocutor foram divididas em quatro grupos: *tú/tu, vos/vós, V.M* e formas nominais. Apenas foram analisadas as formas que desempenhavam a posição de sujeito ou vocativo. Também foram consideradas as desinências número pessoal de segunda pessoa (*tú/tu* e *vos/vós*) e de terceira pessoa (relacionando-as *V.M*). Ademais, contabilizaram-se as formas

nominais como vocativos. Não foram contabilizadas estratégias que se referissem a mais de um interlocutor (como *os senhores*).

As hipóteses postuladas para cada grupo de fatores serão apresentadas durante à análise dos resultados. Primeiramente, serão descritos os resultados quantitativos e qualitativos do *corpus* espanhol e, em seguida, analisam-se os relativos à amostra de entremezes portugueses. Parte-se da descrição das estratégias verbo-pronominais e, num segundo momento, são apresentados os resultados referentes às estratégias nominais.

#### **4. ANÁLISE DOS RESULTADOS: O TRATAMENTO EM ENTREMEZES ESPANHÓIS**

Neste capítulo, especificamente, tem-se interesse em descrever as estratégias verbo-pronominais e nominais com as quais se estabelece relação direta entre falante e ouvinte que foram encontradas no *corpus* do espanhol. Ademais, pretende-se identificar o valor semântico que as formas de tratamento adquirem em diferentes contextos para saber se expressam distanciamento ou não entre os interlocutores. Afinal, em consonância com Domingos (2001, p.21), acredita-se que *somente o uso determina a regra, pois as normas são sociais*.

Obeve-se um total de 779 ocorrências nas peças espanholas. Os dados foram quantificados e submetidos ao programa estatístico computacional *Makecell* inserido no pacote de programas GOLDVARB para o cálculo das frequências brutas.

A tabela abaixo dá um panorama geral de como os dados deste trabalho estão distribuídos, tendo em vista a origem da peça, o período em que foi escrita (século) e o título:

Século	XVI	XVII				Total
Espanhol	<i>Comédia Armelina</i>	<i>Entremês famoso del Mortero y Chistes del Sacristán</i>	<i>El Retablo de las Maravillas</i>	<i>Entremés de la Ronda</i>	<i>Entremés famoso del hambriento</i>	
Nº de dados	358	150	119	86	66	779

Tabela 1- *Corpus*

Na seqüência, serão apresentados os resultados relativos às formas verbo-pronominais. Foram co-relacionados estatisticamente fatores lingüísticos e extralingüísticos. Nessa seção, consideraram-se como fatores internos: a forma de tratamento (pronominal ou verbal) separando as orações não-imperativas das imperativas e o tipo de sujeito (se pleno ou nulo). Em relação aos fatores externos, foram levadas em conta as diferentes relações sociais estabelecidas entre o remetente e o destinatário nas interações, tendo em vista a perspectiva de poder e solidariedade proposta por Brown e Gilman (1960) e a teoria da polidez de Brown e Levinson (1987).



## 4.1 – Distribuição geral dos dados das formas verbo-pronominais de tratamento

### 4.1.1 - Orações não-imperativas em entremezes espanhóis

Na descrição das formas verbo-pronominais identificadas nos entremezes espanhóis dos séculos XVI e XVII, optou-se por analisar as orações não imperativas, separando-as das ocorrências no imperativo. Em princípio, o objetivo desse recorte na amostra era tentar identificar as possíveis motivações pragmático-discursivas que influenciariam o preenchimento da posição do sujeito em espanhol (e depois em português). Como, em geral, as formas verbais imperativas ocorrem preferencialmente nulas, a análise isolada dos dados tentava não enviesar nossos resultados.

A nossa principal hipótese quanto ao emprego das formas verbo-pronominais no período em análise parte das observações de Lapesa (2000), Red (2004). Os autores afirmam que é basicamente a partir do século XVI que *vos*, tratamento respeitoso para uma única pessoa, começa a perder espaço para *Vuestra Merced* (doravante *V.M*<sup>11</sup>). Obviamente, não houve no período, como ainda não há hoje, uma “homogeneização do uso das formas de tratamento” (Red, 2004, p. 228). Os sistemas de *tú*, *vos* e *V.M* (> *usted*) coexistiam e as escolhas tratamentais eram determinadas por motivações de natureza diversa. Apesar de os autores não serem unânimes na explicação da complexidade do sistema de tratamento do espanhol, a maioria localiza suas origens no período em que se investiga aqui (séculos XVI em diante). A tabela a seguir apresenta a distribuição dos dados por peças/ano:

	TÚ			VOS			V.M			Total
	Pleno	Nulo	Total	Pleno	Nulo	Total	Pleno	Nulo	Total	
Comedia Armelina (1567)	21	61	82/123 (66,7%)	6	27	33/123 (26,8%)	6	2	8/123 (6,5%)	123
El retablo de las Maravillas (1615)	2	9	11/36 (30,5%)	3	8	11/36 (30,5%)	8	6	14/36 (38,9%)	36
Entremés del mortero y chistes del Sacristán (1617)	1	19	20/37 (54,0%)	1	2	3/37 (8,1%)	1	13	14/37 (37,8%)	37
Entremés de la Ronda (1659)	0	4	4/23 (17,4%)	3	15	18/23 (78,3%)	0	1	1/23 (4,3%)	23
Entremés famoso del Hambriento (1675)	0	7	7/25 (28,0%)	0	3	3/25 (12,0%)	7	8	15/25 (60,0%)	25
Total	24	100	124/244 (50,8%)	13	55	68/244 (27,8%)	22	31	53/244 (21,7%)	244

Tabela 2 - Distribuição das formas verbo-pronominais em orações não-imperativas

<sup>11</sup> No *corpus* foram identificadas as seguintes formas variantes de *Vuestra Merced* : *vuesa merced*, *Vuasted*, *vuesanced*, *Vstè*, *bustè*, *vstèd*.

Foram encontrados 508 dados de formas verbo-pronominais de referência ao interlocutor no singular, sendo 244 em orações não imperativas. Como se vê na tabela 2, na maior parte dos entremezes analisados, verifica-se, em termos gerais, grande incidência do emprego das formas *tú* e *vos*, com favorecimento da primeira sobre a segunda: 50,8% de *tú* e 27,8% de *vos*. As variantes de *V.M* (como *Vuasted*, *Vuastedes*, *Vuesasted*) ocorreram em 21,6% dos dados, sendo desta maneira, a forma de tratamento dada ao interlocutor que ocorre em menor proporção, se se considerarem os resultados gerais da tabela. Analisando os dados por peça, percebe-se que apesar de apresentar altos índices percentuais em termos totais, a forma *tú* não ocorre majoritariamente em todas as peças. Ao contrário, prevalece em apenas duas: *Comedia Armelina* (1567) ? 66,7% ? e *Entremés famoso del mortero y chistes del Sacristán* (1617) ? 54,0%. Além disso, a forma variante de *V.M.*, menos freqüente no *corpus*, prevalece em duas peças: *El hambriento* (1675) ? 60,0% ? e *El retablo de las maravillas* (1615) ? 38,9%. A forma *vos* só é majoritária em *Entremés de la ronda* (1659), na qual obtém maioria absoluta dos dados: 78,3%. Na seqüência, serão comentados os resultados relativos ao preenchimento ou não da posição de sujeito com base ainda na tabela 2.

### - O preenchimento do sujeito em espanhol

Além dos resultados totais, observa-se na tabela 2 que prevalecem os sujeitos nulos sobre os sujeitos plenos quando se analisam as freqüências relativas às formas *tú* e *vos*. Esses resultados já eram esperados, pois como afirma Fernandez Soriano (1999) a língua espanhola permite omitir o pronome sujeito, diferenciando-se, desta maneira, de outras línguas como o inglês, que apenas admite construções com sujeito expreso. Tal comportamento se deve à riqueza do paradigma verbal que faz com que a partir da desinência flexional do verbo seja possível identificar as distintas pessoas gramaticais. Esta autora defende que a flexão contém em si o sujeito, possui suas características<sup>12</sup> e por isso a aparição de um sujeito expreso não é necessária em determinados casos<sup>13</sup> (Fernandez Soriano, 1999, p. 1227). Em espanhol há, no entanto, contextos em que os pronomes sujeitos são de fundamental importância para o entendimento do enunciado e, por isso, são preferencialmente preenchidos tendo em vista três fatores: a redundância, a ênfase e a ambigüidade (Enriquez, 1984, *apud* Soriano, 1999). Nestes casos de

<sup>12</sup> Tradução para *la flexión 'contiene en si' al sujeto, posee sus rasgos*

<sup>13</sup> Tradução para *la aparición de un sujeto expreso no sea necesaria en ciertos casos*

preenchimento, o pronome tônico teria como principal função o contraste ou a individualização de valores semânticos. É o que acontece, por exemplo, na peça *Entremês famoso del mortero y chistes del Sacristán* (1617) na qual tem-se apenas uma ocorrência de sujeito pleno com *tú* em (1) e uma com *vos* em (2):

(1)

Sacristán Dale por traído,  
Reina de mis ojos,  
Que en eso que pides  
No me verás corto.

Marina Anda acá, sol mío.

Sacristán Vamos, mi custodio,  
Que tú eres la guarda  
De este cuerpo fofo.  
Pero, ¿no me abrazas?

Marina Allega, cachorro.

Como é possível observar em 1, a posição de sujeito foi preenchida por uma forma pronominal tônica para, do ponto de vista semântico, evitar ambigüidade (*tú eres la guarda*), ou seja, evitar dúvida de quem era a guarda do corpo do *Sacristán*. Do ponto de vista pragmático, entretanto, evidencia a pessoa que possuía o corpo, focalizando por contraste a informação considerada relevante e que se atualiza com a forma de tratamento<sup>14</sup>.

(2)

Letra da Música “Marido, pues sois carnero,  
Si no queréis que se entienda,  
Dad al sacristán la prenda,  
Pues os ha vuelto el mortero.”

Vejete Hola, mujer mía,  
No quiero que pase,  
Si vos sois servida,  
ese consonante.

Marina ¿De qué?

Vejete De carnero.

Bobo Sea cordero, y vale.

---

<sup>14</sup> A partir de uma observação feita pelo Professor Doutor Xóan Carlos Lagarez Díez, membro da banca desta dissertação, acredita-se que o uso do sujeito *tú* neste exemplo pode ter sido influenciado pela métrica.

Em 2, nota-se que o sujeito pronominal é utilizado em *Si vos sois servida* para dar ênfase, uma vez que o *Vejete* (marido de *Marina*) está fazendo uma afirmação com o intuito de se livrar da acusação de que foi traído e, por isso, afirma à sua esposa e diante dos demais personagens da peça, que ela é bem servida em casa, ou seja, que não precisaria ter um amante. Logo, pode-se dizer que o pronome foi utilizado, do ponto de vista pragmático, para atualizar a informação relevante, e não deixar dúvidas de quem é que tem marido e que não precisa de um amante.

Na peça *El retablo de las maravillas* (1615) observa-se também o preenchimento da posição de sujeito com um pronome de segunda pessoa do singular com o mesmo objetivo dos casos anteriores:

(3)

Castrada ¡Y cómo, padre! No pienso volver em  
mi en três dias.  
Ya me vi em sus cuernos, que los tiene  
agudos  
como uma lesna.

Juan No fueras tú mi hija, y no lo vieras.

Neste exemplo, pode-se dizer que se tem uma expressão formulaica (composta por NEGAÇÃO + SUBJUNTIVO + SUJEITO PLENO), funcionando para intensificar a asserção do pai ao reconhecer a legitimidade de sangue da filha. O pronome *tú*, portanto, seria empregado para dar ênfase.

Percebe-se, no entanto, que ao contrário do que ocorre com as formas *tú* e *vos* (que favorecem os sujeitos nulos), as formas variantes de *V.M* tendem a favorecer o preenchimento da referida posição de sujeito. Como se vê na tabela 2, houve predomínio de sujeitos plenos em duas peças: *Comédia Armelina* (1567) e *El Retablo de las Maravillas* (1615). Além disso, observa-se o equilíbrio entre sujeitos nulos e plenos em *El hambriento* (1675). Apenas nas peças de 1617 e 1659 predomina o não preenchimento. Esta tendência também foi observada por Fernández Soriano (1999) que afirma o seguinte:

*la aparición explícita de usted es, en primer lugar, mucho más frecuente que la de otros pronombres tónicos e que isso dependeria tanto de factores pragmáticos como gramaticales e que la aparición de pronombres expresos vendría (...) a suplir*

*la falta de distinción que aportan los morfemas verbales de concordancia* (Fernandez Soriano, 1999, p. 1232 e 1236).

A seguir tem-se um exemplo da peça *Entremês famoso del mortero y chistes del Sacristán* (1617) na qual há apenas um dado de sujeito preenchido com uma variante de *V.M* (no caso, *Vuested*) em orações não-imperativas:

(4)

Sacristán Vuasted no se canse,  
que aún no es media noche.

Perales ¿No es mejor que cante,  
porque esa señora  
al son se levante?

Sacristán ¡Ay, señores míos!  
Vuastedes no saben  
el mal con que vengo.

Perales ¡Gentil disparate!  
Vuested vendrá  
perdido á remate  
por esa señora,  
que ronda la calle;  
y para decirnos  
sus penas y males,  
quiere encarecello:  
¿es aquesto?

Neste exemplo pode-se verificar que todos os personagens se tratam por uma forma variante de *V.M* (*Vuasted*, *Vuastedes*, *Vuested*), alternando formas preenchidas e não preenchidas. O personagem *Sacristán* foi tratado por *Perales* por *V.M* sem o preenchimento da posição de sujeito (*No es mejor que cante*), neste caso, percebe-se o uso de *V.M* apenas pela desinência número-pessoal. Em seguida, o mesmo personagem, dirigindo-se a *Sacristán*, preenche a posição de sujeito com o intuito de fazer uma advertência.

**Em suma**, os resultados parciais evidenciam que a delimitação do emprego de *tú* e *vos* não está claramente definida no período estudado como já havia constatado Romera Castillo (1981). As formas verbo-pronominais ainda estavam em competição nas peças analisadas. Nota-se inclusive que as formas de tratamento se distribuem por todo o período estudado, não apresentando um comportamento característico em um ou outro século.

A seguir, será feita uma análise das formas de tratamento em orações imperativas.

#### 4.1.2 – Orações imperativas em entremezes espanhóis

A tabela 3 apresenta a distribuição das formas *tú*, *vos* e *VM* em orações imperativas:

	TÚ			VOS			V.M			Total
	Pleno	Nulo	Total	Pleno	Nulo	Total	Pleno	Nulo	Total	
Comedia Armelina 1567	3	69	72/116 (62,1%)	1	34	35/116 (30,2%)	1	8	9/116 (7,7%)	116
El retablo de las Maravillas 1615	0	12	12/23 (52,2%)	0	4	4/23 (17,4%)	0	7	7/23 (30,4%)	23
Entremés del mortero y chistes del Sacristán 1617	0	27	27/63 (41,5%)	0	9	9/63 (13,8%)	4	23	27/63 (41,5%)	63
Entremés de la Ronda 1659	0	4	4/32 (12,5%)	0	26	26/32 (82,5%)	0	2	2/32 (6,2%)	32
Entremés famoso del Hambriento 1675	1	10	11/27 (40,7%)	0	3	3/27 (11,1%)	4	9	13/27 (48,1%)	27
Total	4	122	126/261 (48,3%)	1	76	77/261 (29,5%)	9	49	58/261 (22,2%)	261

Tabela 3 - Distribuição das formas verbo-pronominais em orações imperativas

Avaliando os resultados obtidos nesta tabela, confirma-se o favorecimento, se for focalizada, mais uma vez, a análise dos dados totais, de *tú* e *vos* (com 48,3% e 29,5%, respectivamente). No entanto, assim como nas orações não imperativas, estas duas formas não prevalecem em todas as peças, pelo contrário, *tú* predomina em três delas: *Comedia Armelina* (1567), 62,1%; *El retablo de las maravillas* (1615), 52,2% e *Entremés famoso del Mortero y chistes del Sacristan* (1617), 41,5%. *Vos*, por sua vez, predomina, com 82,5% dos dados, em apenas uma ? *Entremés de la Ronda* (1659). Por fim, *V.M* é predominante nas peças *El habriento de Moreto* (1675) com 48,1% e em *Entremés famoso del Mortero y chistes del Sacristán* (1617). Nesta última coincidem os valores de *tú* e *V.M*: 41,5%.

Confirma-se, a partir da análise das duas tabelas, que a forma *vos*, utilizada para referir-se a uma única pessoa, ainda se mantém como estratégia relativamente produtiva no teatro espanhol dos séculos XVI e XVII. Resta-nos saber o valor sócio-pragmático que era atribuído a tal forma, uma vez que se sabe que *vos* surgiu como tratamento empregado aos nobres e que pouco a pouco passou a ser utilizado em ambientes burgueses (como registra *El libro de Buen Amor* do século XIV segundo Lapesa, 1999), alternando seu uso com a forma *tú* no tratamento às damas. No século

XVI, como afirma Juan Valdez em *El diálogo de la Lengua*, *vos* era utilizado no tratamento de confiança entre iguais como se comprova no trecho a seguir:

La pongo por dos respetos: el uno por henchir más el vocablo, y el otro por que haya diferencia entre el *toma* con el acento en la *o*, que es para cuando hablo con un muy inferior, a quien digo *tú*, y *tomad* con el acento en la *a*, que es para cuando hablo con un casi igual, a quien digo *vos*; lo mismo es en *compra* y *comprad*, en *corre* y *corred*, etc. (VALDÉS, Juan. *Dialogo de la lengua*. Biblioteca Virtual Miguel de Cervantes, 2004)

Além disso, Lapesa (1999) postula que a diferença entre *tú* e *vos* foi tornando-se cada vez mais tênue e o uso de *vos* estendeu-se à fala popular, perdendo seu valor reverencial originário (...) ao ser utilizado em todas as camadas sociais (Lapesa, 1999, p.317).

Sintetizando o que foi observado nas duas tabelas, nota-se que os resultados são praticamente equivalentes nas orações não-imperativas e imperativas: domínio de *tú* seguido por *vos*, sendo *V.M* a estratégia menos frequente das três, porém com o maior índice de preenchimento de sujeito. Percebe-se ainda que os dados não evidenciam um comportamento regular e gradativo em termos cronológicos que aponte para a suplantação de uma estratégia sobre a outra ao longo do tempo. Logo, o que poderia determinar a diferença entre uma peça e outra? Qual é a interpretação possível para esses resultados? Como não se tem uma regularidade na distribuição dos dados nas peças estudadas, acredita-se que apenas uma análise de fatores sócio-pragmáticos poderá elucidar a questão.

#### **4.2 – Formas verbo-pronominais de tratamento e a natureza das relações sociais**

Na tentativa de identificar os fatores extralingüísticos que poderiam determinar o uso das formas de tratamento, controlou-se, em primeiro lugar, numa perspectiva sociolingüística, o tipo de relação social estabelecida entre os personagens das peças com base na dicotomia de “poder e solidariedade” discutida em Brown e Gilman (1960). Em segundo lugar, em cada uma destas relações de maior ou menor poder, a partir de uma perspectiva pragmática, observou-se a natureza do ato de fala e o grau de

imposição à imagem que contribui para a seleção de uma ou outra forma, como estratégia de polidez.

#### 4.2.1 – Relações Assimétricas ou de Poder em entremezes espanhóis

Como discutido no capítulo 3, as relações assimétricas, segundo Brown e Gilman (1960), são relações não recíprocas entre, no mínimo, duas pessoas, que não possuem poder na mesma área de atuação. O tratamento assimétrico de superior a inferior consiste em uma relação entre um emissor e um receptor na qual o primeiro exerce algum tipo de controle ou poder sobre o segundo em uma determinada situação. Ao contrário, na assimétrica de inferior para superior, observa-se que no trato entre emissor e receptor este detém poder sobre aquele. Portanto, pode-se dizer que nas relações assimétricas as pessoas se diferenciam pelo pólo de poder que ocupam.

Nossa **hipótese** é a de que, no período estudado, a delimitação do uso das formas verbo-pronominais em relações assimétricas ainda não estivesse claramente definida em função do espraiamento de *vos* e conseqüente emergência das formas nominais de tratamento, como é o caso de *Vuestra merced* e variantes.

Segundo Brown e Gilman (1960) a sociedade medieval era controlada pelo poder, desta forma, acreditava-se que cada homem já nascia com seu lugar pré-determinado e que não deveria desejar mudar esta posição. Esta condição era refletida no âmbito social através das formas de tratamento.

Para Lapesa (2000), na Espanha do século XV, *tú* era a forma de tratamento dada aos inferiores e *vos* era o tratamento respeitoso, que marcava reconhecimento de uma autoridade divina ou humana (Estupiñan, 2005). No entanto, com o surgimento da possibilidade de mudança de classe social ? surgimento da burguesia ? a maneira de tratar o interlocutor sofreu algumas alterações, principalmente a partir do século XVI com o uso mais freqüente das formas de tratamento de base nominal (*Vuestra Merced*, *Vuestra Excelencia*). Nesta época, *Vuestra merced* começou a ser empregada em contextos nos quais antes se utilizava *vos*. Este, por sua vez, começou a ser utilizado também em tratamentos despectivos, marcando inferioridade do interlocutor. Passou, assim, a concorrer com a forma *tú*, que era utilizada para tratar um interlocutor muito inferior (Valdés, 2004).

Partindo da hipótese de Navarro Gala (2004), acredita-se que, no período estudado neste trabalho (séculos XVI e XVII), havia duas normas de uso: a do povo ?



que utilizava as formas variantes de *vuestra merced* e *vos* em relações insolidárias e assimétricas, marcando superioridade do interlocutor ? e a da elite ? que empregava *tú* com pessoas mais simples e *Vuestra Merced* no tratamento de máximo respeito e formalidade.

No gráfico a seguir é possível verificar como as formas de tratamento, que aparecem no *corpus* (*tú*, *vos* e *V.M.*), eram utilizadas nas relações assimétricas:

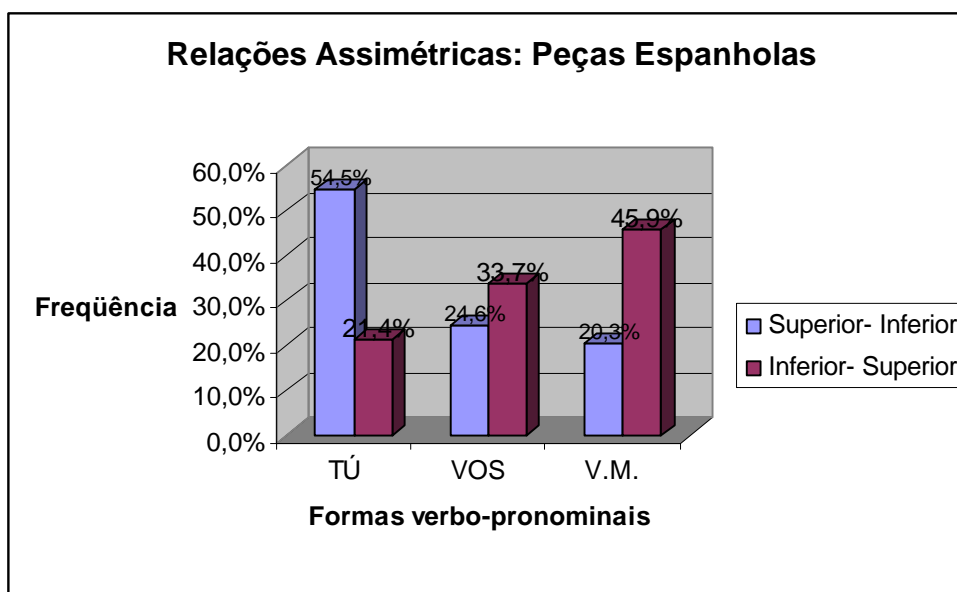


Gráfico 1: Formas verbo-pronominais nas relações assimétricas: entremezes espanhóis (XVI - XVII)

Analisando o gráfico 1, percebe-se uma polarização bem nítida quanto ao uso de *tú* e *V.M.*: o primeiro mais freqüente nas relações de *superior-inferior* e o segundo, ao contrário, produtivo nas relações inversas (*inferior-superior*) no tratamento formal e não-solidário. Interessante observar o comportamento mais equilibrado de *vos* que é a segunda estratégia mais freqüente nos tipos de relação assimétrica: de *superior-inferior* com 24,6% e de *inferior-superior* com 33,7%. Aparentemente, *vos* está perdendo seu caráter respeitoso e se aproximado do uso de *tú*, ou seja, seu uso transladava de um pólo que marcava mais poder para o pólo que marcava menos poder. Em linhas gerais, vê-se a forma *tú* como estratégia mais freqüente (54,5%) para marcar inferioridade do ouvinte. Cabe ressaltar, entretanto, que o emprego de *V.M.*, neste tipo de relação, surpreende, visto que tal estratégia era geralmente utilizada para explicitar máxima reverência ao interlocutor (Estupiñan, 2005). No entanto, Lapesa (2000), que já

registrava tal uso, afirma que era *vergonhoso não utilizá-la para inferiores honrados*<sup>15</sup>. Em função desses resultados, será apresentada em seguida uma análise qualitativa mais detalhada dos dados para identificar a natureza dessas relações assimétricas estabelecidas entre os personagens das peças, identificando, principalmente, os casos “não esperados” ou “não-prototípicos”. Sendo assim, na próxima seção, serão descritos os papéis sociais assumidos pelos personagens que, de certa forma, representariam a “sociedade espanhola da época”, pois acredita-se que este seja um dos fatores que condiciona a preferência por uma ou outra forma.

#### **4.2.1.1 – Relações de Superior para Inferior em entremezes espanhóis**

Na tabela 4 têm-se os tipos de relações assimétricas descendentes identificadas na amostra. É possível perceber a presença de papéis sociais prototípicos a partir da hierarquização social básica, como é o caso de *patrão-empregado*, *pai-filho*, *tio-sobrinho*, *sogro-genro*, etc. ao lado de relações que fogem desse padrão, como é o caso de *namorados*, *desconhecidos*, etc. Segue a distribuição dos dados tendo em vista as três formas de tratamento verbo-pronominais inventariadas no *corpus*.

---

<sup>15</sup>

Tradução nossa para: *era vejatorio regatearla a inferiores distinguidos* (Lapesa, 2000 p. 319).

	TIPO DE RELAÇÃO	TÚ	VOS	V.M	TOTAL
1	<b>Patrão-empregado</b>	43/82 52,5%	31/82 37,8%	8/82 9,7	82
2	<b>Pai/ mãe- filho(a)</b>	21/23 91,3%	0	2/23 8,7%	23
3	<b>Tio-sobrinho</b>	4/4 100%	0	0	4
4	<b>Sogro-Genro</b>	1 / 2 50%	1 / 2 50%	0	2
5	<b>Deus<sup>16</sup>-Humano</b>	28 100%	0	0	28
6	<b>Esposo-Esposa</b>	0	6/7 85,7%	1/7 14,3%	7
7	<b>Entre desconhecidos</b>	5/26 19,2%	3/26 11,6%	18/26 69,2%	26
8	<b>Vejete-Sacristán</b>	0	2/11 18,2%	9/11 81,8%	11
9	<b>Viana-Moro</b>	0	3/4 75%	1/4 15%	4
<b>TOTAL</b>		102/187 54,5%	46/187 24,6%	38/187 20,3%	187

Tabela 4- Relações Assimétricas: Superior- Inferior

Nota-se que a forma *tú* predomina em relações assimétricas descendentes prototípicas: *patrão-empregado* (52,5%), *pai/mãe- filho* (91,3%), *tio-sobrinho* (100%) e *Deus-Humano* (100%). A forma *vos*, por sua vez, é produtiva entre *Esposo-Esposa* (85,7%) e *Viana-Moro*<sup>17</sup> (75%). *V.M* prevalece *entre desconhecidos* (69,2%) e de *Vejete*<sup>18</sup>-*Sacristán* (81,8%). Entre *Sogro-Genro*, identificou-se apenas uma ocorrência de *tú* e uma de *vos*.

Das nove relações elencadas é possível identificar claramente qual o pólo de maior poder em cinco delas: *Patrão-empregado*, *pai/mãe- filho*, *tio-sobrinho*, *sogro-genro* e *Deus-Humano*. Como afirmam Brown e Gilman (1960, p. 255): *poder é o controle que uma pessoa exerce sobre a outra em uma determinada situação comunicativa*, sendo influenciado por fatores como: maior força física, maior poder econômico, idade mais avançada, sexo diferente, papel institucionalizado da igreja, do

<sup>16</sup> Nesta peça os Deuses *Neptuno* e *Medea* interagem com os personagens *Armelina* e *Moro*, respondendo seus questionamentos.

<sup>17</sup> *Viana* é tutor de *Justo* e procurava saber o paradeiro de sua filha (*Armelina*). *Moro* é um vidente proveniente da África. A relação entre eles se estabelece quando *Viana* procura *Moro* para pedir-lhe que encontre sua filha.

<sup>18</sup> Segundo o Dicionário da Real Academia Española, *vejete* era um termo utilizado no teatro para designar o personagem velho e ridículo (www.rae.es)

Estado, do exército ou da família. Partindo desse pressuposto, pode-se dizer que o patrão tem mais poder econômico que o empregado; os pais são superiores aos filhos pelos mesmos motivos que o tio o é em relação ao sobrinho, ou seja, devido à idade, poder econômico e o papel institucionalizado na família. O mesmo pode ser afirmado sobre *Sogro-genro*. Por fim, na relação *Deus-Humano*, o fator religioso determina obviamente a relação entre criador e criatura.

Não obstante há uma dificuldade na classificação das demais relações, pois não é simples aplicar o mesmo critério para justificar todas as relações localizadas. Nem sempre o que foi postulado por Brown e Gilman (1960) explica por que uma relação entre duas pessoas é considerada como de superior para inferior (ou seja, assimétrica descendente).

A mera correlação entre as formas de tratamento e o tipo de relação estabelecida pode não dar conta das escolhas feitas pelos personagens nas peças visto que nem sempre é fácil identificar (i) qual é o pólo de maior e de menor poder entre os personagens envolvidos e (ii) qual a motivação para a escolha de uma ou outra forma de tratamento em determinados contextos discursivos.

Held (1999) que relaciona poder e polidez afirma que a polidez está baseada na concessão figurada de poder do pólo mais forte ao mais fraco, estabelecendo um equilíbrio simbólico entre os interactantes nas situações que não são de conflito. Partindo dessa premissa, defende-se a necessidade de realizar uma análise qualitativa dos dados, utilizando a Teoria da Polidez (Brown e Levinson, 1987) para explicar a classificação das relações supracitadas como de *superior-inferior*.

Será considerado, na análise, o tipo de interação que se estabelece entre os falantes seguindo a proposta de Briz (2004). O autor classifica-os de acordo com a função do intercâmbio conversacional em *interpessoal* ou *transacional*. A interação transacional se caracteriza por ter um objeto de negociação concreto, uma finalidade específica e por realçar a distância social entre os interlocutores (relação patrão-empregado, por exemplo). Já a *interpessoal* se caracteriza por não ter outra finalidade além de buscar a manutenção das relações sociais. Acontece fundamentalmente em relações simétricas (relações entre amigos).

À luz da teoria de Brown e Levinson (1987), como discutido no capítulo 3, a noção de polidez gira em torno do conceito metafórico de face. A noção de face, nesta proposta, partiu da definição de Goffman (1955) que diz que cada pessoa tem e reclama para si uma imagem pública (relacionada à honra, reputação, prestígio) que deseja

conservar. Assim sendo, *face* é a imagem pública que o falante constrói (ou tenta construir) e tenta impor na interação. Segundo esta teoria, todas as pessoas são dotadas de duas faces: (i) face positiva ? personalidade que interlocutor deseja para si (o desejo de ser apreciado); (ii) face negativa ? relacionada ao território pessoal, ao direito de não sofrer perturbação em sua intimidade, de não sofrer imposições. Durante uma interação, os interlocutores podem fazer e sofrer *atos* que ameaçam sua própria face (expressões de gratidão/agradecimentos, desculpas, aceitação de ofertas, aceitação de elogios, perda de controle, etc.) ou a de seu ouvinte (ordens, pedidos, sugestões, advertências, críticas, ridicularizações, reclamações, repreensões, acusações, insultos, entre outros).

Brown e Levinson (1987) afirmam que um “ato de ameaça à face” (doravante AAF) pode ser realizado diretamente ou indiretamente. Os AAF realizados diretamente acontecem sem ou com reparação. Quando realizados com reparação, o falante utiliza uma estratégia de polidez positiva (reconhecimento da face do interlocutor) ou negativa (preservação da autonomia do interlocutor). O uso de estratégias de polidez tem como objetivo evitar ou amenizar possíveis danos que seriam causados pelo AAF do falante ou/e do ouvinte. Se o AAF é realizado combinado com uma estratégia de polidez positiva, o falante mostra ao ouvinte que reconhece seus desejos de ser apreciado, respeitado, manifestando pertencimento ao mesmo grupo do ouvinte. Por outro lado, se o AAF for combinado com uma estratégia de polidez negativa, o falante procura preservar os desejos básicos de manutenção de território e de autodeterminação do ouvinte. Deste modo, o falante mostra que, apesar de estar interferindo no território do ouvinte, esta não era sua intenção, uma vez que não gostaria de interferir em sua autonomia.

Partindo dessa perspectiva, tentar-se-á explicar por que as relações entre *Esposo-Esposa*, *desconhecidos*, *Vejete-Sacristán* e *Viana-Moro* foram analisadas como *superior-inferior*, procurando justificar os usos tratamentais em função, não só do tipo de relação social, mas também de acordo com a teoria da polidez e com o conceito de face, considerando a intensificação ou atenuação do grau de imposição da imagem em diferentes atos de fala. Observe-se caso a caso:

Dá-se início à análise pela relação *Esposo-Esposa* que não foge tanto da esfera do poder em determinadas comunidades ou épocas. De qualquer forma, no *corpus* foram localizados 6 dados de *vos*, 01 de *V.M* e nenhuma ocorrência da estratégia *tú*: mais freqüente nas relações assimétricas descendentes. Em princípio, seria possível

pressupor uma relação simétrica pelo fato de termos um casal (*Vejete*<sup>19</sup> e *Marina*). Entretanto, na análise interpretativa dos dados percebe-se que o marido é um personagem bem mais velho que a esposa *Marina* (jovem infeliz no casamento que tinha uma aventura amorosa com *Sacristán*). Por sua idade e sua condição social, *Vejete* (o marido) obviamente tem mais *poder* que *Marina*. O exemplo a seguir, extraído da peça *Entremés del mortero y chistes del Sacristán* (1617), confirmam tal condição:

(5)

- Sacristán Porque yo no puedo salir por la calle sin esse manteo que dejé esta tarde por prenda y señal que había de tornalle; y he de madrugar.
- Vejete Vuesanced aguarde, que estoy sin juicio de sucesos tales.  
(...)
- Vejete ¡Hola, mujer mia!
- Marina ¿Qué hacéis de vocearme<sup>20</sup>?
- Vejete ¿Donde está el manteo?
- Marina Ahí le ví de nantes.
- Vejete Levantaos aprisa,  
Que espera en la calle,
- Marina ¡Jesús! ¿Qué es aquesto?  
¿Hay tal disparate?
- Vejete Levantaos, señora,  
Antes que os levante arrastrando yo.

Em 5 tem-se uma relação pessoal (esposo-esposa), na qual se observa que *Vejete* acorda *Marina* gritando e desta maneira viola sua autonomia, o seu direito de liberdade uma vez que *Marina* não tem a opção de escolha entre ficar dormindo ou acordar (ela tem que acordar). Portanto, pode-se dizer que *Vejete* está realizando um ato de ameaça à face (AAF) negativa de *Marina*, pois ele está interferindo no seu território, fazendo-lhe uma imposição, não deixando a esposa outra opção senão acordar. Além

---

<sup>20</sup> Segundo o Dicionário da Real Academia Española, *Vocear* é “chamar, de longe, alguém em voz alta” (*Llamar a alguien en voz alta o dándole voces*).

disso, observa-se que este AAF negativa de *Marina* é realizado sem reparação, pois o marido não utiliza nenhuma estratégia de polidez para se desculpar ou minimizar seu ato. Ademais, neste exemplo, *Vejete* utiliza *vos* na sua forma imperativa quando fala com *Marina*. Referida estratégia é uma maneira de identificar o *status* do interlocutor e, neste contexto, marca a inferioridade de *Marina* a partir de uma ordem. Aparentemente, pode-se afirmar que *Vejete* ao utilizar *vos* no imperativo está ameaçando a face positiva de *Marina*, por atribuir à moça uma posição inferior, não sendo, provavelmente, o tratamento desejado por ela. Sendo assim, *Vejete* não reconhece a imagem de *Marina* como ela gostaria e, por isso, realiza o AAF positiva da esposa. Por fim, observa-se que *Vejete* está nervoso, descontrolado, pois acorda *Marina* aos gritos. Agindo desta forma ele está arriscando perder a própria face, ou seja, ele pode, através de seus atos, danificar a imagem construída para si próprio. No entanto, isto não ocorre, pois, apesar de se tratar de uma relação na qual os interlocutores têm experiências compartilhadas (afinal, são casados) trata-se de uma relação hierarquizada. Deste modo, como *Vejete* está no pólo de maior poder, o fato de gritar e estar descontrolado não concretiza uma ameaça à sua face positiva. Não há, nesse caso, risco de ter sua imagem pública danificada, visto que seu interlocutor não tem poder suficiente para julgá-lo.

Confirma-se, assim, que *Vejete* é “superior” a *Marina* e esta relação de poder é percebida tanto por suas características físicas (afinal ele é mais velho que sua esposa), como também por suas atitudes: ele não tem medo de realizar AAF de *Marina*. Como a esposa não tem “poder” para julgá-lo, o marido o faz sem utilizar estratégias de polidez que minimizem seus atos.

A relação *entre desconhecidos*, que será analisada a seguir, ocorre na peça *Entremés famoso del Hambriento* (1675), na qual três mulheres organizam uma armadilha para que *Estudiante* fique sem comer. Observa-se uma relação transacional, classificada como de *superior-inferior*, que ocorre entre as *Damas 1 e 2-Estudiente* e entre *Vejete-Estudiente*. Os personagens aparentemente não se conheciam e toda a interação se dá na rua. Neste tipo de relação predomina a forma de tratamento *V.M* (18 dados ? 69,2%) seguido de *tú* e *vos* (5 ? 19,2% ? e 3 ? 11,6% dados respectivamente). Tal comportamento não era esperado, visto que *V.M* não é a forma predominante no tratamento de superior para inferior. Então, por que os dados das relações entre esses personagens foram assim considerados? *Vejete* foi analisado como superior porque é mais velho que *Estudiante* e tal critério se enquadra nos postulados

defendidos por Brown e Gilman (1960). No entanto, para entender por que as *Damas* são superiores será necessária uma análise pragmática dos dados:

- (6)
- Dama I Cauallero?
- Estudiante Perdone.
- Dama I Aguarde vstè.
- Estudiante Voy de priessa
- Dama I Suplico a vstè
- Estudiante Que me quiere?
- Dama I Que se llegue aqui à esta  
Y seruirà de testigo (puerta,  
À una escritura de venta!  
Que esto no es mas que vn  
instâte.
- Estudiante No puedo
- Dama I Aunque vstè no pueda,  
nos avrà de hazer merced,  
porque yo no me detenga.

Analisando o exemplo 6, percebe-se que existe um objeto de negociação bem marcado: *Dama I* deseja que *Estudiante* faça-lhe um favor. Nota-se que *Dama I* está pedindo ao *Estudiante* que fique com ela por alguns momentos para que seja testemunha na compra de alguma coisa que não é anunciada, mas que provavelmente é um imóvel, pois faz menção a uma escritura. No entanto, o rapaz tem um compromisso (na verdade ele quer ir atrás da pessoa que leva seu almoço) e não pode ficar, mas a *Dama* o impede de partir. Para analisar este exemplo deve-se considerar a nomeação que o autor deu aos personagens. O personagem *Estudiante* é identificado através de sua profissão, que tem, segundo o *Diccionario de Lengua Española de la Real Academia*, como acepções: pessoa que estuda em um estabelecimento de ensino; homem que tinha como profissão estudar as falas dos atores dramáticos<sup>21</sup>. *Dama*, por sua vez, segundo o mesmo dicionário, pode significar: mulher nobre ou distinta; atriz que ocupa o papel principal de uma peça; qualquer uma das atrizes hierarquizadas de acordo com sua

---

<sup>21</sup> Tradução feita para definição do *Diccionario de Lengua Española de la Real Academia* consultado em 23/05/2005 “Persona que cursa estudios en un establecimiento de enseñanza; Hombre que tenía por ejercicio estudiar los papeles a los actores dramáticos.”



relativa importância na obra (primeira dama, segunda dama e assim sucessivamente)<sup>22</sup>. A partir destas definições podem-se interpretar os dados a partir de várias combinações, mas acredita-se que duas sejam as mais prováveis: (i) considerando que estão dialogando dois funcionários do teatro: a primeira Dama e o responsável por estudar as falas dos atores; (ii) considerando que os diálogos são travados entre uma mulher nobre e um jovem que tem por profissão estudar.

Se for levada em conta a primeira possibilidade (ambos como funcionários do teatro), percebe-se que a *Dama I* ocupa o pólo de maior poder por possuir mais prestígio devido ao papel institucionalizado que exercia (atriz mais importante do teatro), enquanto ele era apenas a pessoa que ditava o texto para os atores.

Já a interpretação da segunda possibilidade (diálogo entre mulher nobre e um estudante) não é tão clara. Pode-se dizer que *Estudiante* utiliza a forma *vstè* por estar em uma posição inferior e ao utilizar tal estratégia está mostrando a seu interlocutor que percebe sua superioridade, reconhecendo, desta maneira, os desejos de sua face (ter a sua imagem pública reconhecida). Deste modo, percebe-se que ao utilizar referida forma de prestígio, *Estudiante*, que diz não poder acatar ao pedido da *Dama*, ameniza o AAF que realiza ao informá-la de sua pressa (“*Voy de priessa*”) e de não poder ficar, reconhecendo a posição social superior da *Dama*. Já a *Dama*, que está em posição superior e tem como objetivo convencer *Estudiante* a realizar sua vontade, utiliza uma forma variante de *V.M* com intuito de convencê-lo, valorizando, assim, sua face: a imagem pública do jovem. Contudo, como essa estratégia não é suficiente, ela faz a seguinte afirmativa: *Aunque vstè no pueda, nos avrè de hazer merced, porque yo no me detenga*. Com isto realiza um AAF negativa de *Estudiante*, já que está interferindo em sua autonomia, porquanto não lhe deixa outra opção a não ser cumprir o que ela o ordena (e que não é da vontade dele). A forma de tratamento de maior prestígio, neste caso, serve como maneira de reparação, uma vez que a utilização da forma de tratamento *vstè* pode ser considerada como uma demonstração de respeito, mostrando ao ouvinte que o falante não desejava interferir em sua autonomia. Por esta interpretação, percebe-se que a *Dama* tem mais poder que o *Estudiante*, pois, seguindo o que propôs Held (1999), ela cede poder a ele ao lhe atribuir uma forma de tratamento de maior prestígio que o esperado ao ordená-lo que fique.

---

<sup>22</sup> Tradução feita para definição do *Diccionario de Lengua Española de la Real Academia* consultado em 23/05/2005: “Mujer noble o distinguida. Actriz que desempeña el papel principal de una comedia o cualquier otra de las actrices jerarquizadas según la importancia relativa de su interpretación. *Primera, segunda dama.*”

A relação entre *Vejete-Sacristán* ocorre na peça *Entremés del mortero y chistes del Sacristán* (1617) na qual *Vejete* se chama *Pero Díaz* e é casado com *Marina* (uma jovem que não está satisfeita com seu casamento). *Sacristán* é o amante de *Marina*. Durante o dia, *Sacristán* havia dado um presente (uma capa característica dos eclesiásticos) à jovem, mas se arrependeu e foi buscá-la durante a madrugada. Nesta relação transacional, observa-se o uso de duas formas de tratamento: *V.M.*, que é a forma predominante, com 9 dados ou 81,8% e *vos*, com 2 dados ou 18,2%. Mais uma vez, nota-se a predominância da forma de maior prestígio em uma relação que não era esperada (*superior-inferior*). A seguir os exemplos para melhor compreender a análise interpretativa feita.

- (7)
- Sacristán Señor Pero Díaz,  
Vuesanced se aguarde.
- Vejete ¿Quién es el que llama?
- Sacristán Gigorro.
- Vejete Pues manda  
Decir á qué viene,  
Porque estoy en carnes.
- Sacristán Yo, señor, venía...
- Vejete Diga, pues, que es tarde,  
Y me estoy helando.

Em 7, *Sacristán* chamava à porta de *Vejete* para recuperar sua capa e, para tanto, gritava por *Pero Díaz* (*Vejete*). Este não sabia quem chamava (estava deitado, provavelmente dormindo) e tampouco conhecia *Sacristán*. No entanto, tinha consciência que a pessoa que o chamava o conhecia, pois gritava por seu nome e sobrenome. Portanto, pode-se dizer que *Vejete* utiliza uma forma neutra de terceira pessoa no imperativo com sujeito nulo, provavelmente de maior prestígio, para tratar *Sacristán* por não saber quem chamava e temia usar uma forma de tratamento não compatível com o prestígio de seu ouvinte. Desta forma, ele evita errar a maneira de tratar seu interlocutor, porque se imagina que todos gostariam de receber uma forma de prestígio. Assim também impede um possível AAF positiva de seu interlocutor, ao utilizar a forma de mais respeito, reconhecendo os prováveis desejos de face do seu interlocutor.

(8)

Vejete ¿Es el manto este  
Que quedó esta tarde  
En casa por prenda?

Sacristán Sí, señor.

Vejete Tomadle,  
Que á mí me ha pesado  
De que se os tomase  
La prenda por cosa  
Que tan poco vale.

O exemplo 8 ocorre em um segundo momento dessa interação dialógica entre *Vejete* e *Sacristán*. Nesta fase da peça, *Vejete* já descobriu que *Sacristán* havia dado um presente a sua esposa e o estava devolvendo a pedido de *Sacristán*. Neste momento, tem-se instalado um pequeno conflito entre os dois personagens afinal, tem-se frente a frente o esposo e o amante de Marina. O primeiro deseja não assumir que foi traído e o segundo quer de volta sua capa independentemente do que vai acontecer com os outros envolvidos na situação. Pode-se dizer que *Sacristán* está realizando um AAF de *Vejete* ao pedir de volta a capa, uma vez que segundo Held (1999) os pedidos são atos inerentemente impolidos e constituem AAF. Por isso, observa-se, neste momento da peça, a utilização por *Vejete* de uma forma imperativa, com sujeito nulo, relacionada a *vos* que segundo Lapesa (2000) marca inferioridade do destinatário. Afinal, *Vejete* deseja marcar sua superioridade e não está preocupado com a imagem de seu interlocutor. Por isso, muda a forma de tratamento para *vos*, fazendo um AAF positiva de *Sacristán* sem reparação, uma vez que não utiliza nenhuma estratégia de polidez com o intuito de minimizar seu ato. O objetivo de *Vejete* neste momento era realmente marcar a inferioridade de *Sacristán*. O esposo, neste caso, não estava preocupado com os danos que seu ato poderia causar a sua própria imagem devido à inferioridade de seus interlocutores (participavam desta cena *Marina* e *Sacristán*).

A partir da análise dos exemplos 7 e 8 confirma-se a superioridade de *Vejete* frente a *Sacristán*. No exemplo 7 *Vejete* cede poder a *Sacristán* por não saber quem o chamava e assim evita um possível AAF. Já no exemplo 8, no qual se tem um conflito, *Vejete* se aproveita de sua superioridade e realiza um AAF de *Sacristán* sem reparação, pois como tem poder não corre o risco de perder sua face.

Por último será analisada a relação entre *Viana-Moro*. Nesta têm-se 4 dados distribuídos entre as formas *vos* e *V.M* (75% e 15% respectivamente). É importante

observar que esta relação ocorre na peça *Comedia Armelina* (1567). Para entendê-la é necessário saber quem são os personagens. Segundo o *Diccionario de Lengua Española de la Real Academia* “moro” é a pessoa natural da África Setentrional, fronteira com Espanha<sup>23</sup>. Na peça, *Moro* tem habilidades em encontrar objetos furtados e coisas perdidas, ou seja, ele conseguia adivinhar onde estavam as coisas (um vidente). *Viana*, que era o pai da personagem principal ? *Armelina* ? e buscava sua filha, resolve pedir sua ajuda para descobrir onde a jovem estava. Este personagem tinha como profissão ser tutor (*professor encarregado da educação geral do filho de uma família*<sup>24</sup>). Por isso, pode-se dizer que era uma pessoa provavelmente letrada e educada, sendo então superior a *Moro* e por isso o classificamos como membro de uma classe social mais alta. O exemplo a seguir confirma tais fatos:

(9)

- Moro<sup>25</sup> ¿Quín llamar, quín llamar? !Hola!¿Pinjastej qu'injordamoj? ?Por qué traquilitraque?
- Viana Perdonad, buen hombre, que a pensar que hacíamos enojo, de otra suerte se hiciera
- Moro No hay aquí perdonanjaj, amego. Ejtá la perjona lo que complimoj, y vosotros vojtra merjé agora en ejtorballe un palabra no máj, bajar que perdomoj cuanto ej trabajado.
- Viana Buen hombre...
- Moro ¿Par qué bon hombre? Mirar j'istar voj bon hombre: fablar de tra juerte.
- Viana Hombre honrado, no toméis pesadumbre, que mi intención no fue ofenderos no enojaros.; antes soy venido a buscar tal medicina de vuestras manos cual soy informado y siento que me podréis dar.
- (...)
- Viana Muy bien, señor, y tome por el trabajo pasado.

<sup>23</sup> Tradução feita para definição de Moro dada pelo *Diccionario de Lengua Española de la Real Academia* (acessado em 25/08/2008) “Natural del África septentrional frontera a España”.

<sup>24</sup> Tradução feita para definição de Moro dada pelo *Diccionario de Lengua Española de la Real Academia* (acessado em 26/08/2008) “Profesor privado que se encargaba de la educación general de los hijos de una familia”

<sup>25</sup> Devido à dificuldade de identificar as formas de tratamento empregadas por *Moro* estas não foram codificadas.

No exemplo 9 verifica-se a interação entre *Viana* e *Moro*. Trata-se de uma relação transacional, na qual *Viana* deseja que *Moro* (vidente) descubra onde está sua filha. Portanto, esta relação tem um objeto de negociação concreta.

Nesta interação, observa-se que *Viana* ? que ocupava uma posição de maior prestígio na sociedade devido a sua posição social ? atribui simbolicamente poder ao *Moro* ao combinar formas de tratamento nominais (*Buen hombre, Señor*) que denotavam respeito e uma forma imperativa de *vos*, utilizada para iguais com os quais se tinha muita confiança ou como sinal de respeito em relações assimétricas (Lapesa, 2000). Assim sendo, pode-se interpretar a utilização de *vos* por *Viana* como uma forma de se aproximar de *Moro* simulando que ambos são iguais ou de lhe atribuir uma posição superior a que verdadeiramente ocupava. Das duas maneiras *Viana* está concedendo poder ao *Moro*, pois está elevando sua condição social. Entretanto, *Viana* não dá poder ao *Moro* gratuitamente, o faz porque deseja pedir-lhe um favor: que encontre sua filha. Como se sabe, o pedido é um ato que ameaça à face negativa do interlocutor porque o falante intromete-se nas atitudes do ouvinte. Com a utilização das referidas formas nominais e pronominais *Viana* pretende amenizar o AAF negativa do ouvinte que realiza.

**Em síntese**, a partir da análise qualitativa dos dados dos entremezes espanhóis percebe-se, nas relações de *superior-inferior*, o seguinte: *vos* e *V.M* marcando respeito e distância entre os interlocutores; *vos* e *tú* marcando inferioridade do ouvinte, ocorrendo neste nível hierárquico quando há motivação pragmática. Em suma, nota-se (i) comportamento dúbio de *vos* em um período marcado pela perda do seu caráter de reverência; (ii) a emergência de *V.M* e variantes ocasionada pela depreciação de *vos*. Na A seguir a análise dos dados das relações *inferior-superior*.

#### **4.2.1.2 – Relações de Inferior para Superior em entremezes espanhóis**

Na tabela 5 têm-se os três tipos de relações assimétricas ascendentes prototípicas ou esperadas que ocorreram no *corpus*: *empregado- patrão, filho-pai e Humano-Deus*. Estas relações são consideradas prototípicas nas interações entre *inferior-superior*. No entanto, estas não são as únicas encontradas na amostra. Assim como foi observado nas relações de *superior-inferior*, identificaram-se também relações que fogem a esse padrão, como é o caso de *esposa-esposo, entre desconhecidos, etc.* A

tabela apresenta a distribuição dos dados considerando as três formas de tratamento e o tipo de relação:

	<b>TIPO DE RELAÇÃO</b>	<b>TÚ</b>	<b>VOS</b>	<b>V.M</b>	<b>TOTAL</b>
1	Empregado-patrão	4/44 9,1%	21/44 47,7%	19/44 43,2%	44 100%
2	Filho(a)-pai/mãe	0	2/12 16,7%	10/12 83,3%	12 100%
3	Humano-Deus	8/10 80%	2/10 20%	0	10 100%
4	Esposa- Esposo	0	2/2 100%	0	2 100%
5	Entre desconhecidos	5/14 35,7%	1/14 7,1%	8/14 57,2%	14 100%
6	Sacristán- Vejete	0	0	6/6 100%	6 100%
7	Pascual- Alguacil	0	2/2 100%	0	2 100%
8	Justo-Alguacil	0	2/2 100%	0	2 100%
9	Guadalupe- Alguacil	0	1/1 100%	0	1 100%
10	Estudiante- Alguacil	4/4 100%	0	0	4 100%
<b>TOTAL</b>		21 21,4%	33 33,7%	45 45,9%	98 100%

Tabela 5- Relações Assimétricas: Inferior- Superior

Na tabela 5, nota-se que *V.M* prevalece nas relações prototípicas ou esperadas: *filho-pai* (83,3%), *entre desconhecidos* (57,2%), *Sacristán-Vejete* (100%) e ocorre em números significativos na relação *empregado-patrão* (43,2%). *Vos*, por sua vez, é produtiva em quatro: *Empregado-Patrão* (47,7%), *Esposa-Esposo* (100%), *Pascual-Alguacil* (100%) e *Guadalupe-Alguacil* (100%). Percebe-se, portanto, que os valores de *vos* e *V.M*, na relação *empregado-patrão*, são bastante próximos. A forma *tu* predomina em dois tipos de relação: *Estudiante-Alguacil* (100%) e *Humano-Deus* (80%).

Como já foi mencionado anteriormente, dos dez tipos de relação elencados no *corpus* como de inferior para superior pode-se facilmente identificar o pólo de mais poder em três: *empregado-patrão*, *filho- pais* e *Humano-Deus* (Brown e Gilman, 1960). Na primeira sabe-se que o empregado é inferior ao patrão porque tem menos poder econômico que este; o filho é inferior aos pais, assim como um homem é inferior a um Deus. Porém, como discutido na seção anterior, não é sempre que os critérios desenvolvidos por Brown e Gilman (1960) conseguem elucidar por que determinada

relação dialógica é de inferior para superior. Portanto, postula-se aqui que, no caso da escolha da forma de tratamento, a determinação da hierarquia da relação nem sempre é suficiente para justificar o uso de determinadas estratégias lingüísticas. É o que ocorre entre *Humano-Deus*, na qual prevalece a forma *tú*, quando o esperado seria o uso de *vos* ou *V.M* por serem formas que marcam maior deferência. Também será realizada uma análise qualitativa dos dados, utilizando a teoria da polidez para explicar a classificação das relações *esposa-esposo*, *entre desconhecidos*, *Sacristán-Vejete*, *Pascual-Alguacil*, *Justo-Alguacil*, *Guadalupe-Alguacil*, *Estudiante-Alguacil* e *Humano-Deus* como sendo assimétricas ascendentes.

Parte-se da relação 4 (*esposa-esposo*), que ocorre na peça *Entremés del mortero y chistes del Sacristán* (1617), na qual têm-se 2 dados de *vos*. Trata-se da relação entre *Marina* e *Vejete*, que como já foi mencionado anteriormente, era um casal, por isso se trata de uma relação pessoal, em princípio simétrica. No entanto, não é isso que se estabelece. Na análise interpretativa dos dados verifica-se que ela é jovem e está insatisfeita com o casamento. Ele, por sua vez, velho e traído. O marido, devido à sua idade e posição social, ocupa o pólo de maior poder, como se vê em (10) já apresentado e desenvolvido em (9):

**(10)**

- |           |   |
|-----------|---|
| Sacristán | Porque yo no puedo salir por la calle sin esse manteo que dejé esta tarde por prenda y señal que había de tornalle; y he de madrugar. |
| Vejete    | Vuesanced aguarde, que estoy sin juicio de sucesos tales.<br>(...)  |
| Vejete    | ¡Hola, mujer mia!   |
| Marina    | ¿Qué <u>hacéis</u> de vocearme <sup>26</sup> ?  |
| Vejete    | ¿Donde está el manteo?  |
| Marina    | Ahí le ví de nantes.  |

---

<sup>26</sup> Segundo o *Diccionario da Real Academia Española*, *Vocear* é “chamar, de longe, alguém em voz alta” (*llamar a alguien en voz alta o dándole voces*).

Vejete Levantaos aprisa,  
 Que espera en la calle,  
 Marina ¡Jesús! ¿Qué es aquesto?  
 ¿Hay tal disparate?  
  
 Vejete Levantaos, señora,  
 Antes que os levante arrastrando yo.  
  
 Marina Allegá á sacarme

Neste exemplo tem-se uma interação entre *Marina* e *Vejete*. Trata-se da parte em que *Sacristán* (amante de *Marina*) requerer a capa que havia dado à moça. O amante acorda *Vejete* chamando-o pela janela. *Vejete*, que tem mais poder do que *Marina*, por sua vez, grita com a esposa e a faz levantar sob ameaça de que caso ela não se levantasse sozinha ele o faria (*Levantaos, señora, Antes que os levante arrastrando yo*), realizando, como discutido, um ato de ameaça a sua face negativa. Nota-se que ambos os personagens se tratam por *vos*, que marca, quando utilizada pelo esposo, inferioridade do ouvinte. Com isso, *Vejete* realiza um AAF positiva de sua esposa, pois lhe atribui uma forma de tratamento que marca sua inferioridade. No entanto, a mesma forma quando utilizada por *Marina* pode ser interpretada de duas maneiras: (i) como uma forma de tratamento que marca superioridade do ouvinte; (ii) como forma de tratamento utilizada entre iguais (Romera Castillo, 1981). Acredita-se, no entanto, que a primeira opção seja a mais adequada, visto que *Marina* está tendo suas faces positiva e negativa ameaçadas por uma pessoa com quem ela não pode medir forças. Assim sendo, pode-se supor que a moça deseja, neste momento, salvar sua face e tentar não causar danos à imagem de seu esposo. Por isso, faz uso da forma *vos* como estratégia de polidez, tendo como objetivo beneficiar a face de *Vejete* e, assim, atenuar o conflito que está instaurado. *Marina* também está, ao utilizar uma forma que marca distância social e respeito (Estupiñan, 2005), salvando sua própria face.

Com este exemplo, é possível comprovar a existência de duas normas para uso do *vos*: uma utilizada pelas pessoas que ocupam o pólo de maior poder — representada nesta peça por *Vejete* — e outra pelas que ocupam o pólo de menor poder — representada por *Marina* e *Sacristán*.

A interação *entre desconhecidos* ocorre na peça *Entremés famoso del Hambriento* (1675), na qual uma armadilha é armada para que *Estudiante* fique sem comer. Nesta obra observa-se a predominância da forma *V.M* (57,2%), seguido da forma *tú* (35,7%) e por fim da forma *vos* (7,1%). A predominância da forma *V.M* era esperada,



visto que marca máximo respeito e formalidade (Navarro Gala, 2004). No entanto, concorrendo com *V.M* tem-se a forma *tú* que era utilizada no trato assimétrico de inferiores (Navarro Gala, 2004). Através da análise dos dados verificou-se que nesta peça *Estudiante* dialoga com outros três personagens: *Dama I*, *Dama II* e *Vejete*. De acordo com o mencionado anteriormente, *Estudiante* é inferior a *Vejete* por ser este mais velho. Desta forma, esta relação se enquadra na proposta de Brown e Gilman (1960), pois é o fator idade que define a hierarquia desta relação. Entretanto, a relação entre as *Damas* e *Estudiante* não é claramente de inferior para superior.<sup>27</sup> Em princípio, pode-se dizer a *Dama* ocupa o pólo de maior poder na relação com *Estudiante*, uma vez que ocupa o grupo de maior prestígio da sociedade (classe mais alta) ou do teatro (grupo das atrizes principais). O exemplo que segue é uma versão estendida do exemplo (6):

(11)

Dama I Cauallero?

Estudiante Perdone.

Dama I Aguarde vstè.

Estudiante Voy de priessa

Dama I Suplico a vstè

Estudiante Que me quiere?

Dama I Que se llegue aqui à esta  
Y seruirà de testígo (puerta,  
À una escritura de venta!  
Que esto no es mas que vn  
instàte.

Estudiante No puedo.

Dama I Aunque vstè no pueda,  
nos avrà de hazer merced,  
porque yo no me detenga.  
(...)

Estudiante Diga vstè lo que le vende,  
señor mio: ay mi merienda!

Dama I Vendele, para que vstè  
ir à su negocio pueda,  
y no se le haga extorsion.

Estudiante Acaba, que me mareas:  
hombre, di lo que le vende?

Dama I Esto ha menester mas flema,  
y vstè, según me parece,  
tiene muchísima prisa  
vayase con dios bustè.

No exemplo 11, há novamente a situação em que a *Dama I* pede a *Estudiante* que interrompa o que estava fazendo (no caso, seguindo o rapaz que levava sua comida)

<sup>27</sup> Lembrando que podemos interpretar a personagem *Dama* como sendo uma pessoa que faz parte da alta sociedade ou como a principal atriz de uma obra de teatro. *Estudiante*, por sua vez, pode ser uma pessoa que se dedicava ao estudo ou um profissional que decorava as falas dos atores nas peças.

e fique com ela para que lhe faça um favor: sirva de testemunha na assinatura de uma escritura. Analisando-o percebe-se que no início do diálogo ambos os personagens se tratam por uma variante de *V.M.* A princípio *Dama I* faz apenas um pedido, negado pelo *Estudiante*. No entanto, no decorrer do diálogo, o pedido se transforma em uma ordem (*Aunque vstè no pueda, nos avrà de hazer merced*), aumentando o grau de imposição, refletindo desta forma uma necessidade para a realização de um ato exortativo. Portanto, pode-se interpretar o uso de *V.M.* por parte da *Dama I* como sendo uma estratégia para convencê-lo a ficar. Seria a maneira encontrada pela mulher de buscar o equilíbrio na relação, ou seja, a moça estaria cedendo poder (Held, 1999) a *Estudiante* através da atribuição de uma forma de tratamento de maior prestígio com a intenção de minimizar a ameaça que está realizando. *Estudiante*, por sua vez, utiliza como forma de tratamento uma estratégia de *V.M.* porque ocupa o pólo de menos poder. Desta forma, o rapaz estaria reconhecendo os desejos de face de seu interlocutor e evitando um AAF positiva do mesmo. Contudo, percebe-se uma mudança na forma de tratamento adotada por *Estudiante* depois que este teve sua face negativa ameaçada (através da imposição feita pela *Dama I*). A mudança na forma de tratamento de *V.M.* a *tú* ocorre em uma situação de conflito (Robbins, 2002), que ocorreu quando uma das partes — no caso *Estudiante* — foi afetada negativamente por uma atitude de seu interlocutor — neste caso, a *Dama I*. A mudança na forma de tratamento adotada por *Estudiante* consiste em um ato de ameaça à face positiva da *Dama I*, pois o rapaz deixa de reconhecer os desejos de face de sua interlocutora. Além disso, observa-se que a mudança na estratégia de tratamento vem acompanhada do uso de imperativos (*acaba* e *di*). Este fato nos faz perceber que o ato de ameaça à face positiva da *Dama I* ocorre juntamente com um ato de ameaça à face negativa da mesma, pois os imperativos (que refletem ordens) interferem na autonomia da *Dama I*. Ambos os AAF da *Dama I* ocorrem sem reparação visto que *Estudiante* não utiliza nenhuma estratégia de polidez ao utilizá-los. Por fim, percebe-se que atuando desta maneira, *Estudiante* também está colocando sua face em risco, pois a imagem, por ele construída, pode ser perdida uma vez que ele ocupa o pólo de menor poder nesta relação<sup>28</sup>.

---

<sup>28</sup> A partir de observações feitas pelos membros da Banca desta dissertação, foi possível notar que nesta cena poderia existir um terceiro personagem (não mencionado pelo autor da obra) que não estaria presente no palco. Considerando a existência deste terceiro personagem, é provável que a forma *tú* utilizada por *Estudiante* não se dirigisse à *Dama* e sim a este personagem.

Logo, nota-se que *Estudiante* ocupava realmente o pólo de menor poder, uma vez que a *Dama I* consegue intervir em suas atitudes e ele se vê obrigado a obedecer. Contudo, após ter sua autonomia ameaçada o jovem decide reagir e o faz mudando a estratégia de tratamento que dava a sua interlocutora. Dessa forma *Estudiante* explicita seu descontentamento com a atitude da *Dama*.

Na continuação, será analisada a relação *Sacristán-Vejete*, que ocorre na peça *Entremés del mortero y chistes del Sacristán* (1617) para continuar a observar a relevância da posição social e da natureza do ato de fala na escolha da forma de tratamento. Como comentado anteriormente, nesta peça há um triângulo amoroso formado por *Vejete* (o marido), *Sacristán* (o amante) e *Marina* (esposa de *Vejete* e amante de *Sacristán*). Na interação em foco verifica-se que a forma de tratamento *V.M* é a única que ocorre. O exemplo 12 ilustra porque a referida relação foi considerada de inferior para superior:

(12)

Sacristán Señor Pero Díaz,  
Vuesanced se aguarde.

Vejete ¿Quién es el que llama?

Sacristán Gigorro.

Vejete Pues manda  
Decir á qué viene,  
Porque estoy en carnes.

Sacristán Yo, señor, venía...

Vejete Diga, pues, que es tarde,  
Y me estoy helando.  
(...)

Sacristán Y esa mi señora  
Con aspecto afable  
Me le dio prestado;  
El cielo la guarde.  
Y como yo siempre  
Procuró ser ágil,  
No quiero, si puedo,  
Que se queje nadie.  
Este es el mortero,  
Vuesanced se humane  
Como suele siempre  
Y à tomalle baje.

Vejete Yo le perdonara,  
Señor de mi parte

Que no le trajera  
À hora semejante.  
Vuélvase mañana  
Ó echele en la calle,  
Que por un mortero  
No es bien que me mate.  
Y otra vez no sea,  
Mi señor, tan ágil.  
Sacristán Oiga; por su vida,  
Téngase y repare  
Que también lo hago...

Em 12 tem-se a representação do momento em que *Sacristán* vai à casa de *Vejete* buscar o presente que havia dado a *Marina* mais cedo. Pode-se dizer que o fato de ir buscar um presente já constitui um ato de ameaça à face de *Vejete*, pois além de acordá-lo no meio da noite, o faz descobrir que sua esposa recebeu um presente de outro homem. Desta forma, identificam-se dois atos de ameaça à face: um negativo e outro a positivo. Neste exemplo, ambos os personagens se tratam por *V.M.* Como já foi mostrado anteriormente, *Vejete* ocupa, nesta relação, o pólo de maior poder. Neste exemplo o ancião utiliza *V.M.* como forma de tratamento dada à *Sacristán* porque ainda não o conhece e deseja evitar um possível AAF (verificar exemplos 7 e 8). *Sacristán*, por sua vez, utiliza tal forma para tratar *Vejete* por ser a forma de tratamento de maior prestígio. Isto ocorre porque *Sacristán* deseja manter distância e mostrar algum respeito por *Vejete*. A utilização da forma de tratamento de maior prestígio além do mais ajuda a minimizar os atos de ameaça à face de *Vejete*, pois reconhece os desejos de face de *Vejete* (que provavelmente queria ser visto como alguém respeitável e não como marido traído) além de minimizar a imposição feita ao acordá-lo e ordená-lo a buscar sua capa. O uso da forma de tratamento, neste caso, é uma estratégia de polidez que tem como objetivo minimizar os atos de ameaça à face.

Acredita-se que o uso de uma forma variante de *V.M.* por parte de *Sacristán*, neste contexto, comprove que este personagem ocupa o pólo de menor poder. Além disso, referida forma é capaz de minimizar os AAF que são realizados contra *Vejete* e também ajudam a minimizar o conflito instaurado pelas imposições que *Sacristán* faz no início de seu diálogo com o velho.

As relações *Pascual-Alguacil*, *Justo-Alguacil* e *Guadalupe-Alguacil* são oriundas da peça *Comédia Armelina* (1657). Percebe-se que todas são transacionais, ou seja, os interlocutores têm pouca experiência compartilhada e consegue-se facilmente identificar qual é o objeto de negociação entre elas. As três apresentam ainda um

personagem em comum: *Alguacil*. A denominação deste personagem é feita a partir de sua profissão. Segundo o *Diccionario de la Real Academia Española* “alguacil” era um funcionário oficial inferior da justiça que executa ordens do tribunal ao qual servia. Sendo assim, por sua profissão, *Alguacil* tem mais poder que os demais personagens que interactuam com ele. A classificação destas três relações está de acordo com o que propuseram Brown e Gilman (1960), já que *Alguacil* exerce um papel no Estado que lhe dá poderes para intervir na vida de outras pessoas (como prender uma pessoa, por exemplo).

Analisando a relação *Pascual-Alguacil* verifica-se que a única forma de tratamento que ocorre nesta relação é *vos*. A interação entre os dois personagens aparece no final da peça, quando *Pascual* aconselha que *Alguacil* leve *Justo* preso, pois pensa que este estava cortejando uma das personagens. Em seguida, no entanto, *Pascual* descobre que *Justo* é o filho que procurava e então muda o pedido: deseja, agora, que seu filho seja solto.

(13)

Justo ¿Qué's aquesto señor? ¿Qué habéis conmigo? ¿A qué efecto me lleváis preso?

Pascual Señor alguacil, haced vuestro oficio.

(...)

Neptuno Éste sin duda; que sirviendo a un capitán por paje en la guerra que tuvo el rey de Ungría con el potentísimo turco, por sus buenos servicios le dejó encomendado en el paso de la muerte con hartas riquezas y joyas como a tutor y padre a este señor que llaman Viana.

Viana Así es la verdad.

Pascual ¿Mi hijo? ¡Soltadle, señor alguacil, y abrázame, amado y carísimo hijo!

Justo Deme sus manos.

Verifica-se, neste exemplo, que *Pascual* usa a forma imperativa relacionada a *vos* para tratar o *Alguacil* tanto quando pede que *Justo* seja preso quando pede para que o liberte. Segundo Estupiñan (2005) tal forma de tratamento ainda tinha certo valor reverencial neste período (século XVI) e era usada para marcar distanciamento do interlocutor. Destarte, pode-se dizer que *Pascual* utiliza tal forma para minimizar o ato de ameaça à face negativa de *Alguacil* que realiza quando sugere/aconselha que este aprisione *Justo*. A mesma estratégia se repete quando o pedido é para que o solte. Desta forma, *Pascual* utiliza referida forma de tratamento para marcar distanciamento e respeito por seu ouvinte, independentemente do pedido que faça. Sua intenção, neste

caso, é reconhecer os desejos de face de *Alguacil* e minimizar a imposição que faz nos dois casos.

Já na relação entre *Justo-Alguacil* percebe-se comportamento semelhante ao da relação anterior. Neste caso, *Justo* utiliza a forma *vos* para tratar *Alguacil* que em princípio o levará preso.

(14)

Justo ¿Qué's aquesto señor? ¿Qué habéis conmigo? ¿A qué efecto me lleváis preso?

Pascual Señor alguacil, haced vuestro oficio.

(...)

Justo En verdad, señor padre, que nada le debo en esa parte.

Mencieta Ni menos esta triste de Mencieta

Guadalupe ¡Santa María, señora! Ávense, señores, a uma banda: ¿no veen que extraño espectáculo asoma y qué mujer com um antifaz sobre su rostro?

Os dois dados de *vos* que ocorrem nesta relação aparecem em perguntas. Neste caso, pode-se dizer que *Justo* está interferindo (ou tentando interferir) na decisão de *Alguacil* de levá-lo preso. As suas indagações questionam a ação de *Alguacil*, logo ameaçam sua face negativa (interferem em sua autonomia). Portanto, a forma de tratamento que marca maior reverência (Estupiñan,2005), neste caso, seria uma maneira de minimizar esta interferência. Por conseguinte, o uso de *vos* é uma estratégia de polidez que minimiza a AAF negativa de *Alguacil* através do provável reconhecimento dos desejos de face de referido personagem e de sua posição de maior poder.

Por fim, a análise da relação entre *Guadalupe-Alguacil*.

(15)

Justo ¿Qué's aquesto señor? ¿Qué habéis conmigo? ¿A qué efecto me lleváis preso?

Pascual Señor alguacil, haced vuestro oficio.

Guadalupe Sí, sí señor; haced vos el vuestro, que yo también haré el mío en llevar asida esta cachonda.

Mencieta ¿Has de arrastrarme?

Guadalupe Sí, que os puedo arrastrar y desarrastrar y llevar empinada, pues que el señor y el rey me lo manda[n].

Mais uma vez, observa-se o uso da forma *vos* marcando reverência e distanciamento entre os interlocutores. Neste exemplo *Guadalupe*, que é um

empregado, ocupa o pólo de menor poder. Assim, como nas demais relações que ocorrem nesta peça com *Alguacil*, nota-se que *Guadalupe* se intromete no ofício de *Alguacil*, aconselhando-o que prenda *Justo*. Neste caso, o empregado faz uma comparação entre a ação do oficial de Justiça (*haced vos el vuestro*) e sua própria ação (*que yo también haré el mío en llevar asida esta cachonda*). Tal comparação teria por objetivo diminuir o grau de imposição feito através do uso imperativo (*haced*). Por isso, esta comparação tem como objetivo minimizar o ato de ameaça à face negativa de *Alguacil* realizado através da fala *haced vos el vuestro*. Além disso, ressalta-se que o uso de *vos* também pode ser considerado como uma estratégia de polidez, pois, com tal forma, *Guadalupe* reconhece os desejos de face de *Alguacil* ao assumir que ele realmente ocupa uma posição de mais poder.

Por último, tem-se a relação *Humano-Deus*, oriunda da peça *Comedia Armelina* (1657). Esta relação é claramente assimétrica. Por isso fica a pergunta: por que uma pessoa que ocupa o pólo de menor poder utiliza a forma *tú* ? que marca inferioridade do ouvinte ou simetria da relação (Navarro Gala, 2004)? Segue o exemplo:

**(16)**

- Armelina Dime, señor: ¿qué vida tan estraña es aquesta que quieras que sufra, o a qué efeto quieres y permites que yo me conserve en tu compañía siendo tu género tan diferente del mío? Dame licencia, si eres servido, que yo pueda buscar la muerte o el remedio por otra vía; que tu conversación, a la verdad, presencia [y] morada, dificultosamente se pueden soportar.
- Neptuno Más sano que pronunciar semejantes palabras, ¡oh, Florentina!, te sería procurar pasarlas en silencio, que mi morada, presencia y conversación poco perjuicio te pueden hacer.
- Armelina ¿Florentina? No es ése mi nombre.
- Neptuno Eslo y tu proprio natural, y el mío Neptuno, que en los tiempos que Ariadna fue desamparada de Teseo, habiendo por industria d'ella conquistado aquel espantable Minotauro dentro del laberinto que Dédalo, por la traición de Pasifé, edificó, yo fue el que a la moza, ya desamparada de las fugetivas naves y del falso amante engañada, en los altos riscos, a las aguas de mi mar consagradas, procuré de amparar, mandando a las furiosas ondas que en sosiego estuviesen en tanto que Baco, dios de la embriaguez, en los carros regidos y gobernados por los tigres furiosos por amiga se la llevase, a la cual, después de atravesada a la región del aire y los húmidos celajes, una corona de estrellas en el cielo por su memoria dedicó. No creas, pues, Florentina, que mi intención está con menos propósito para lo que a ti te toca. Calla, por ende, y no te fatigues tanto, que revuelto está mi negocio a causa tuya, el cual antes de muchas horas fortuna rodeará a ti y a quien no consideras bien apacible y próspero.
- Armelina Lo que te ruego, señor, ya que a tu poder soy venida y por aquesta cuitada determinas hacer, me digas y me declares en qué manera fui hurtada de poder de mis padres y traída en poder de aqueste herrero, o qué infortunio fue el que me siguió en tan tierna edad

Neste exemplo, percebe-se que não está claro nesta interação se há uma relação interpessoal ou transacional, pois ao mesmo tempo em que existe uma experiência compartilhada (afinal, um Deus é onisciente) também tem-se um objeto de negociação bem definido (*Armelina* está pedindo conselhos). Nota-se, porém, que se trata de uma relação assimétrica, pois *Armelina* é uma humana, mortal, enquanto *Neptuno* é um Deus. Esperava-se, portanto, que a moça usasse uma forma de tratamento que marcasse maior deferência. No entanto, não é o que ocorre. *Armelina* emprega a forma *tú* que segundo Navarro Gala (2005) indicava familiaridade ou intimidade. Logo, a jovem realiza um AAF positiva de *Neptno*, pois não reconhece sua imagem pública. Todavia, percebe-se que *Neptuno* não tem nenhuma reação quanto ao uso da forma de menor prestígio. Talvez, pelo fato de esta forma poder indicar um laço familiar (Estipiñan, 2005), uma vez que, utilizando *tú* *Armelina* estaria reconhecendo *Neptuno* como um membro de sua família. Por esta interpretação, o uso de *tú* seria uma estratégia de polidez negativa, pois seria uma maneira de mostrar ao *Deus* que o reconhece como tal, que não tem como objetivo interferir em sua liberdade quando o questiona ou pede conselhos. Além disso, nota-se que, apesar de utilizar a forma de tratamento que marca menor distanciamento entre os interlocutores e intimidade (*tú*), *Armelina* usa formas nominais que marcam exatamente o oposto: distanciamento, respeito, importância. Portanto, apesar de esta relação ser claramente assimétrica os personagens simulam certa aproximação, como se na verdade a relação fosse simétrica.



#### 4.2.2 – Relações Simétricas ou Solidárias em entremezes espanhóis

Nas relações simétricas parte-se do princípio que os interactantes têm forças iguais, ou seja, estão em uma mesma hierarquia social (Brown e Gilman, 1960). Desta maneira, a solidariedade seria fruto do compartilhamento de condutas que levam a semelhanças no modo de agir e pensar. A solidariedade se estabelece no eixo horizontal.

Como discutido no capítulo 3, para Brown e Gilman (1960), a solidariedade tornou-se mais freqüente na medida em que se incrementa a mobilidade social e a ideologia igualitária. De acordo com Estupiñan (2005 p. 229-230), na Espanha dos séculos XVI e XVII, as formas de tratamento *tú*, *vos* e *V.M* coexistiam. Estas eram utilizadas para expressar a oposição familiaridade *versus* não familiaridade e informalidade *versus* formalidade. Desta forma *V.M* marcava máxima reverência como tratamento formal, enquanto *tú* era mais informal e utilizada entre familiares ou para marcar intimidade entre os interlocutores. Tal forma também aparecia no tratamento assimétrico marcando inferioridade do interlocutor. Entre estes dois pólos ocorria a forma *vos*, que nas relações assimétricas podia marcar superioridade ou inferioridade do interlocutor no século XVI e eram utilizadas no século XVII por membros das classes mais altas para marcar distanciamento social e inferioridade do ouvinte. Nas relações simétricas aparecia, no século XVI, entre iguais das classes mais altas ou mais baixas. Também ocorria em relações familiares respeitadas. Partindo destas considerações, acredita-se que para as relações simétricas também há dois sistemas de tratamento: um utilizado pela classe mais alta (igualitário superior) e outro pela mais baixa (igualitário inferior). No primeiro predominará a forma de tratamento *vos*, enquanto que no segundo *tú* será a forma de tratamento que marcará solidariedade (Navarro Gala, 2004, p. 217).

No gráfico abaixo é possível observar o comportamento das formas de tratamento encontradas no *corpus* em relações simétricas:

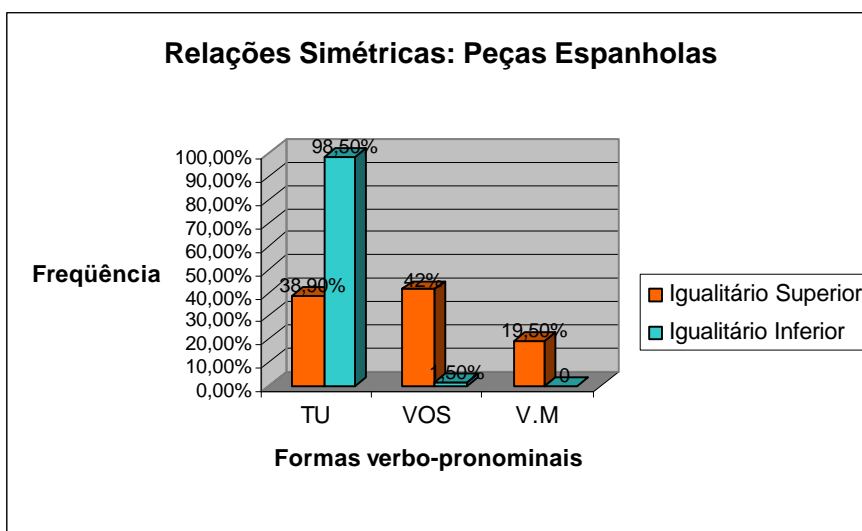


Gráfico 2: Formas verbo-pronominais nas relações simétricas: entremezes espanhóis (XVI - XVII)

Avaliando os resultados obtidos, percebe-se que nas relações igualitárias superiores os dados estão mais bem distribuídos entre as três formas de tratamento encontradas no *corpus*: 38,9% de *tú*, 42% de *vos* e 19,5% de *V.M*. Pode-se observar que as frequências de uso de *tú* e *vos*, neste tipo de relação, são próximas. Quiçá seja porque o valor reverencial de *vos* estivesse passando por um processo de perda de seu caráter de respeito à medida que seu uso se popularizava e que outras formas de tratamento o substituíam como expressão de respeito. Sendo assim, a diferença semântica entre *tú* e *vos* estava ficando cada vez menor à medida que *vos* se popularizava (Lapesa, 2000 p. 317). Ademais, neste tipo de relação tem-se o uso da forma *V.M* que surpreende porque marcava máximo respeito e formalidade segundo Estupiñan (2005), Navarro Gala (2004). Lapesa (2004, p.319) registra, porém, que quando não havia confiança entre os interlocutores, devia-se usar *V.M*. Negá-la era um insulto.

Nas relações igualitárias inferiores, por sua vez, identifica-se que o uso da forma *tú* (98,5%) sobrepuja às demais. Confirma-se, portanto, que tal forma era utilizada para se dirigir a iguais na intimidade (Romera Castillo, 1981), ou seja, com menor distância interpessoal.

Devido à existência de resultados um tanto inesperados e para ilustrar o uso das formas de tratamento em relações simétricas neste *corpus* específico de teatro a seguir será realizada uma análise qualitativa dos dados.

#### 4.2.2.1 – Relações Simétricas: Igualitárias Superiores em entremezes espanhóis

Na tabela abaixo estão listadas as relações que ocorrem entre iguais que pertencem aos grupos socialmente favorecidos. Duas delas são prototípicas: *entre namorados* e *entre amigos*. Entretanto, as outras duas ? *Gobernador-Furrier* e *Furrier-Gobernador* ? fogem a este padrão:

	<b>TÚ</b>	<b>VOS</b>	<b>V.M</b>	<b>TOTAL</b>
<b>Entre namorados</b>	43/89 48,3%	29/89 32,6%	17/89 19,1%	89 100%
<b>Entre Amigos</b>	17/60 28,3%	34/60 56,7%	9/60 15%	60 100%
<b>Gobernador-Furrier</b>	0	0	2/2 100%	2 100%
<b>Furrier-Gobernador</b>	0	1/3 33,3%	2/3 66,7%	3 100%
<b>TOTAL</b>	60 38,9%	64 41,6%	30 19,5%	154 100%
Tabela 6: Relações simétricas: Igualitário Superior				

Analisando a tabela 6 se verifica que a forma *tú* predomina em apenas um tipo de relação: *entre namorados* (48,3%). A forma *vos*, por sua vez, predomina nas relações *entre amigos* (56,7%). Por fim, *V.M* prevalece entre *Gobernador-Furrier* (100%) e *Furrier-Gobernador* (66,7%), mas aparece também nas relações *entre namorados* e *entre amigos* (19,7% e 15% respectivamente).

Esses resultados evidenciam que outros fatores estejam correlacionados aqui. Relações simétricas *entre namorados* e *amigos* têm maior grau de intimidade e informalidade, ou seja, são interpessoais, enquanto uma relação entre *Gobernador e Furrier* é transacional. É obvio, portanto, que as formas mais solidárias *tú* e *vos* sejam favorecidas nos dois primeiros casos e menos presentes no terceiro. De qualquer forma, será necessário realizar a análise pragmática destes dados para compreender os índices relativamente altos de *V.M* entre casais.

Na relação *entre namorado*, que ocorre nas peças *Comedia Armelina* (1567), *Entremés del mortero y chistes del Sacristán* (1617) e *Entremés de la Ronda* (1659), há 17 dados de *V.M.*

As relações *entre amigos* ocorrem nas peças *Comedia Armelina* (1567), *El retablo de las Maravillas* (1615), *Entremés del mortero y chistes del Sacristán* (1617). Percebemos nas três peças que a forma *V.M* aparece em situações nas quais falantes e ouvintes não estão sós. Mais personagens participam da interação e nem todos estão na mesma hierarquia social. Portanto a forma *V.M* entre amigos é utilizada para valorizar o interlocutor. Assim, o falante reconhece os desejos de face do ouvinte. O exemplo é da peça *Entremés del mortero y chistes del Sacristán* (1617).

(17)

Sacristán Vuasted no se canse,  
Que aun no es media noche.

Perales ¿No es mejor que cante,  
Porque esa señora  
Al son se levante?

Sacristán ¡Ay, señores míos!  
Vuesasted vendrá  
Perdido á remate  
Por esta señora  
Que ronda la calle;  
Y para decirnos  
Sus penas y males,  
Quiere encarecello:  
¿es aquesto?

(...)

Perales Díganos su mal;  
Que á veces los males  
Dicen que se alivian  
Con comunicarse.

(...)

Perales Vive Dios, Gigorro,  
Que es gran disparate,  
Según yo imagino,  
Pensar de cobralle:  
Porque están durmiendo  
Y será quebrarse  
La cabeza el hombre.

Sacristán Háganse á esta parte  
Mientras que yo llamo.

No exemplo 17, como foi dito anteriormente, observa-se o diálogo entre os dois amigos: *Sacristán* e *Perales*. Neste, percebe-se que ambos se tratam por *V.M*

(*Vuasted* e *Vuesasted*). Acredita-se que o uso das formas mencionadas ocorra porque os dois personagens estão acompanhados dos músicos e desejam manter a imagem pública que construíram perante eles. Assim sendo, o uso de uma forma de *V.M* é uma estratégia de polidez que tem como objetivo atenuar situações de risco para a imagem do interlocutor. Por essa razão, os personagens, que são amigos, utilizam a forma de maior prestígio quando estão acompanhados de outras pessoas. O objetivo é proteger a face de seu interlocutor. Portanto, verifica-se que tal estratégia contribui para o equilíbrio da relação.

Por fim, será analisada a relação entre *Gobernador* e *Furrier* que ocorre na peça *El retablo de las Maravillas* (1615). Referida interação ocorre no final da peça quando *Furrier* chega à cidade para passar a noite com sua tropa e manda *Gobernador* providenciar alojamento. Primeiramente, é importante ressaltar que os dois personagens são nomeados a partir da profissão. Segundo o *Diccionario de Lengua Española de la Real Academia* “furrier” era o oficial responsável pelas cobranças. “Gobernador”, por sua vez, é quem governa um território. Portanto, ambos os personagens pertencem à classe mais alta da sociedade, mas não têm experiências compartilhadas, não são íntimos. Trata-se de uma relação transacional, sem experiências compartilhadas. Logo, a relação entre eles é simétrica, mas não solidária.

(18)

- Furrier ¿Quién es aqui el señor Gobernador?
- Gobernador Yo soy. ¿Qué manda yuesa merced?
- Furrier Que luego al punto mande hacer alojamiento para treinta hombre de armas que llegarán aquí dentro de media hora, y aun antes, que aun suena la trompeta. Y a Dios.  
(...)
- Furrier Ea, ¿está ya hecho el alojamiento?, que ya están los caballos en el pueblo.  
(...)
- Furrier ¿De burlas habían de ser, señor Gobernador? ¿Está en su seso?
- Capacho ¿Luego no ve la doncella herodiana el señor furrier?
- Furrier ¡Qué diablos de doncella tengo que er!
- Gobernador De *ex illis* es, de *ex illis* es.<sup>29</sup>

Neste exemplo percebemos que *Furrier* chega ao povoado e ordena que o *Gobernador* providencie alojamento para sua tropa. No entanto, como o *Gobernador*

---

<sup>29</sup> Segundo nota de Huerta Calvo (1997 p. 188) *Ex illis* foram as palavras utilizadas para São Pedro quando este negou Cristo. Neste caso, serve para chamar *Furrier* de Judeu, o que corresponde a um ato insultante.

estava assistindo ao teatro imaginário do qual saíam figuras maravilhosas e inventadas, ele pensou que esta era mais uma de suas visões. Desse modo, não tomou as providências para que a tropa tivesse alojamento quando chegasse. Quando *Furrier* chega e não tem nada pronto, se irrita. Pode-se dizer que *Furrier* faz vários atos de ameaça à face negativa de *Gobernador* como dar ordem, realiza uma pergunta retórica como um ato de desacordo indireto (*¿Está en su seso?*). No entanto, percebe-se que o grau de imposição destes atos não é grande, pois era esperado que *Furrier* agisse desta maneira. Neste caso, os atos de ameaça à face são regras gerais. Considerá-los como regra é uma maneira de minimizá-los, é uma estratégia de polidez negativa. Por outro lado, *Gobernador* também não se mostra preocupado com a imagem de *Furrier* uma vez que o insulta de *judío* por não ver as figuras imaginárias que saiam do teatro fantástico. A acusação pode ser considerada como um AAF positiva de *Furrier* sem reparação, visto que afeta a imagem pública que este provavelmente desejava ter, além de não estar acompanhada de nenhuma estratégia de polidez para minimizá-la. Além disso, o fato de ser judeu pode anular a posição hierárquica superior de *Furrier*.

Portanto, percebe-se que ambos os personagens pertencem à mesma classe social e a relação que se estabelece entre eles é simétrica, embora não seja solidária. Por isso usavam, reciprocamente, *V.M* que marcava ausência de confiança entre os interlocutores (Lapesa, 2000 p. 319).

#### **4.2.2.2 – Relações Simétricas: Igualitárias Inferiores em entremezes espanhóis**

Na tabela que segue têm-se as relações que ocorrem entre personagens com o mesmo *status* social e pertencentes à classe mais baixa da sociedade ou grupos sociais menos favorecidos. Ambas são prototípicas ou esperadas: *entre irmãos* e *entre amigos*. Estas relações são estabelecidas entre os empregados das peças, assim sendo, são os personagens que possuem menor poder financeiro e que ocupam geralmente o pólo de menos poder quando se relacionam com outros personagens. A tabela correlaciona o tipo de relação e as formas de tratamento:

	TÚ	VOS	V.M	TOTAL
<b>Entre irmãos</b>	62/63 98,4%	1/63 1,6%	0	63
<b>Entre Amigos</b>	4/4 100%	0	0	4
<b>TOTAL</b>	66/67	1/67	0	67
Tabela 7: Relações simétricas: Igualitário Inferior				

Nas duas relações percebe-se a forma *tú* é praticamente categórica, pois há apenas um dado de *vos* ? ou 1,6% ? na relação entre irmãos. Confirma-se com estes dados que a norma para a classe mais baixa consagrava a forma *tú* como forma solidária (Navarro Gala, 2004).

Na análise do único exemplo de *vos* verifica-se como esta forma foi utilizada na peça *Comedia Armelina* (1567). Trata-se da interação dialógica entre *Mencieta* e *Guadalupe*.

**(19)**

Guadalupe Mencia, hermana, ¿sabes tú algo para contra ojos adormidos?  
Mencieta Mil medicinas hay.  
Guadalupe ¿Mil, eh? Dime un par d'ellas.  
(...)  
Guadalupe Mira, Mencieta: aunque otra vez me veas ciego y rezar oraciones, no me cures.  
Mencieta ¡Mira qué mercedes! Haced bien a semejantes.

No exemplo 19 nota-se que os irmãos se tratam predominantemente de *tú*, que era a forma esperada, visto que há aqui uma relação interpessoal com intimidade. No entanto, quando *Mencieta* dá um conselho a seu irmão, muda a forma de tratamento para *vos*. Observa-se que este conselho é quase formulaico, ou seja, provavelmente sempre se aconselhava a fazer bem aos outros desta forma. Por isso, *Mencieta*, que pertence à classe mais baixa, utiliza-a. Neste caso, a mudança na forma de tratar o interlocutor talvez não indique uma estratégia de polidez. Pode ser que seja apenas a repetição de uma estrutura cristalizada e consagrada pela sociedade. Se for considerado, entretanto, que *Mencieta* tenha realmente optado por uma forma de maior prestígio, seu intuito seria minimizar o AAF negativa que realizava ao aconselhar Guadalupe. Neste caso, a alternância na forma de tratamento constituiria uma estratégia de polidez negativa, porque teria como finalidade mostrar ao interlocutor que não queria interferir na sua autonomia.

Conclui-se, portanto, que nas relações igualitárias entre superiores a forma *vos* é a mais produtiva. No entanto, esta não é a única, pois a forma *tú* também ocorre, apesar de ser mais produtiva entre pessoas muito íntimas (os esposos, amantes). A forma *V.M* também é utilizada quando se deseja simular distanciamento ou quando este distanciamento é real (quando não há intimidade, apenas simetria). Nas relações entre igualitários entre inferiores, por sua vez, a forma *tú* é praticamente a única produtiva, pois o único uso de *vos* aparece em uma “frase feita”.

#### **4.3 – As formas nominais: outra expressão de poder e solidariedade**

Apesar do tema central deste capítulo ser o estudo das formas verbo-pronominais de tratamento, é praticamente impossível ter uma visão integral se não forem discutidas também as formas nominais de tratamento que são bastante produtivas no *corpus*. Afinal, ambas encontram-se estreitamente relacionadas, visto que refletem, por um lado, as relações de poder e solidariedade, e constituem, por outro, importantes estratégias de atenuação ou de intensificação do grau de imposição dos diferentes atos de fala nos quais se atualizam. Através da combinação de formas verbo-pronominais e nominais, o falante expressa distintos graus de familiaridade ou confiança, formalidade e respeito de acordo com os modos de comunicação e as pautas culturais, sociais, históricas e ideológicas vigentes na comunidade (Rigatuso, 1992).

As formas nominais, ao contrário das verbo-pronominais de segunda pessoa que são em número restrito (*tú, vos, V.M*), apresentam inventário mais amplo (*señor, vuestra señoría, hijo, Marina, etc.*), muito variável em função de indexações sociais (dialetos, diferenças de gênero, idade, escolaridade, redes sociais).

De acordo com Pedroviejo Esteruelas (2004 p.249), o nome próprio designa uma pessoa concreta e com características particulares. Portanto, é uma forma de nomear e tratar o interlocutor. No entanto, não é a única. As línguas possuem outros recursos de apelação. Este autor elencou sete tipos de recursos apelativos em espanhol: nomes próprios, títulos genéricos, apelidos, termos de parentesco, termos de diversas relações, termos metafóricos e interjeições. Costa (2007 p.44), por sua vez, adaptou a nomenclatura de Pedroviejo Esteruelas (2004) e classificou as formas nominais presentes em seu *corpus* em seis grupos: (i) nomes próprios, apelidos e diminutivos, (ii) termos metafóricos ou metonímicos, (iii) termos de parentesco, (iv) sobrenomes, (v) títulos genéricos, (vi) títulos profissionais. A partir destas duas categorizações, criou-se,



para este estudo, um grupo de fatores que classificasse cada nome presente em nosso *corpus*. Desta forma chegou-se à seguinte ordem:

- 1) títulos genéricos: são denominações no trato geral (*señor, señora, doña*);
- 2) títulos profissionais ou religiosos: são títulos que se referem à ocupação profissional (*Gobernador, padre, alcalde*);
- 3) termos metafóricos ou metonímicos: incluem-se termos que surgem de extensões semânticas de diversas índoles como termos metafóricos (*cachorro*) e insultos (*don asno*);
- 4) Prenomes: nesta categoria encontram-se os nomes próprios (*Guadalupe, Chanfalla*);
- 5) termos de parentesco: abarca todos os termos específicos das relações familiares (*hija, sobrino, padre*);
- 6) diminutivos: consiste em uma forma nominal originada do nome próprio através de um sufixo (*Lorencillo, Mencieta*).

Segundo Kerbrat-Orecchioni (2007), as formas nominais de tratamento têm como principal função interpelar o interlocutor, desempenhando função conversacional relacionada ao cálculo da distância interpessoal e reforçando os posicionamentos identitários entre os interlocutores (solidários ou não-solidários, por um lado, de proximidade ou de distância e deferência, por outro). Partindo de tal perspectiva, acredita-se que a distância social entre os interlocutores irá determinar a escolha da forma nominal da seguinte maneira:

- (i) nas relações assimétricas *superior-inferior* predominarão os termos metafóricos ou metonímicos e os de parentesco;
- (ii) nas relações assimétricas *inferior-superior* prevalecerão os títulos genéricos, profissionais ou religiosos;
- (iii) os termos de parentesco utilizados nas relações assimétricas ascendentes serão *padre, madre* e *tio* enquanto que nas descendentes *hijo, hija* e *sobrino*. Nas relações simétricas ocorreram *hermano, hermana, prima*. Pode-se dizer que o uso deste tipo de forma nominal é pré-estabelecido por que seu uso se restringe às relações familiares;

(iv) nas relações simétricas predominarão os prenomes e os diminutivos.

#### 4.3.1 – Relações Assimétricas em entremezes espanhóis

A tabela a seguir apresenta os resultados obtidos nas relações assimétricas:

		Relações Assimétricas	
		Superior-Inferior	Inferior-Superior
1	<b>Títulos genéricos</b>	15/85 17,6%%	43/78 55,1%
2	<b>Títulos profissionais ou religiosos</b>	14/85 16,5%	16/78 20,5%
3	<b>Termos metafóricos ou metonímicos</b>	18/85 21,2%	7/78 8,9%
4	<b>Prenomes</b>	7/85 8,2%	2/78 2,6%
5	<b>Termos de parentesco</b>	21/85 24,7%	5/78 6,4%
6	<b>Diminutivos</b>	10/85 11,8%	1/78 1,3%
Total		85	78
Tabela 8: Distribuição das formas nominais pelas relações assimétricas			

Como se vê, na tabela 8, predominam nas relações assimétricas de *superior-inferior* os termos de parentesco ? *hijo, hija, sobrino* ? (24,7%), termos metafóricos ou metonímicos ? como *asno, mozo, monstruo, tonto, bellacón* ? (21,2% dos dados). Chama-nos a atenção nas relações de *superior-inferior* a ocorrência, com valores significativos, dos títulos genéricos ? *señor, señora, dueña* ? (17,6%) e prenomes (*Magdalena, Pedro Capacho, Chanfalla*) ? 8,2%. Ademais, é interessante assinalar o aparecimento dos diminutivos (*Lorencillo, Mencieta*) ? 11,8% ? , pois era esperado que esta forma de tratamento ocorresse principalmente nas relações simétricas.

De *inferior para superior* observa-se o favorecimento, assim como esperado, dos títulos genéricos (55,1%) e os títulos profissionais ou religiosos ? *alcalde, escribano, cauallero* ? 20,5%. Aqui vale a pena destacar, apesar da baixa frequência de uso, os termos metafóricos ou metonímicos (8,9%), diminutivos (1,3%) e os prenomes (2,6%) nas relações *inferior-supeior*, uma vez que estas formas nominais marcam intimidade (menor distância interpessoal) entre os interlocutores ou

inferioridade social do ouvinte. Portanto, deveriam ocorrer em relações simétricas ou assimétricas descendentes.

Como apenas a análise quantitativa das formas nominais não é suficiente para justificar determinados usos (como os prenomes nas relações assimétricas ascendentes), a seguir será apresentada a análise de alguns exemplos buscando identificar os contextos que favoreceram sua ocorrência.

Analisando os títulos genéricos surpreende seu uso tão representativo nas relações de *superior para inferior* (17,6%), tendo em vista que se esperava que quem tivesse mais poder escolhesse formas de tratamento que marcassem a inferioridade do interlocutor. Segue um exemplo ilustrativo de tal uso:

(20)

Gobernador Señora autora, ¿qué poetas se usan ahora en la corte de fama y rumbo, especialmente de los llamados cómicos? Porque yo tengo mis puntas y collar de poeta, y pícome de la farándula y carátula. Veinte y dos comedias tengo, todas nuevas, que se ven las unas a las otras, y estoy aguardando coyuntura para ir a la corte y enriquecer con ellas media docena de autores.

Chirinos A lo que vuesa merced, señor gobernador, me pregunta de los poetas, no le sabré responder, porque hay tanto que quitan el sol, y todos piensan que son famosos; los poetas cómicos son los ordinarios y que siempre se usan, y así, no hay para qué nombrillos. Pero dígame vuesa merced, por su vida: ¿cómo es su buena gracia? ¿Cómo se llama?

Gobernador A mí, señora autora, me llaman el licenciado Gomencillos.

Chirinos ¡Válame Dios! ¿Y que vuesa merced es el señor licenciado Gomencillos, el que compuso aquellas coplas tan famosas de “Lucifer estaba malo” y “Tómale mas de fuera?”

Gobernador Malas lenguas hubo que me quisieron ahijar estas coplas, y así fueron más como del Gran turco. Las que yo compuse, y no lo quiero negar, fueron aquellas que trataron del diluvio de Sevilla, que, puesto que los poetas son ladrones unos de otros, nunca precié de hurtar nada a nadie: con mis versos me ayude Dios, y hurte el que quisiere.

O exemplo 20 foi retirado da peça *El retablo de las Maravillas* (1615). Nesta, *Gobernador* é o responsável pela cidade e *Chirinos* uma impostora que foi a cidade apresentar um teatro maravilhoso. Neste momento os dois estão conversando a sós e

*Gobernador* resolve verificar o quão famoso está na corte, pois além de governador este personagem também é escritor. Percebe-se que esta relação é transacional, ou seja, os personagens têm objetos de negociação definidos e pouca experiência compartilhada. Neste exemplo nota-se o uso de formas nominais de tratamento por ambos os personagens. *Gobernador* ocupa o pólo de maior poder e *Chirinos* o de menor. Percebe-se neste caso a combinação de títulos genéricos (*señor, señora*) e profissionais (*Gobernador, autora*). Além disso, este tipo de combinação ocorre tanto de *superior-inferior* como *inferior-superior*. Percebe-se que quando usada de *superior-inferior* esta combinação tem como objetivo marcar a distância entre os interlocutores e reconhecer os desejos de face do ouvinte. Desta forma, *Gobernador* usa tal combinação como uma estratégia de polidez, pois ele irá realizar um ato de ameaça à face negativa de *Chirinos* ao pedir-lhe informações sobre a corte. Já o uso desta combinação por parte de *Chirinos* tem como objetivo reconhecer os desejos de face de *Gobernador*, mostrando respeito, reconhecendo sua superioridade. Deste modo, pode-se concluir que tanto os títulos profissionais como os genéricos são utilizados para marcar distanciamento entre os interlocutores, assim como para reconhecer os desejos de face do interlocutor.

Parte-se da hipótese de que o uso dos termos metafóricos ou metonímicos predominaria de *superior para inferior* porque geralmente estes revelam características que descrevem física, psicológica ou moralmente o ouvinte. Algumas vezes estes distintivos são utilizados com o objetivo não só de explicitar tal atributo, como também para agredir, ou chamar atenção sobre alguma característica pouco louvável ou que o ouvinte não desejava tornar pública. Constituem, portanto, atos de ameaça à face positiva do ouvinte. Por conseguinte, para fazê-lo de maneira segura, ou seja, sem colocar sua própria face em risco, o falante teria que ter mais poder que seu ouvinte. Assim sendo, o uso nas relações *superior-inferior* foi considerado mais provável do que nas relações *inferior-superior*. No entanto, este tipo de forma nominal de tratamento ocorreu de maneira significava de *inferior-superior*. Por isso, segue a análise de um exemplo a fim de identificar as motivações que determinaram o uso de referidas formas nominais.

O exemplo 21 é da peça *Entremés de la Ronda* (1659). Trata-se do momento em que *Magdalena* (esposa de *Alcalde*) e *Barbero* estão se encontrando às escondidas na casa de *Magdalena*. *Escribano* (empregado de *Alcalde*) avisa para *Alcalde* que *Barbero* está em sua casa e diz que se for lá pode pegar os dois em flagrante. *Alcalde*, no entanto, encontra-se relutante em fazê-lo.

(21)

- Escribano ¡Cierto! Vilos entrar yo.
- Alcalde Yo...
- Escribano Yo os juro que entro, yo le encontré.
- Alcalde ¿Pues qué os importa á vos que entre ó no entre?
- Escribano Nada, que soy um asno. Entrad, cogellos  
allí infragantis.
- Alcalde Vamos, que he de cogellos  
En fregando, por Dios, si los encuentro.
- Escribano ¡Reine Marte!  
¿Que hábeis de hacer?
- Alcalde Echar por otra parte.
- Escribano ¡llegá!
- Alcalde Y vos, Escribano.
- Escribano ¿Qué tenemos?
- Alcalde Ocupados están; esperaremos.
- Escribano ¡Tonto, llegad!

Neste exemplo há uma relação transacional entre patrão (*Alcalde*) e empregado (*Escribano*). Nesta, percebe-se que *Escribano*, que ocupa o pólo de menor poder, usa para tratar seu interlocutor a palavra *tonto*. Tal uso acontece quando empregado perde a paciência ao aconselhar seu patrão a entrar em casa para pegar sua esposa com o amante em flagrante. Trata-se de um ato exortativo intensificado pela repetição e pela forma nominal. Percebe-se, portanto, que *Escribano* já realizava um ato de ameaça à face negativa de *Alcalde* quando o aconselhava a entrar na casa, pois está tentando convencê-lo a fazer algo que não estava em seus planos, tentando, assim, influir em sua autonomia. Como o *Alcalde* não o ouvia e tal situação o incomodava, ele utiliza uma forma de tratamento que explicita uma característica psicológica de seu interlocutor já que *tonto* significa pessoa chata, lenta<sup>30</sup>. Com tal ato, *Escribano* realiza um AAF positiva de *Alcalde* visto que lhe atribui, com a forma de tratamento nominal, uma característica que provavelmente não é desejada por seu interlocutor. Além disso, é

---

<sup>30</sup> Segundo o Dicionário da Real Academia Española (consultado em 08/06/2008): “*escaso de entendimiento o razón. Que padece cierta deficiencia mental. Dicho de una persona: Pesada, molesta*”

possível dizer, analisando a cena, que a forma nominal pode sofrer um esvaziamento semântico e ganhar força ilocucionária, intensificando desta forma a exortação realizada.

Chama-nos, também, a atenção o uso de diminutivos nas relações assimétricas, visto que este tipo de forma de tratamento era esperado em relações nas quais os interlocutores ocupassem o mesmo pólo de poder, que fossem íntimos, ou seja, em relações pessoais. Por isto, analisou-se um exemplo para verificar as motivações do uso de diminutivos neste tipo de relação.

O uso de diminutivos ocorreu somente nas peças *Entremés del mortero y chistes del Sacristán* (1617) e *Comedia Armelina* (1509). Sendo que nesta última ele ocorre de *superior-inferior*. Nesta peça, tal forma ocorre em relações transacionais (*patrão-empregado*). O diminutivo, neste caso, é uma maneira referir-se a mulheres e de marcar inferioridade e do ouvinte. O caso de *inferior-superior*, nos chama mais atenção, por ocorrer na relação *Sacristán-Lorenzo*, ou seja, amante de *Marina* e enteado de *Marina* e o de *superior-inferior* entre *Vejete-Lorenzo* (pai-filho). Segue o exemplo:

(22)

Vejete	¡Hola! Lorencillo, Lãs ventanas abre, Y mira quién llama.
Sacristán	¡Ah de casa! ¿No abren?
Vejete	¡Lorencillo, hijo! No responde nadie. Todo el mundo duerme Quiero levantarme.
Sacristán	¡Señor Pero Díaz! ¡ <u>Lorencillo!</u> ...
Vejete	Aguarde, Que ya me levanto.

Em 22, observa-se que o uso do diminutivo ocorre por parte de *Sacristán* e de *Vejete*. Sendo que quem primeiro utiliza esta forma de tratamento é *Vejete* ao chamar *Lorenzo* ? seu filho. É possível justificar este uso, que ocorre de *superior-inferior*, pois ocorre entre pai e filho. Provavelmente seria uma forma carinhosa/íntima que o pai utilizava para chamar seu filho. Trata-se de uma relação íntima, apesar de hierarquizada. Pode-se dizer que é uma relação interpessoal (Briz, 2004). Esta forma, portanto, marcaria a relação de uma pessoa mais velha (*Vejete*) com uma mais nova (*Lorenzo*).

No entanto, como a relação entre *Sacristán* e *Lorenzo* é transacional, o uso por parte de *Sacristán* não tem caráter afetivo. Trata-se de uma maneira de afrontar o ouvinte, interpelando-o em tom irônico. Desta forma, *Sacristán* está realizando um ato de ameaça à face de *Lorenzo* sem reparação, visto que o uso da forma de tratamento neste caso é o que provoca o AAF. Além disso, o AAF é contra a face positiva (visto que o interlocutor pode não gostar da imagem que lhe foi atribuída, neste caso pode considerá-la íntima demais) e também a face negativa. Isso ocorre porque *Sacristán* está chamando *Lorenzo*, através da forma de tratamento nominal, e assim está interferindo em sua liberdade. Ele está fazendo com que *Lorenzo* se levante e vá ver quem chama.

Pode-se dizer, por conseguinte, que os diminutivos ocorreram nas relações assimétricas pessoais como demonstração de carinho (na relação pai-filho), marcando diferença de idade entre os interlocutores (*Vejete*, mais velho, *Lorenzo*, mais novo) e como maneira de interpelar o interlocutor ironicamente (na relação *Sacristán-Lorenzo*).

O uso dos prenomes nas relações simétricas era esperado visto que se caracteriza por seu caráter estável e exige um saber sobre o interlocutor (Kebrat-Orecchioni, 2007). Seu uso nas relações *superior-inferior* pode ser explicado pelo fato do falante deter mais poder do que o ouvinte. Assim pode utilizar uma forma que marcaria intimidade para sugerir inferioridade do interlocutor. A ocorrência, no entanto, de prenomes nas relações *inferior-superior* surpreende porque uma pessoa que ocupa o pólo inferior não tem poder suficiente para utilizar uma forma de tratamento que marca proximidade entre interlocutores. Logo, fica a questão: qual o valor semântico-pragmático do prenome utilizado nas relações *inferior-superior*?

O exemplo 23 elucida esta questão:

**(23)**

Vejete Tomadle  
Que á mi me há pesado  
De que se os tomas ela prenda por cosa que tan poco  
vale,

(...)

Vejete Y, em fin, outra vez  
Aqui no se extrañe,  
Pues vê que esta casa  
Desea agradarle  
Y á vos, mi señora,  
Os digo delante  
Del señor Gigorro,  
Que podéis prestalle  
El mortero vuestro

Para que traiga prenda  
Hasta que se harte.  
Marina Digo, Pero Díaz,  
Que obedezco.

No exemplo 23 há um pequeno trecho da peça *Entremés del mortero y chistes del Sacristán* (1617). Trata-se de um momento de conflito, no qual *Pero Díaz* (*Vejete*) devolve a capa de *Sacristán* (amante de *Marina*). Nota-se que *Marina* (esposa de *Pero Díaz*) utiliza um prenome ? *Pero* ? acompanhado do sobrenome ? *Díaz*. Como se trata de uma relação interpessoal, na qual os personagens são casados, pode-se dizer que com tal forma de tratamento (nome + sobrenome) *Marina* está informando ao esposo que irá cumprir suas determinações. O uso do sobrenome, forma nominal relacionado à honra (Costa, 2007), por parte da esposa é uma estratégia para tentar uma aproximação com seu marido. Com a utilização desta forma *Marina* está confirmando a identidade de *Vejete*, reconhecendo seus desejos de face, ou seja, sua imagem de marido, de homem. Desta forma, a combinação de prenome + sobrenome seria uma estratégia de polidez, pois mostra que, apesar de ter algum conhecimento sobre seu interlocutor ? demonstrado pelo uso do prenome ? , *Marina* marca a superioridade de *Vejete* através do sobrenome (forma menos íntima de maior distanciamento entre os interlocutores).



#### 4.3.2 – Relações Simétricas em entremezes espanhóis

Por fim, os dados obtidos nas relações simétricas:

		Relações Simétricas	
		Igualitário Superior	Igualitário Inferior
1	<b>Títulos genéricos</b>	14/64 21,9%	0
2	<b>Títulos profissionais ou religiosos</b>	4/64 6,3%	0
3	<b>Termos metafóricos ou metonímicos</b>	8/64 12,5%	3/21 14,3%
4	<b>Prenomes</b>	23/64 35,9%	7/21 33,3%
5	<b>Termos de parentesco</b>	15/64 23,4%	4/21 19,0%
6	<b>Diminutivos</b>	0	7/21 33,3%
<b>Total</b>		64	21

Tabela 9: Distribuição das formas nominais pelas relações simétricas

Na tabela 9, percebe-se que nas relações igualitárias os prenomes (*Armelina*, *Florentina*, *Magdalena*, *Pedro Capacho*, *Chanfalla*) predominam com 35,9% entre igualitários superiores e 33,3% e igualitários inferiores. Os diminutivos, como era esperado, aparecem com valores significativos nas relações igualitárias entre inferiores (33,3%).

Chama-nos a atenção o uso de títulos genéricos (21,9%) entre iguais superiores, pois era esperado que estas formas ocorressem com valores pouco significantes. Por isso, acredita-se que seja interessante analisar um exemplo para verificar em quais contextos estas formas ocorriam:

(24)

*Suena una trompeta o corneta dentro del teatro y entra un  
FURRIER de compañías*

Furrier      ¿Quién es aquí el señor Gobernador?

Gobernador    Yo soy. ¿Qué manda vuesa merced?

Furrier      Que luego al punto mande hacer alojamiento para treinta hombres de armas que llegarán aquí dentro de

media hora, y aun antes, que ya suena la trompeta. Y a Dios.

No exemplo 24 observa-se que *Furrier*, apesar de não exercer poder sobre *Gobernador*, utiliza a forma *señor Gobernador* para tratá-lo. Tal fato pode ser justificado porque apesar de se tratar de uma relação igualitária não é uma relação interpessoal, ao contrário, trata-se de uma relação transacional. Assim sendo, justifica-se o uso de formas nominais e verbo-pronominais que marcam distância e respeito entre os interlocutores pela falta de experiências compartilhadas entre eles.

Por último, o uso dos termos de parentesco. Percebe-se que estes ocorrem tanto em relações assimétricas como simétricas. Nas primeiras identificaram-se termos como *padre*, *madre*, *hija*, *sobrino*. Na segunda têm-se *hermana(o)* e *prima*. Todos estes termos são específicos das relações familiares. A título de ilustração, segue um exemplo:

(25)

Castrada Aquí te puedes sentar, Teresa Repolla amiga, que tendremos el retablo enfrente; y pues sabes que han de tener los miradores del retablo, no te descuides, que sería una gran desgracia.

Teresa Ya sabes, Juana Castrada, que soy tu prima, y no digo más. Tan cierto tuviera yo el cielo como tengo cierto ver todo aquello que el retablo mostrare. Por el siglo de mi madre, que me sacase los mismos ojos de mi cara si alguna desgracia me aconteciese. ¡Bonita soy yo para eso!

Castrada Sosiégate, prima, que toda la gente viene.

(...)

Castrada ¿Oyes amiga? Descubre el rostro, pues vês lo que te importa. ¡Oh, qué licor tan sabroso! Cúbrase, padre, no se moje.

Juan Todos nos cubrimos, hija.

(...)

Juan Pues, hija, ¿de antes te espantabas de los ratones, y agora pides osos y leones?

Castrada Todo lo nuevo aplace, señor padre.

Em 25 há três momentos da peça nos quais se percebem o uso dos termos de parentescos. Estes ora são combinados com as formas *tú* ora com *V.M.* Na relação entre as primas *Teresa* e *Castrada* nota-se o uso do termo de parentesco *prima* juntamente com a forma *tú*. Trata-se de uma relação interpessoal e simétrica, na qual as

personagens possuem experiência compartilhada e se denominam como amigas. Percebe-se que o termo de parentesco nesta relação apenas ocorre quando *Castrada* está advertindo sua prima para que tenha cuidado, pois somente os cristãos verdadeiros irão conseguir ver as maravilhas que serão apresentadas. Portanto, *Castrada* está realizando um ato de ameaça à face positiva de *Teresa*, pois está advertindo-a para que se comporte como “cristã antiga”. *Teresa*, para se defender, informa à *Castrada* que ambas são primas e, portanto, cristãs antigas. Com este ato *Teresa* também ameaça à face positiva de *Castrada*, pois rebate a acusação feita. Por fim, *Castrada* deseja reconhecer os desejos de face de *Teresa* e usa a forma de tratamento *prima* como estratégia de polidez positiva, uma vez que com esta forma nominal ela reconhece os desejos de face de sua interlocutora.

Já na relação entre *Juan* e *Castrada* percebe-se que esta utiliza a forma nominal *padre* (*Cúbrase, padre, no se moje*), enquanto que aquele utiliza *hija* combinado com *tú* (*Pues, hija, ¿de antes te espantabas de los ratones, y agora pides osos y leones?*). Nota-se que esta relação apesar de interpessoal é assimétrica e que *Castrada* ocupa o pólo de menos poder. Além disso, observa-se nesta relação, inclusive, a combinação de um título genérico e um termo de parentesco (*señor padre*). Esta combinação foi realizada depois que *Juan* repreende sua filha por estar pedindo ao apresentador do teatro maravilha animais mais ferozes como ursos e leões depois de ter reclamado dos ratos que saíram do teatro. Portanto, *Juan* faz um AAF negativa de *Castrada* sem reparação visto que ele tem mais poder e não coloca sua própria face em risco ao fazê-lo. *Castrada*, por sua vez, reconhece que sua atitude é contraditória e se justifica afirmando que o novo lhe agrada. Ao mesmo tempo, a jovem reconhece os desejos de face de seu pai (que provavelmente queria ser respeitado e visto como uma pessoa que tem mais poder que sua filha) utiliza a forma *señor padre* para tratar seu ouvinte e assim evitar o conflito.

Percebe-se, portanto, que tanto as formas verbo-pronominais como as nominais são utilizadas para marcar a distância ou proximidade entre os interlocutores. Além disso, não é possível apenas com uma análise quantitativa explicar todos os usos, pois o valor semântico-pragmático das formas de tratamento está estritamente relacionado com o contexto de utilização. *Somente o uso determina a regra* (Domingos, 2001 p. 21). Desta forma, os pronomes *tú, vos, V.M.*, por exemplo, podem ser utilizados tanto em relações interpessoais como transacionais. Tudo depende do contexto no qual ele está inserido. O mesmo pode ocorrer com uma forma nominal, como foi

comprovado no exemplo 24. *Lorencillo* tem tanto um valor carinhoso, como irônico. A interpretação depende de como as formas de tratamento são utilizadas.

Em **síntese**, este trabalho confirma que nas relações assimétricas a forma *vos* tinha comportamento dúbio (ora marcando deferência ora marcando inferioridade do ouvinte) provocado pela perda de seu caráter de reverência. Além disso, *V.M* estava emergindo devido à depreciação de *vos*. Entre iguais da classe mais abastada a forma *vos* era a mais produtiva, mas é possível observar a concorrência desta com *tú* e *V.M* ? sendo esta última usada apenas em relações transacionais, nas quais se desejava marcar distância social. Entre membros das classes populares, por sua vez, percebe-se que a única estratégia produtiva é *tú*.

Quanto ao uso das formas nominais, é possível afirmar que o valor semântico-pragmático está muito relacionado ao contexto da interação. Sendo assim, personagens que têm mais poder utilizam maior variedade de formas nominais de tratamento, enquanto que os que têm menos poder optam por formas que marquem respeito e distanciamento social. Por isso, nota-se, no *corpus*, que nas relações do tipo *superior-inferior* as formas nominais predominantes se distribuem (com cerca de 20% em cada tipo de relação) entre *termos de parentesco* (24,7%), *termos metafóricos ou metonímicos* (21,2%), *títulos genéricos* (17,6%), *títulos profissionais ou religiosos* (16,5%). Já nas relações de *inferior-superior* apenas dois tipos de formas nominais representam mais de 75% dos dados (*títulos genéricos* (55,1%) e *títulos profissionais ou religiosos* (20,5%)). Nas relações igualitárias entre membros da classe mais alta, mais uma vez há uma alternância maior no uso das formas nominais, não sendo encontrados, neste grupo, os diminutivos. Já entre os personagens da classe mais baixa nota-se que as formas que marcam maior distanciamento e respeito não ocorrem (*títulos genéricos e profissionais ou religiosos*) e predominam os prenomes e diminutivos que são estratégias que determinam pouca distância entre os interlocutores e intimidade.

## 5 – análise dos resultados: o tratamento em entremezes portuguesas

Adotando os mesmos critérios utilizados no capítulo anterior, propõe-se analisar as formas verbo-pronominais e nominais empregadas em entremezes portuguesas.

O *corpus* é composto por cinco peças portuguesas, contabilizando 855 dados, no total. Os dados estão distribuídos conforme apresenta a tabela 1.

Século	XVI	XVII	XVIII			
Português	<i>Auto da Índia</i>	<i>O Fidalgo aprendiz</i>	<i>As convulções, desmaios, e desgostos, ...</i>	<i>A escola do Amor</i>	<i>A dama Presumida</i>	Total
Nº de dados	122	307	146	152	125	855

Tabela 1- *Corpus*

### 5.1 – DISTRIBUIÇÃO GERAL DOS DADOS DAS FORMAS VERBO-PRONOMINAIS DE TRATAMENTO

No total foram encontrados 623 dados de formas verbo-pronominais, sendo 307 em orações não imperativas e 316 em orações imperativas.

Para a análise dos entremezes portugueses, parte-se de algumas hipóteses discutidas por Cintra (1972) e, mais precisamente, por Domingos (2001) em seu trabalho com base no teatro vicentino.

Cintra (1972) afirma que, no período compreendido entre os séculos XV e primeira metade do XVIII, *tu* estava relacionado à intimidade, enquanto a forma pronominal *vós* (a princípio) e as formas nominais *Vossa Mercê*, *Vossa Senhoria*, *Vossa Alteza*, *Vossa Majestade*, *Vossa Excelência*, *Vossa Reverência* estavam relacionadas à cortesia. Como discutido no capítulo 2, o tratamento *vós* vai perdendo, gradativamente, seu caráter de reverência e acaba sendo substituído pelas formas nominais de tratamento. Já no século XVIII, segundo Faraco (1996), a forma *vós* era considerada um traço arcaizante. Para Cintra (1972), a partir da segunda metade do século XVIII, a forma *vós* torna-se cada vez menos usual com uso limitado a orações (rezas), ao passo

que cabe à *V.M*<sup>31</sup> e às demais formas nominais o emprego como estratégia de maior formalidade. A forma *tu*, por sua vez, continua sendo utilizada na intimidade.

No estudo de Domingos (2001) sobre os pronomes de tratamento do século XVI em autos de Gil Vicente, a posição social do falante em contraposição à do ouvinte é decisiva para a seleção da forma de tratamento. Deste modo, as formas pronominais *tu* e *vós* eram utilizadas como tratamento direto a uma pessoa e a escolha de uma ou outra estava intimamente relacionado à hierarquia da relação. Assim, *tu* era utilizado para marcar inferioridade do ouvinte ou em relações simétricas e solidárias. *Vós*, por sua vez, era utilizada como forma de tratamento respeitoso de inferior para superior ou como forma de tratamento em relações nas quais havia igualdade social.

Partindo das hipóteses de Domingos (2001), pretende-se, neste capítulo, verificar como as relações sociais influenciavam na seleção da forma de tratamento pelos personagens das peças que compõem o *corpus*.

### 5.1.1 – Orações não-imperativas em entremezes portugueses

A tabela a seguir apresenta a distribuição das formas de tratamento verbo-pronominais ao longo do tempo e pelas peças estudadas.

	TU			VÓS			V.M.			Total
	Pleno	Nulo	Total	Pleno	Nulo	Total	Pleno	Nulo	Total	
Auto da Índia (1509)	7	5	12/62 19,4%	18	30	48/62 77,4%	0	2	2/62 3,2%	62
O Fidalgo aprendiz (1646)	2	7	9/135 6,6%	16	108	124/135 91,9%	2	0	2/135 1,5%	135
A escola do Amor (1783)	8	20	28/37 75,7%	0	2	2/37 5,4%	0	7	7/37 18,9%	37
As convulções, desmaios, e desgostos, ... <sup>32</sup> (1789)	4	5	9/38 23,7%	0	0	0	17	12	29/38 76,3%	38
A Dama presumida (1794)	3	13	16/35 45,7%	0	0	0	11	8	19/35 54,3%	35
Total	24	50	74/307 24,1%	34	140	174/307 56,7%	30	29	59/307 19,2%	307

Tabela 2 - Distribuição das formas verbo-pronominais em orações não-imperativas

Como é possível observar na tabela 2, analisando os dados gerais, verifica-se o favorecimento da forma *vós* (56,7%) em relação às outras duas formas: *tu* e *V.M* (24,1% e 19,2%, respectivamente). Observa-se que os percentuais de frequência relativos a *tu* e

<sup>31</sup> No corpus foram identificadas as seguintes formas variantes de *Vossa Mercê*: *vuesa merced*, *Vossa Mercê*, *Vossancê*, *V.m*, *Vomece*, *ocê*, *vossê*, *Voso*.

<sup>32</sup> Como o nome da peça *As convulções, desmaios, e desgostos, de huma peralta da moda na infausta morte do seu caõinho, chamado Cupido* é muito extenso, doravante utilizaremos a forma abreviada *As convulções, desmaios, e desgostos, ...*

*V.M* são muito próximos. No entanto, se forem analisadas as formas de tratamento considerando o período estudado, nota-se que, nos séculos XVI e XVII, *tu* e *vós* eram dominantes, enquanto *V.M* ocorria com apenas 3,2% e 1,5% respectivamente. Além disso, nestes dois séculos a forma *vós* predomina em relação ao *tu*, sendo a primeira muito mais freqüente do que a segunda. Observando os entremezes do século XVIII, percebe-se, no entanto, o desfavorecimento da forma *vós*, que passa de forma predominante nas peças *Auto da Índia* (1509) e *O Fidalgo aprendiz* (1646) estratégia menos freqüente nas demais. Nas obras do século XVIII, nota-se que a forma *tu* predomina em *A escola do Amor* (1783) com 75,7% e ocorre com valores significativos em *A Dama presumida* (1794) ? 45,7%. *V.M*, por sua vez, predomina em *A Dama presumida* (1794) ? 54,3% e em *As convulções, desmaios, e desgostos, ...* (1789) ? 76,3%.

Diferentemente do que foi observado nos entremezes espanhóis, nos dados de Portugal, evidenciam-se mudanças significativas em termos cronológicos com o decréscimo de *vós* ao lado do incremento de *V.M*.

Além disso, nota-se, a partir da distribuição dos dados na tabela, que prevalecem os sujeitos nulos sobre os plenos quando se analisam os resultados referentes às formas *tu* e *vós*. Tal resultado é condizente com o fato de o português ter comportamento de língua de sujeito nulo no período analisado (Duarte, 1995). Todavia, verificando os dados de *V.M* percebe-se que o número de ocorrências de preenchimento do sujeito são bastante próximos (30 plenos e 29 nulos). Tão elevado grau de preenchimento, principalmente com as formas variantes de *V.M*, pode ser explicado a partir de Benveniste (1988) que diz que a utilização de *você* como pronome de 2ª pessoa do singular mudou o comportamento do falante quanto o preenchimento do sujeito. Isso porque a 2ª pessoa passou a ser indicada exclusivamente pelo pronome (uma variante de *Vossa Mercê*) e não mais pelo verbo, pois a marca verbal de pessoa restringiu-se ao  $\emptyset$  característico da “não-pessoa” ou 3ª pessoa do singular.

Serão discutidas, a seguir, as possíveis as motivações para preenchimento da posição de sujeito com os pronomes *tu* e *vós*.

Chama a atenção os 17 dados de sujeito preenchido com a forma *vós* na peça *O fidalgo aprendiz* (1646):

(1)

(*Entra D. Beltrão vestido de cortesão e D. Gil de estranha figura e muito enfeitado*)

Beltrão Sou primeiro.

Isabel Vós sois o mais abelhudo.

Beltrão Em servir-vos diligente.

Isabel Sede embora!

Britez Guarde Deus tanto veludo!  
Tomaste-no de repente!...

Gil O'senhora!

Beltrão O'senhora ante quem he  
sem sal o salgado mar  
Se vos vir...  
Falle-nos vossa mercê.

Isabel Eu não digo só fallar,  
Mas servir

Em 1, *D. Beltrão* e *D. Gil* chegam à casa de *Isabel*. Todos estão presentes na cena. Nota-se o preenchimento do sujeito em *Vós sois o mais abelhudo*, tal frase é dita em tom de crítica por *Isabel* a *Beltrão* pelo fato de ele afirmar que foi “o primeiro”. Referida frase reflete que para *Isabel*, *Beltrão* não era o primeiro, mas sim “o mais abelhudo”. Além disso, pode-se justificar o preenchimento do sujeito para evitar ambigüidade e enfatizar a quem o falante está se dirigindo (no caso à *D. Beltrão*).

Na peça *A Dama presumida* (1794) observam-se apenas 3 dados de sujeito preenchido com o pronome *tu*. Sendo que dois deles ocorrem na fala de *Claudina* para *Pascoalina*:

(2)

*A scena se representa toda em caza de Octavio: Claudina, e Pascoalina*

Claudina Forte desmazelo de mozza, não tem habilidade alguma? Olhe como está esta pluma mal pregada? Valha-te não sei que diga as mãos, mas empregado o pão que comes; olhem para apostura deste gancho? Maldita; por teu castigo, hasde fazer tudo de novo.  
(*deita o penteado abaixo.*)

Pascoalina Valha-me o Ceo! Triste vida passa a desgraçada, que serve.

Claudina Que estás tu rosnando? Olha que se mais me dobras a cólera, que te hei de pôr as mãos na cara, vamos, vamos despregar este chorão, e vê como o tirais, não me arripelles com a cabeça de algum alfinete.

Pascoalina Sim, Senhora, tiralo-hei com cuidado.

Claudina Trabalhar, e não dar palavra, olhem como eu estava bem penteada? Não verão esta grande sisma não sei que diga, o como hia fazendo com que eu ficasse mal? Ora coitadinha de ti se me não poens a cabeça de forte, que todos fiquem admirados do meu disforme toucado.



- Pascoalina Sim, Senhora, da minha parte só está o fazer-lhe a deligencia; também quer, que lhe dezate a tremenda fórma do topete.
- Claudina Tu fazes-te dezentendida; tira tudo, çá me picaste com a ponta de hum gancho, isto não se leva de outra fórma.  
(*da-lhe.*)
- Pascoalina Coitadinha de mim, quanto he costozo femelhantes a estas; malditos penteados, emdiabradas modas, quem vos destruiu por huma vez!

No exemplo 2 têm-se dois casos de preenchimento do sujeito com o pronome *tu*. Em ambos os casos tal pronome é utilizado em situação de conflito e em tom de deboche. Observa-se que na primeira ocorrência, o *tu* aparece como sujeito posposto (*Que estás tu rosmando?*). Isto pode ser justificado pelo fato de o falante querer dar ênfase na frase. No segundo caso, o sujeito é anteposto (*Tu fazes-te dezentendida*), no entanto, tem o mesmo efeito que o anterior, ou seja, enfatizar o ouvinte.

Assim sendo, percebe-se que existe uma motivação funcional para o preenchimento da posição de sujeito no português europeu que se caracteriza por ser uma língua de sujeito nulo como o espanhol e o italiano<sup>33</sup>. Logo, quando o falante não pretende enfatizar seu discurso e este tampouco é ambíguo opta-se pelo não preenchimento do sujeito, afinal o português europeu (que é o que utilizamos neste trabalho) é uma língua de sujeito nulo (Soares da Silva, 2007).

Não obstante, analisando *V.M* percebe-se que predominam os sujeitos plenos. Na peça *As convulsões, desmaios, e desgostos, ...* (1789) localizaram-se 29 casos de *V.M*, sendo 17 ocorrências de sujeito pleno. Segue um exemplo ilustrativo:

(3)

Esmeralina Ah, meu querido Pai, ainda não posso pronunciar palavra , o meu Cupidinho, apenas bebo o caldo, abre os olhos, fita-os no teto da casa, dá hum soluço, e fica como morto: veja vossa mercê se he justa a afflicção, que me obrigou agritar?  
(...)

Esmeralina V.M quer que eu acabe os dias da vida com essas suas expreçõens? Era o que me faltava, o meu riquinho Cupido se o apartava dos meus braços? Ah meu Pai! V.M não estima as galantarias particulares destes dengus: elle hora se põem em pé, caminhando, ao som de huma marcha que lhe canto, a casa toda roda, ora apenas vê na minha mão o doce, dá hum galantissimo pulo ao meu collo, levanta as engraçadas mãozinhas, e não socega de pedir até que lho metem na boquinha, e por fim tem tantas e tão raríssimas denguisses, que fará encantar a toda a pessoa, que destes mimozos

<sup>33</sup> Atualmente, segundo os estudos de Duarte (1995, etc), o português brasileiro está se tornando uma língua de sujeito pleno, embora o português europeu continue como língua de sujeito nulo.

cãezinhos gostar.

Otávio Não se dá desaforo maior, pois essas loucuras que vossê tem contado, são motivos para se fazer caso de hum cão? Por semelhante modo? Oh que falta de Juízo! Diga-me, louca, que mais fizera vossê se huma creatura vivente padecera huma continua moléstia? Mostraria acaso maior excesso?

No exemplo 3, observa-se o uso de *V.M* pelos dois personagens. Sendo que *Esmeralina* usa a forma desenvolvida *vossa mercê* enquanto seu pai *Otávio* utiliza *vossê*. Os sujeitos, neste exemplo, aparecem tanto antepostos (“*V.M* quer”, “*V.M* não estima”, “vossê tem”) como pospostos (“fizera vossê”). Neste exemplo nota-se que o preenchimento da posição de sujeito por uma forma de *V.M* evita ambigüidade, visto que *Esmeralina* está falando de seu cãozinho e utiliza formas verbais de terceira pessoa para referir-se a ele. Caso o sujeito não fosse preenchido, em alguns casos, ficaria a dúvida: fala-se sobre o cão ou fala-se com seu interlocutor?

A partir destas análises percebe-se que a língua portuguesa do período estudado é verdadeiramente uma língua de sujeito nulo, pois as desinências de número e pessoa são suficientes para que o ouvinte entenda os enunciados. No entanto, o emprego do sujeito pleno ocorre com o objetivo de desambigüisar o enunciado como observado nos entremezes espanhóis.

### 5.1.2 – Orações imperativas em entremezes portugueses

A tabela a seguir dá a distribuição das formas *tu*, *vós* e *VM* em orações imperativas:

	TU			VÓS			V.M			Total
	Pleno	Nulo	Total	Pleno	Nulo	Total	Pleno	Nulo	Total	
Auto da Índia (1509)	1	14	15/41 36,6%	2	21	23/41 56,1%	1	2	3/41 7,3%	41
O Fidalgo aprendiz (1646)	0	6	6/96 6,2%	6	80	86/96 89,6%	2	2	4/96 4,2%	96
A escola do Amor (1783)	1	37	38/69 55,1%	0	3	3/69 4,3%	5	23	28/69 40,6%	69
As convulções, desmaios, e desgostos, .. (1789)	4	26	30/57 52,6%	0	0	0	4	23	27/57 47,4%	57
A Dama presumida (1794)	2	30	32/53 60,4%	1	1	2/53 3,8%	3	16	19/53 35,8%	53
Total	8	113	121/316 38,3%	9	105	114/316 36,1%	15	66	81/316 25,6%	316

Tabela 3 - Distribuição das formas verbo-pronominais em orações imperativas

Analisando os resultados obtidos na tabela 3, confirma-se o favorecimento das formas *tu* e *vós* (que apresentam 38,3% e 36,1% respectivamente) em relação a *V.M* (25,6%). Apesar disso, observa-se que, assim como nas orações não imperativas, este comportamento não é padrão em todas as peças. Ao contrário, pode-se dividir os dados em dois momentos: séculos XVI/XVII e século XVIII. Nas peças *Auto da Índia* (1509) e *O fidalgo Aprendiz* (1646) verifica-se o favorecimento de *vós* (56,1% e 89,6%) em relação a *tu* e *V.M*. Já no século XVIII, observa-se um aumento nos percentuais de frequência relativos às formas imperativas de *V.M*: 40,6% em *A escola do Amor* (1783), 47,4% em *As convulsões, desmaios, e desgostos, ...* (1789) e 35,8% em *A Dama presumida* (1794). Ao mesmo tempo, *vós* quase não ocorre mais, apresentando índices próximos ou iguais a zero: 4,3% em *A escola do Amor* (1783), 0% em *As convulsões, desmaios, e desgostos, ...* (1789) e 3,8% em *A Dama presumida* (1794). Quanto ao preenchimento do sujeito, nota-se predominam os sujeitos nulos, inclusive com *V.M*.

(4)

Ama	<u>Vai tu</u> comprar de comer. Tens muito pera fazer, <u>Não tardes.</u>
Moça	Não senhora; Eu virei logo nessora, Se m'eu lá não detiver.

Em 4 observa-se o uso do imperativo por *Ama*. Primeiramente, a patroa utiliza uma forma com o sujeito preenchido posposto. Em seguida, opta por um imperativo negativo com sujeito nulo. Ambos são dirigidos à *Moça* (empregada). Percebe-se que, no primeiro caso, o pronome tem a função de enfatizar a ordem dada, reforçando-a. Já no segundo caso, com sujeito nulo, percebe-se que o tom da fala de *Ama* é mais de advertência do que de ordem propriamente dita.

Deste modo, percebe-se, a partir da análise geral das duas tabelas, que a forma *vós* era utilizada para referir-se a uma única pessoa, sendo a estratégia recorrente no teatro português dos séculos XVI e XVII, assim como descreve Cintra (1972). No entanto, no final do século XVIII, referida forma encontra-se em desuso. Confirma-se, portanto, que *vós*, neste período, apresentava traços arcaizantes (Faraco, 1996). A forma *V.M*, por sua vez, apresentava comportamento oposto ao de *vós*, pois se torna mais freqüente no final do século XVIII. Provavelmente estes dados refletem o desgaste semântico que ocorreu com *V.M* passando rapidamente de forma utilizada para tratar o

rei (~1460) à forma empregada para tratar padrões burgueses no século XV em diante (Cintra, 1972, p.30).

Resta, portanto, saber o valor sócio-pragmático das formas de tratamento no período estudado. Nota-se que os dados, ao contrário do que ocorreu em espanhol, apresentam um comportamento regular em termos cronológicos que levam à suplantação da estratégia *V.M* sobre *vós*. Em que contextos *V.M* estaria substituindo o pronome *vós*? As formas variantes de *V.M* estariam sendo utilizadas com graus de formalismo distintos ao longo do tempo? Acredita-se que somente uma análise de fatores sócio-pragmáticos poderá elucidar a questão.

## **5.2 – Formas verbo-pronominais de tratamento e a natureza das relações sociais**

Na tentativa de identificar os fatores extralingüísticos que poderiam determinar o uso das formas de tratamento, analisou-se a natureza das relações estabelecidas, que foram consideradas assimétricas (*superior-inferior* ou *inferior-superior*) e simétricas (*igualitário superior* e *igualitário inferior*). A seguir, cada uma delas será comentada separadamente para melhor compreensão do fenômeno. Além disso, observou-se, como feito no capítulo referente ao teatro espanhol, o tipo de relação: *transacional* ou *interpessoal*.

Cabe, porém, ressaltar que devido à dificuldade de se constituir um *corpus* para o teatro português tem-se apenas uma peça representando o século XVI (*Auto da Índia* ? 1509) e outra para o século XVII (*O Fidalgo Aprendiz* ? 1646). Para o século XVIII há três peças (*A escola do Amor* ? 1783, *As convulsões, desmaios, e desgostos, ...?* 1789, *A Dama presumida* ? 1794).

### **5.2.1 – Relações Assimétricas ou de Poder em entremezes portuguesas**

#### **5.2.1.1 – Relações de Superior para Inferior em entremezes portuguesas**

Como já se mencionou anteriormente, as relações assimétricas são aquelas que um dos interlocutores exerce poder sobre seu ouvinte (Brown e Gilman, 1960).

Sabe-se que, assim como no espanhol, até 1500 o português conhecia apenas duas maneiras de tratar: o *tu* familiar e o *vós* respeitoso (Teyssier, 2001). Além disso,

devido ao bilingüismo luso-espanhol, no período entre meados do século XV e final do século XVII, a utilização das formas de tratamento era semelhante nos dois países (Teyssier, 2001). A forma *Vossa Mercê*<sup>34</sup> (doravante *V.M*), segundo Cintra (1972), já era registrada em 1331, no entanto, era empregada principalmente por estrangeiros dirigindo-se a seu próprio rei ou ao rei de Portugal. Contudo, muito rapidamente o seu emprego se estendeu à nobreza e mais tarde à burguesia. Com isso, cada forma nominal passou a ser considerada apropriada a determinado grupo social. Este fato fez inclusive com que o filho do imperador Filipe II em 1597 legislasse sobre o emprego das formas de tratamento (Cintra, 1972, p. 24). Porém, no texto não se menciona o uso de *Vossa Mercê*, mas é possível subentender, segundo Cintra (1972), que seu uso era situado *a um nível superior ao do simples vós ? que ainda continuava a ser possível como tratamento cortês, muito diferente do tu, de extrema confiança ou usado de superior para inferior* (Cintra, 1972, p.25). Ainda segundo este autor, é possível perceber, em obras do teatro dos séculos XVII e XVIII, a indignação de personagens das classes mais altas ao serem tratados por *Vossa Mercê* e, principalmente, pelas formas *vossancê* ou *voçê*. Estas últimas estavam relacionadas à degradação semântica da antiga forma de cortesia.

Portanto, nossa hipótese preliminar para o *corpus* português é a de que as formas *vós* e *Vossa Mercê* eram usadas como formas de cortesia: marcando distanciamento e respeito entre os personagens. Por essa razão, predominariam nas relações de *inferior-superior*. As formas vulgares de *V.M* (*Vomece*, *voçê*, *vossa mercê*, *vossê* e *voso*), no entanto, ocorreriam em relações igualitárias, entre membros das classes populares como constatou Lopes (2004). Para este período a forma *tu* marcaria inferioridade do ouvinte, sendo utilizada principalmente de *superior-inferior* e, sobretudo, para indicar intimidade entre os interlocutores nas relações simétricas.

No gráfico 3, pode-se verificar como as formas de tratamento, que aparecem no *corpus* ao longo dos três séculos controlados (*tu*, *vós* e *V.M*), eram utilizadas nas relações assimétricas:

---

<sup>34</sup> No *corpus* identificamos as seguintes variantes de *V.M*: *V.M*, *Vomece*, *voçê*, *vossa mercê*, *vossê* e *voso*.

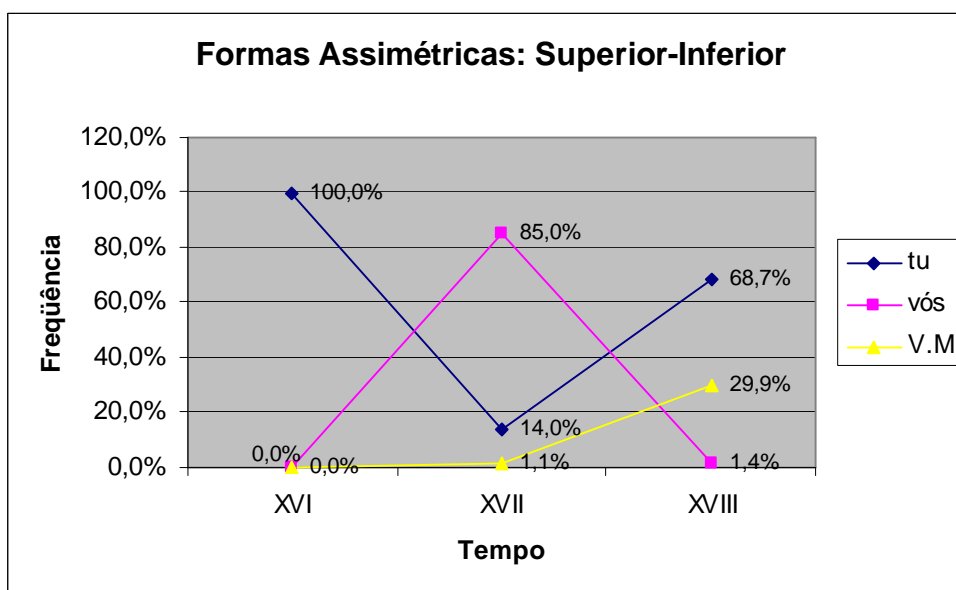


Gráfico 3: Formas verbo-pronominais nas relações Assimétricas (Superior-Superior): entremezes portuguesas (XVI - XVIII)

Optou-se pela apresentação dos resultados percentuais sob a forma de gráfico, porque ficou evidente, em termos cronológicos, a mudança no uso das formas de tratamento em estudo. Observa-se no século XVI, o emprego categórico de *tu* que, pouco a pouco, cede lugar a *vós* no século XVII e a *V.M.* no XVIII. Outro aspecto interessante observado no gráfico é o gradativo aumento de *V.M.* ao longo do tempo. Isso pode evidenciar, nesse tipo de relação (superior-inferior), que *V.M.* estava gradativamente perdendo seu valor original de cortesia. Apesar do alto índice de *vós* no século XVII, que precisa ser analisado qualitativamente já que se tem apenas uma peça nesse século, percebe-se seu emprego cada vez mais esporádico nos entremezes portugueses.

No século XVI, *Auto da Índia* ? 1509, as relações consideradas como *superior-inferior* ocorriam entre *patrão-empregado*. Percebe-se, no gráfico 3, que nesta relação só foram localizados dados de *tu* (100%), confirmando seu uso para indicar inferioridade do ouvinte.

Já no século XVII, *O Fidalgo Aprendiz*, 1646, observa-se a predominância da forma *vós* (85%) ? que ocorria principalmente em relações transacionais, de *patrão-empregado* ? , seguido do pronome *tu* (14%) ? empregado na relação interpessoal *mãe-filha*, mas também entre *desconhecidos* (*Gil-Vulto*) e, vez por outra, entre *patrão-empregado*. A forma *V.M.* apresenta, neste período, índices próximos a zero, ocorrendo na relação entre *Gil* e o *Mestre da Esgrima* (*patrão-empregado*).

Devido à sua predominância, em uma única situação não esperada, serão analisados exemplos nos quais *vós* aparece no trato *superior-inferior*:

(5)

Affonso O mestre de Esgrima chama,  
Que vos vem a dar lição.

Gil Venha, mas como quem são  
Que bate como huma dama.

(*Entra o Mestre da Esgrima com grandes guedelhas, colete de anta, espada muito comprida, e embuçado como valente*).

Mestre da Esgrima Guarde Deos a *Vossancê*.

Gil O'Aio, pois isto he o que eu vos  
disse inda agora?

Afonso Pois, se ele termo não tem, que  
importa que falle assim?

Gil Vem-me elle ensinar a mim?  
Pois ensinai-o tambem.

(...)

(*Entra o Mestre da Dança, muito polido, fazendo mesuras, põe-se de joelhos deante de Dom Gil, pega-lhe nas mãos para lhas beijas*).

Mestre Daí-me as mãos!

Gil Não m'as comais, que não são mãos  
de carneiro; sois ó Mestre?

Mestre E ó rei David mais antigo da cidade!

Em 5, têm-se três momentos da peça *O Fidalgo Aprendiz* (1646), a única representante do século XVII. Neste exemplo, percebe-se uma interação entre *Gil* (o burguês que queria se tornar fidalgo) e seus empregados. *Gil* é quem ocupa o pólo de maior poder e, em todos os casos, identificam-se relações transacionais. Inicialmente *Gil* utiliza uma forma imperativa de terceira pessoa (*venha*) para mandar o *Mestre de Esgrima* entrar. Em seguida, o *Mestre* utiliza a forma *vossancê* para cumprimentar o fidalgo. *Gil* não gosta da forma de tratamento utilizada e repreende seu empregado *Affonso* por ter sido tratado por *Vossancê*. Na interação *Gil-Affonso*, observa-se o uso de verbo imperativo de 2º pessoa plural (*Pois ensinai-o tambem*). No momento seguinte, o fidalgo interage com seu professor de Dança. Também neste caso *Gil* adverte seu subordinado. O fidalgo, apesar de ocupar o pólo de maior poder, escolhe tratar seus interlocutores por *vós* que, segundo Cintra (1972), ainda marcava cortesia. Pode-se justificar tal uso pelo fato de *Gil* precisar dos serviços de seus empregados para ser considerado como fidalgo. O seu desejo era aprender os bons costumes da alta

sociedade para se tornar um membro dela. Assim sendo, *Gil* utiliza uma forma de prestígio como estratégia de polidez com o objetivo de valorizar a face positiva de seu ouvinte, reconhecendo sua imagem. Além disso, como nos dois últimos casos *Gil* está repreendendo seu interlocutor, pode-se dizer que o uso da forma de maior prestígio é uma estratégia de polidez negativa, pois ajuda a minimizar a ameaça à face negativa do ouvinte feita através da crítica.

Por fim, no século XVIII, nota-se que, neste *corpus*, *vós* é raríssimo (1,4%). Analisando os dados, percebe-se que ocorre em uma relação interpessoal entre *pai-filha*. No gráfico 3, como mencionado anteriormente, também é possível notar o aumento na frequência de *V.M* (*vossê*, *V.M*) ? que passa de percentuais próximos a zero no século XVII a 29,9% dos dados no XVIII. Tal forma, no entremezes portugueses, ocorre tanto em relações interpessoais (*pai-filha*) como transacionais (*patroa-empregada*). A forma *tu* é a preferida produtiva neste período (68,7%), ocorrendo, assim como *V.M* nas relações *patrão-empregado* e *pai-filha*.

É interessante observar que na peça *As convulsões, desmaios, e desgostos*,...(1789) ocorre, na relação *patrão-empregado*, tanto a forma *tu* como *V.M*. Nesta obra, *Esmeraldina* é a patroa que contracenena com *Andressa* (criada de sua casa) e *Preta* (curandeira chamada para salvar um cachorro). A seguir um exemplo para verificar o que motiva um e outro uso.

(6)

- Andreza    Senhora, Senhora, espirou o seu amado, o seu Cupidinho?
- Esmeraldina    Que te leve a fortuna: querias que morresse? Malditos servos, que só querem os desgostos de seus amos; vai-me depressa buscar hum caldo, havia não te demores, e vê que não seja muito quente, bem sabes a repugnância, que tem o meu Cupidinho em o beber quente: parte, não te demores.
- (...)
- Esmeraldina    Eu pertendo, minha rica amiga, que V.m me desempenhe a cura deste Cupido, e, quanto a respeito da paga, deixe V.m isso ao meu cuidado, que há de ser muito bem recompensada.
- Preta    Mía rica Siora, voso fará os favoro de informar os queixa, e os morestia desse dengue, eu não poso curaro sem os inflomação dos queixa que padece.

No exemplo 6, nota-se que *Esmeraldina* usa a forma *tu* ao se dirigir à *Andreza* e *V.M* à *Preta*. Tal fato pode ser justificado pelo fato de *Esmeraldina* manter com *Andreza* uma relação mais próxima, ainda que transacional, pois é a empregada de sua casa, com quem tem alguma experiência compartilhada. O uso de tal forma de



tratamento ameaça à face positiva de *Andreza*, pois marca a inferioridade da empregada. As ordens que lhe são dadas ameaçam sua face negativa. Além disso, o pronome *tu* aumenta o grau de imposição das ordens dadas, reforçando-as. A patroa não teme usá-la porque a empregada tem menos (ou nenhum) poder. O contrário ocorre com *Preta*. Como *Esmeraldina* deseja que *Preta* cure seu cachorro e ela pode se recusar, a patroa, então, opta pela forma de tratamento de maior prestígio e distanciamento social ao realizar seu pedido. O uso de referida forma é uma estratégia de polidez negativa, utilizada com o objetivo de minimizar o ato de ameaça à face provocado pelo pedido, assim *Esmeraldina* deseja tornar mais provável que *Preta* cure seu cachorro. Esta seria a maneira encontrada por *Esmeraldina* para se mostrar interessada pelos desejos de face de *Preta* e assim fazer com que ela realize o que estava pedindo.

Em suma, nas relações de *superior-inferior*, os resultados confirmam as hipóteses postuladas: a) uso mais freqüente de *tu*; b) perda do caráter de reverência nas variantes de *V.M.*; c) desuso gradativo de *vós* que se mantém em algumas situações quando há motivação sócio-pragmática.

## 5.2.2 – Relações Simétricas ou solidárias em entremezes portugueses

### 5.2.1.2 – Relações de Inferior para Superior em entremezes portugueses

O gráfico a seguir apresenta a distribuição das frequências de uso nas relações *inferior-superior*:

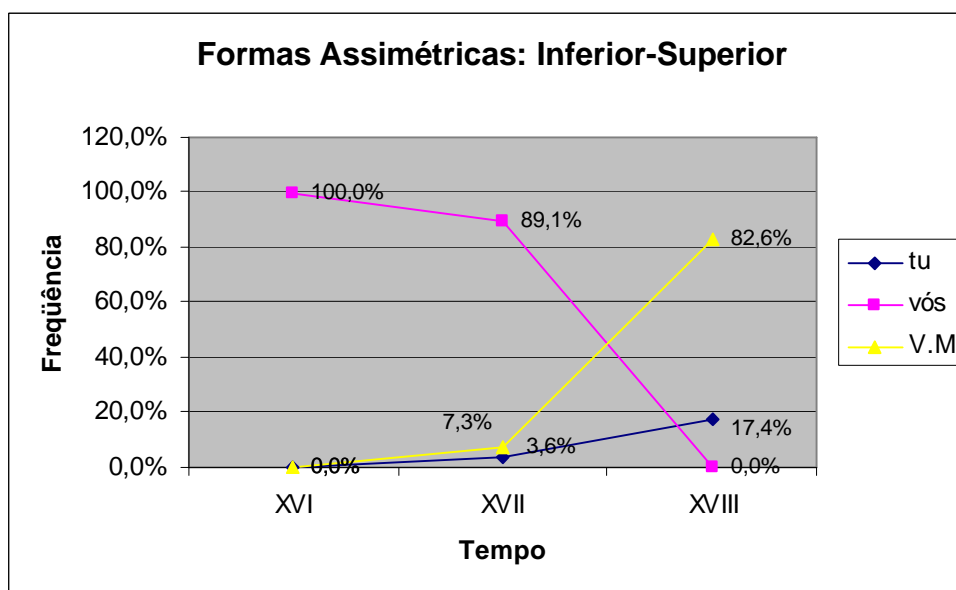


Gráfico 4: Formas verbo-pronominais nas relações Assimétricas (Inferior-Superior): entremezes portugueses (XVI - XVIII)

Nota-se, no gráfico 4, que no século XVI a única estratégia produtiva era *vós*, no século seguinte, no entanto, referida forma sofre um decréscimo, mas permanece como estratégia dominante. Finalmente no século XVIII, tem-se o incremento de *VM*, o desuso de *vós* e um pequeno aumento na frequência de *tu*. É importante destacar que nas peças analisadas foram encontradas as seguintes variantes de *V.M*: (i) século XVII: *Vossancê* (1 dado); (ii) século XVIII: *Vossa Mercê* (4 dados), *V.M* (10 dados), *Vomece* (1 dado) e *voso* (5 dados).

Observa-se, avaliando os dados, que a única relação assimétrica ascendente que ocorria na peça *O auto da Índia* (1509) era do tipo *empregado-patrão*, portanto, transacional, estabelecida entre *Moça* e *Ama*. Nesta mostra, confirma-se o emprego de *vós* como estratégia que marca distância e poder do interlocutor, assim como descreve Cintra (1972).

Para o século XVII, *O fidalgo aprendiz* ? 1646 ? percebe-se que *vós* (89,1%) continua sendo a estratégia mais produtiva, mas já se encontra dividindo espaço com as formas *tu* (3,6%) e *V.M* (7,3%). Neste caso, *vós* ocorre predominantemente na relação *empregado-patrão*. No entanto, aparece também de *filha-mãe* e *entre desconhecidos*. A forma *tu* apenas ocorre *entre desconhecidos* e *V.M* de *empregado-patrão* e na relação *Gil-impostor*.

O exemplo a seguir exemplifica o uso das formas *vós* e *V.M*.

(7)

(*Sahe Dom Gil como de por casa, gualteira, balandrão, e chinellas, e hum apito ao perçoço; e venha assoviando*).

(...)

Gil Olá! Criados!  
Almeida!Costa! Miranda!  
Malovento! A essoura banda,  
Que desta já são lançadas...  
Sacratario! ha tal dormir?  
Estribeiro! Aio!

Affonso Senhor!

Gil Se chamára o confessor  
Tinha jeito de não vir.

Affonso Que manda vossa mercê?

Gil Que tenhais mais cortesia.

Affonso Que mandais?

Gil A senhoria não sei para quando he.

Em 7 nota-se que o empregado *Affonso* utilizou a forma *Vossa mercê* para perguntar a seu patrão (*Gil*) o que desejava. O uso desta forma por parte de *Affonso* teria como objetivo minimizar o ato de ameaça à face provocado pela pergunta. Além disso, esta forma, no entender de *Affonso*, deveria ser correspondente aos desejos de face do fidalgo. No entanto, percebe-se que *Gil* não gosta do tratamento recebido e por isso pede ao criado que seja mais cortês. *Affonso*, então, muda a estratégia de tratamento, passando de *V.M* a *vós*. Nota-se que ao mudar de estratégia de tratamento o empregado tenta satisfazer os desejos de imagem de seu patrão. No entanto, faz um ato de ameaça à face positiva e negativa de *Gil* sem reparação, porque não reconhece os desejos de imagem de *Gil* e tão pouco utiliza uma estratégia de polidez para minimizar o grau de imposição da pergunta. Percebe-se, mais uma vez, que a forma *vós* é considerada por *Gil* como inadequada. O fidalgo, em seguida, indica a forma desejada (que era *Vossa Senhoria*).

A seguir será analisado outro exemplo no qual interagem *Gil* (o fidalgo) e os impostores *Affonso* e *Beltrão*:

(8)

(*Mete-lhe Affonso Mendez as mãos nas algibeiras*).

Gil Fallai embora de boca,  
Mas deixai estar as mãos!...

Beltrão Que dizeis vós, formigueiro?

Gil Senhor Alcaide ou que he...  
Escute Vossa Merê!...

Affonso Inda fallais, embusteiro?...  
Estes são os mais daninhos.

Em 8, tem-se a interação entre *D. Gil*, *Affonso* e *Beltrão*. No início da peça os dois últimos se apresentam como amigos do fidalgo. No entanto, ambos, na verdade, são impostores que desejam roubar-lhe o dinheiro (fato descrito no momento supracitado). Neste instante, os dois impostores estão vestidos como autoridades e prendem *D. Gil* por um suposto roubo à casa de *Isabel*. No exemplo, observa-se que, no ato da prisão, *Gil* trata os falsos “policiais” por *vós* ao pedir que estes deixem suas mãos livres. Tal estratégia não cumpre, entretanto, o efeito desejado e *Beltrão* ? que neste momento tem mais poder que *Gil* por ser uma autoridade ? responde-lhe questionando seu atrevimento. *Beltrão* reage empregando *vós* seguida por uma forma nominal depreciativa (*embusteiro*), realizando assim um ato de ameaça à face positiva de *Gil* porque não o reconhece como fidalgo. *Gil* então muda a estratégia de tratamento de *vós* para *vossa mercê*. Tal fato pode ter duas interpretações: (i) *Gil* percebe que para tentar escapar da injusta prisão tem que mostrar respeito, logo, escolhe uma forma de tratamento que marque mais deferência: *vossa mercê* (uma estratégia de polidez negativa que mitiga o pedido para que o escutem e reconheçam os desejos de face do ouvinte); (ii) *Gil* se mostra indignado com o fato de estar sendo preso injustamente e expressa sua indignação através da seleção de uma forma de tratamento que não seria desejada por pessoas que ocupam as classes mais altas da sociedade. Logo, *V.M* foi utilizada para reforçar o descontentamento de *Gil*. O fidalgo, nesta segunda possibilidade de interpretação, se vê em uma posição hierárquica superior e, por isso, faz um ato de ameaça à face positiva de seu interlocutor através da eleição de *vossa mercê*.

A partir da análise destes dois exemplos, comprova-se que, no século XVII, a forma *vós* ainda se contrapõem à *tu*, pois marca distância e cordialidade entre os

interlocutores. Além disso, é típica das relações *inferior-superior*. *Tu*, por sua vez, é a forma da intimidade, típica das relações simétricas. Quanto ao uso de *V.M*, fica a dúvida: ainda marcava distanciamento e formalidade ou já estava se trasladando ao pólo da intimidade, perdendo seu caráter original? Observa-se que *Gil* não gosta de ser tratado por *Vossa Mercê* (exemplo 7) e muito menos de receber uma forma variante *Vossancê* (exemplo 5), no entanto, recorre a *Vossa Mercê* quando se vê em uma situação arriscada (exemplo 8).

Por fim, percebe-se que, no século XVIII, *V.M* sofre um grande aumento na frequência, chegando a 82,6%. Em contrapartida, *vós* sofreu grande queda, passando de estratégia mais freqüente no século XVII a estratégia menos freqüente no XVIII. *Tu* sofre um ligeiro acréscimo, passando a 17,4%.

Neste caso, a forma *V.M* ocorre nas relações entre *filha-pai*, *Florêncio-Tiburcio* (amante de *Thomazia* ? tio de *Thomazia*), *Florindo-Tiburcio* (amante de *Jacinta*-tio de *Jacinta*) e *empregado-patrão*. Todas são prototípicas em termos de *inferior-superior*. *Tu* ocorre entre *criados* e *aluno-mestre*. O exemplo a seguir foi retirado da peça *As convulsões, desmaios, e desgostos, ...* (1789).

(9)

Esmeraldina Eu pertendo, minha rica amiga, que V.m me desempenhe na cura deste Cupido, e, quanto a respeito da paga, deixe V.m isso ao meu cuidado, que há de ser muito bem recompensada.

Preta Mía rica siora, voso fará os favoro de informar os queixa, e os morestia desse dengue, eu não poso curaro sem os informação dos queixa que padece.

No exemplo 9 tem-se uma relação transacional. É possível observar que *Esmeraldina* (a patroa) utiliza a forma *V.m* para tratar sua subordinada. Preta, por sua vez, trata *Esmeraldina* por *Voso*, uma forma variante de *V.M*. Percebe-se que ambas as variantes de *V.M* são utilizadas como estratégias de polidez para minimizar o grau de imposição do pedido. Além disso, a forma de tratamento, neste caso, aumenta a distância social existente entre ambas as personagens, diminuindo assim o risco do ato de ameaça à face. Através do discurso das personagens nota-se que *Preta* usa uma variante lingüística bastante distinta da utilizada por *Esmeraldina*, sendo possível dizer que a curandeira pertence a uma classe social mais baixa.

Em resumo, os dados que compõem este *corpus* confirmam algumas de nossas hipóteses. Nas relações do tipo *inferior-superior* as formas *vós* e *V.M* são as mais freqüentes pelo seu caráter de reverência e por marcar maior distância entre os personagens. Porém, a distribuição destas formas é não homogênea. Nota-se que *vós* predomina nos séculos XVI e XVII, entrando em desuso no século XVIII. *V.M*, por sua vez, torna-se a estratégia mais freqüente no período setecentista. As variantes de *V.M* que ocorrem em maior freqüência são *V.M* e *Vossa Mercê*: formas de maior prestígio. As formas “vulgares” *Vossancê*, *Vomece*, *ocê*, *vossê* e *vosso* foram utilizadas principalmente na fala de personagens populares, membros das classes menos abastadas.

À continuação será feita a análise dos dados nas relações simétricas.

### **5.2.2 – Relações Simétricas ou Solidárias em entremezes portugueses**

Nas relações simétricas têm-se interactantes que possuem poder na mesma medida, ou seja, entre eles não existe uma personagem que tenha mais ou menos poder sobre o outro.

Sabe-se que em português a forma *V.M* sofreu um processo de perda semântica e fonética (*Vossa Mercê* > *você*) durante o processo de gramaticalização (Lopes, 2003). Assim sendo, a forma *Vossa Mercê*, utilizada para tratar o rei no século XV, sofre decadência e suas variantes (*você*) podem ser utilizadas *de igual para igual, entre amigos, mesmo da alta burguesia, sem que pareça portanto associar-se qualquer matiz despectivo* no século XVIII (Cintra, 1972, p.33). Por isso, espera-se que as formas *tu* e *Vossa Mercê* predominem nas relações simétricas, sendo que as variantes de *V.M* (*vossê*, *vosmecê*, etc) sejam produtivas entre iguais inferiores.

### 5.2.2.1 – Relações Simétricas: Igualitárias Superiores em entremezes portugueses

No gráfico a seguir é possível observar o comportamento das formas de tratamento encontradas no *corpus* em relações simétricas:

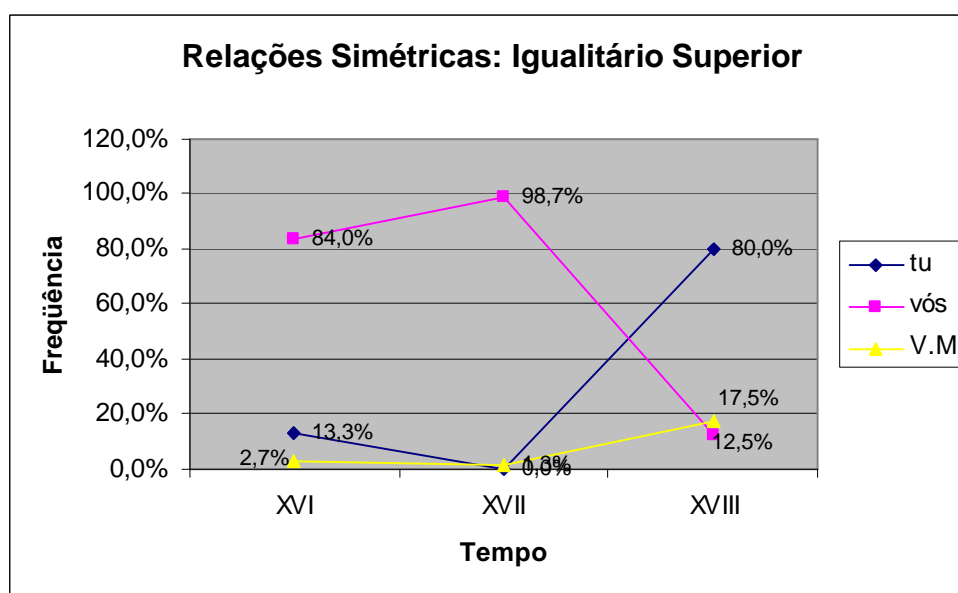


Gráfico 5: Formas verbo-pronominais nas relações Simétricas (Igualitário Superior): entremezes portugueses (XVI - XVIII)

No gráfico 5, têm-se os percentuais de frequência das formas de tratamento nas relações simétricas igualitárias superiores, ou seja, nas relações igualitárias estabelecidas entre os membros das classes mais abastadas da sociedade. Percebe-se que nos séculos XVI e XVII a forma mais produtiva é *vós*, no século seguinte, porém, esta estratégia sofre um decréscimo significativo. Já as formas *tu* e *V.M.* eram pouco frequentes nos séculos XVI-XVII e aumentam sua frequência no período setecentista. *Tu* torna-se a estratégia mais frequente e *V.M.* (e variantes) passam a ocorrer em níveis significativos.

No século XVI, nota-se o predomínio de *vós* (84%) ? que ocorre entre amantes (principalmente relações não oficiais). O uso desta forma de tratamento que marca cortesia e deferência entre os interlocutores, neste tipo de relação, pode ser explicado pelo desejo de manter um distanciamento fictício entre os personagens.

Assim sendo, o seu emprego seria uma estratégia de polidez utilizada como objetivo de preservar a face positiva do interactante, visto que a forma de tratamento pode ameaçar a face positiva do interlocutor. Neste século, também se verifica a ocorrência das formas *tu* (13,3%) e *V.M* (2,7%). Ambas utilizadas entre amantes. O exemplo ilustra tais usos:

(10)

Lemos Pois que agora estais singela,  
Que lei me daí vós, senhora?

Ama Digo que venhais embora.

Lemos Quem tira àquela janela?

Ama Meninos que andam brincando,  
E tiram de quando em quando.

Lemos Que dizeis, senhora minha?

Ama Metei-vos nessa cozinha,  
Que m'estão ali chamando.

(...)

Lemos Quem é aquele que falava?

Ama O castelhano vinagreiro.

Lemos Que quer?

Ama Vem polo dinheiro  
Do vinagre que me dava.  
Vós quereis cá cear  
E eu não tenho que vos dar.

Lemos Vá esta moça à Ribeira  
E traga-a cá toda inteira,  
Que toda s'há de gostar.

(...)

Ama Vós cantais em vosso siso?

Lemos Deixai-me cantar, senhora.

Ama A vezinhança que dirá,  
Se meu marido aqui não está  
E vos ouvirem cantar?  
Que rezão lhe posso eu dar,  
Que não seja muito má?

Em 10, tem-se uma interação entre *Ama* e seu amante: *Lemos*. Através do exemplo observa-se que *Ama* mente para ele, dizendo que quem a está chamando é um vinagreiro. Neste caso, nota-se que *Ama* trata seu amante por *vós* e recebe *vós* de *Lemos*. A justificativa para uso de formas que denotam cortesia/ formalidade pode ser dada pelo fato de se tratar de relação não-oficial, extraconjugal. Logo, tal forma é utilizada para



minimizar o ato de ameaça à face negativa realizado pelo pedido, pois o uso de uma estratégia de maior prestígio, marcando distância entre os interactantes, é um recurso de polidez negativa, cuja função é indicar distanciamento entre as personagens, diminuindo o grau de imposição do ato. Desta maneira, os interlocutores optam por manter uma distância fictícia. Além disso, seria um modo de minimizar a ameaça à face positiva de seu ouvinte, realizada previamente pela existência de uma relação extraconjugal.

Para o século XVII, percebe-se no *corpus* analisado que, praticamente, a única forma produtiva foi *vós* (98,7%). Referida forma ocorre *entre amigos* e *entre namorados*. Este uso mostra que provavelmente *vós* estivesse perdendo seu caráter de cortesia e passando a ter valor semântico mais solidário. Para este período a forma *V.M* aparece em apenas um do dado. O exemplo ilustra o momento da peça em que *D. Beltrão* e *D. Gil* vão a cada de *Isabel*:

(11)

(*Entra D. Beltrão vestido de cortesão e D. Gil de estranha figura e muito enfeitado*).

Beltrão Sou primeiro.  
Isabel Vós sois o mais abelhudo.  
Beltrão Em servir-vos diligente.  
Isabel Sêde embora!  
Britez Guarde Deus tanto veludo!  
Tomaste-nos de repente!  
Gil O'senhora!  
Beltrão O'senhora ante quem he  
Sem sal o salgado mar  
Se vos vir...  
Falle-nos vossa mercê.

No exemplo 11, verifica-se que *Gil e Beltrão* realizam um ato de ameaça à face negativa de *Isabel* ao irem a sua casa sem avisar. *Isabel* reclama de tal fato e critica *Beltrão*. Logo, ela faz um ato de ameaça à face negativa de *Beltrão*, pois critica sua atitude e interfere em sua autonomia. *Beltrão*, por sua vez, buscando minimizar a ameaça que fez anteriormente, valoriza a face positiva de *Isabel* e mitiga o AAF negativa (ameaçada pela visita inesperada) através da comparação e do uso da forma de tratamento de maior prestígio (*vossa mercê*). Percebe-se, portanto, que *V.M* é uma estratégia de maior prestígio, que marca respeito entre os personagens e serve como estratégia de polidez, amenizando atos ameaçadores da face.

Por fim, no século XVIII predomina a forma *tu* (70%) concorrendo com *vós* (12,5%) e *V.M* (17,5%). As três formas ocorrem entre namorados e entre amigos.

### 5.2.2.2 – Relações Simétricas: Igualitárias Inferiores em entremezes portugueses

Observem-se agora as relações igualitárias inferiores ilustradas no gráfico:

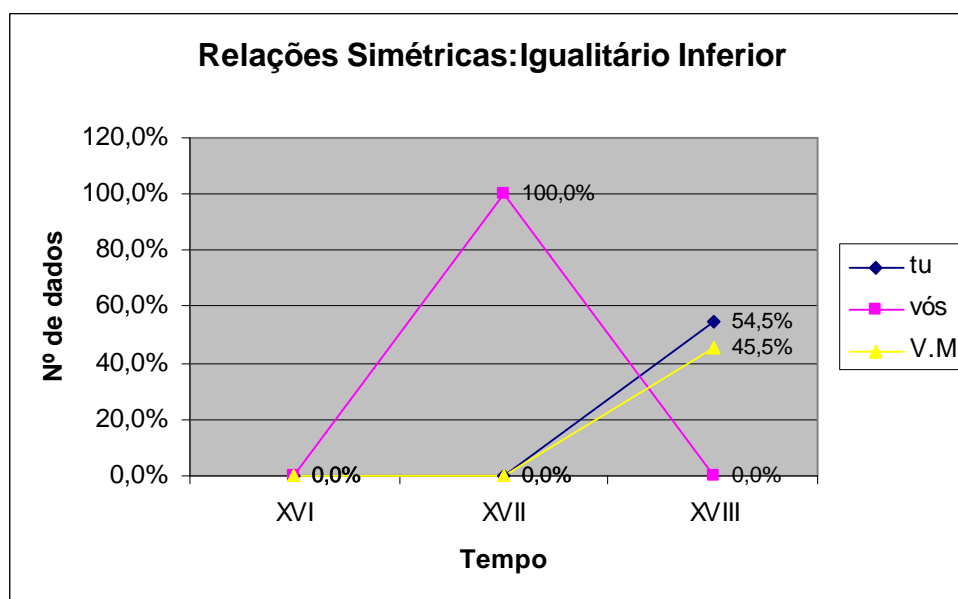


Gráfico 6: Formas verbo-pronominais nas relações Simétricas (Igualitário Inferior): entremezes portugueses (XVI - XVIII)

No gráfico 6, observa-se que neste *corpus* não ocorreram relações igualitárias inferiores no século XVI, *Auto da Índia*? 1509? pois nesta peça tem-se apenas uma personagem pertencente a este grupo. Para o século XVII, percebe-se que a única forma encontrada é *vós* (particularidade da peça). No XVIII, nota-se a disputa entre as formas *tu* e *V.M* e variantes.

No século XVII, *O Fidalgo Aprendiz*, 1646, mais uma vez, nota-se o domínio da forma *vós*<sup>35</sup>, na forma imperativa. Trata-se, neste caso, da relação entre os prováveis amigos denominados na peça como *Vulto negro* (do sexo masculino) e *Vulto branco* (do sexo feminino).

<sup>35</sup> Neste caso tem-se, como discutido anteriormente, apenas uma peça representando todo o século XVII, portanto, não é possível fazer generalizações para todo o período, por isso, os comentários referem-se somente à análise desta peça.

(12)

Vulto Branco Fallai compadre esta vez!...

Vulto Negro Fallai vós!...

Gil Não sou seguro!...

Abujão!... eu te esconjuro,

Que me digas que és!...

Vulto Branco Ai de mi, que sou perdida!...

Jesus!...

Em 12, é possível justificar o uso do imperativo de *vós* entre iguais inferiores pelo fato da interação ocorrer na rua, entre duas pessoas do sexo oposto, durante o encontro deles com *Gil*. O uso de *vós*, neste caso, seria uma estratégia de deferência e para aumentar a distância social, demonstrando a *Gil* que *Vulto Branco* e *Vulto Negro* se respeitam, que existe, entre eles, algum distanciamento. Apesar disso, é possível considerar esta relação como sendo interpessoal (são comadre e compadre). Portanto, usando tal estratégia estes personagens estão tentando evitar possíveis atos de ameaça à face positiva de seu interlocutor e conseqüentemente a sua própria face, uma vez que reconhecem os desejos de face do interactante. O uso da forma de tratamento de maior deferência também é uma estratégia de polidez negativa, pois mitiga o ato de ameaça à face negativa causado pela ordem dada.

No século XVIII, concorrem *tu* (54,5%) e *V.M* (45,5). *Tu* ocorre nas relações *entre empregados* nas três peças que representam este período. Trata-se do uso de uma forma que indica intimidade. Quanto ao uso de *V.M*, encontram-se no *corpus* as seguintes variantes: *você*, *vossê* sempre entre empregados.

Em resumo, foi possível perceber que *vós* nos séculos XVI e XVII era utilizada como forma de cortesia, marcando distanciamento entre os personagens. No entanto, esta forma entrou em desuso, e *V.M* assumiu o papel de cortesia deixado por *vós*. Nota-se que as classes mais abastadas optam, majoritariamente, pelo uso da forma desenvolvida *vossa mercê*, enquanto os representantes das classes mais pobres usam

predominantemente as formas vulgares: *Vossancê, Vomece, você, vossê e voso*. Confirmam-se, assim, os resultados obtidos por Lopes (2004). Quanto ao uso do pronome *tu* é possível afirmar que predomina nas relações de superior-inferior, marcando inferioridade do ouvinte.

### 5.3 – As formas nominais: outra expressão de poder e solidariedade

Partindo dos mesmos pressupostos teóricos que foram utilizados na análise das formas nominais espanholas, acredita-se que as formas nominais nas peças portuguesas serão distribuídas pelas relações sociais da seguinte maneira:

- (i) nas relações assimétricas *superior-inferior* predominarão os termos metafóricos ou metonímicos;
- (ii) nas relações assimétricas *inferior-superior* prevalecerão os títulos genéricos, profissionais ou religiosos;
- (iii) os termos de parentesco, forma nominal pré-estabelecida que se restringe às relações familiares.
- (iv) nas relações simétricas predominarão os prenomes e os diminutivos.

#### 5.3.1 – Relações Assimétricas em entremezes portugueses

		Relações Assimétricas		
		Superior-inferior	Inferior-superior	Total
1	Títulos genéricos	6/76 7,9%	68/91 74,7%	74/167 44,3%
2	Títulos profissionais ou religiosos	17/76 22,4%	1/91 1,1%	18/167 10,8
3	Termos metafóricos ou metonímicos	19/76 25%	6/91 6,6%	25/167 15%
4	Prenomes	24/76 31,6%	1/91 1,1%	25/167 15%
5	Termos de parentesco	10/76 13,2%	13/91 14,3%	23/167 13,8%
6	Diminutivos	0	2/91 2,2%	2/167 1,2%
Total		76	91	167

Tabela 4: Distribuição das formas nominais pelas relações assimétricas

Na tabela 4, observa-se o favorecimento dos prenomes (31,6%), termos metafóricos ou metonímicos (25%) e títulos profissionais ou religiosos (22,4%) nas relações *superior-inferior*.

A partir da análise qualitativa dos dados, verificou-se que os prenomes ocorrem na peça *O fidalgo aprendiz* (1646) na relação interpessoal entre *mãe-filha*. Em *A escola de Amor* (1783), o prenome é utilizado na relação interpessoal entre *tio-sobrina* e nas transacionais entre *mestre-discípulo* e *entre criados*. Nas *convulções, desmaios, e desgostos...* (1789) os prenomes foram empregados na relação interpessoal *pai-filha* e na relação transacional *patroa-empregada*. Assim como discutido em Costa (2007), acredita-se que esta maneira de interpelar o interlocutor nas relações assimétricas seja motivada pela afetividade. Desta forma, ocorreriam em interpelações (exemplo 13 ? *O fidalgo aprendiz*, 1646), intensificando desacordo (como em 14 ? *O fidalgo aprendiz*, 1646) ou intensificando uma ordem (como em 15 ? *Nas convulções, desmaios, e desgostos...*, 1789).

(13)

Gil Affonso Mendez!  
daí-lhe ora ahi, se o tendes,  
hum meio vintém selado.

(14)

Isabel Britez! Não sejas criança,  
Fidalguinhos de colher  
São tormento.

(15)

Otavio Minha rica filha, vai depressa Andreza buscar aquele  
vidro de agoa de melicia para lho chegar ao nariz.

Os termos metafóricos ou metonímicos também ocorrem com valores significativos, sempre em relações transacionais. Estes estão presentes na peça *O fidalgo aprendiz* (1646) destacando características pouco louváveis dos ouvintes (xingamentos). Nesta peça encontramos os seguintes termos: *patife*, *vilãozinho*, *formigueiro*, *embusteiro* e *bargante*. Em *A escola do Amor* (1783) encontram-se as formas *insolente* e *ladrão*. E finalmente em *Nas convulções, desmaios, e desgostos...* (1789) têm-se *maldita*, *louca*, *minha rica amiga*, *caxorra*, *desavergonhada*. Em todas as peças, verifica-se que os termos metafóricos ou metonímicos são utilizados em situações de conflito com objetivo de minimizá-lo ou agravá-lo. Em 16, por exemplo, *Esmeraldina* tenta uma falsa aproximação com o objetivo de convencer *Preta* a curar Cupido (o cachorro de *Esmeraldina*), logo esta forma é utilizada como estratégia de

polidez minimizando o ato de ameaça à face causado pelo pedido. Em 17, o conflito é maximizado, pois se tenta mostrar ao interlocutor quem tem poder. Neste caso, os xingamentos constituem atos que ameaçam à face positiva do interlocutor, pois estes não representam a imagem social desejada por ele.

(16)

Esmeraldina Eu pertendo, minha rica amiga, que V.m me desempenhe a cura deste Cupido, e, quanto a respeito a pagam deixe V.m isso ao meu cuidado, que há de ser muito bem recompensada.

(17)

Esmeraldina Dame hum pão; logo, logo põem-te no meio da rua, caxorra, desavergonhada, chamar cão ao meu fillis, ao meu mimo, ao meu dengue, isto he cousa para eu estourar de sentimento, nem mais hum só instante, a quero ver nesta casa.

Os títulos profissionais ocorreram nas peças do século XVI e XVII. Estes evidenciam relações de maior distância interpessoal, e foram empregados nas relações transacionais de superior para inferior. Na primeira tem-se *Moça*, utilizado na relação patroa-empregada (*Ama-Moça*). Na segunda localizou-se *Aio* e *mestre*, também empregados na relação *patrão-empregado* (*Gil-Affonso*, *Gil-Mestre*). Nota-se que o termo *Mestre* marca deferência e seria uma estratégia utilizada com o objetivo de valorizar a face do professor, pois utilizando-o *Gil* estaria reconhecendo a imagem de seus professores. No entanto, *Aio* é uma forma que marca a inferioridade.

Nas relações de *inferior-superior*, nota-se que predominam os títulos genéricos (74,7%). Estes ocorrem fundamentalmente nas relações transacionais e são utilizados para marcar distanciamento e respeito. Além disso, a utilização deste tipo de forma nominal faz com que o falante evite ou minimize atos de ameaça à face de seu interlocutor e, ao mesmo tempo, proteja sua própria face. No *corpus* encontram-se os seguintes títulos genéricos: *senhor* e *senhora* (ambas em todas as peças que compõem este *corpus*). Identificou-se também a variante *siora* que ocorre apenas na peça *As convulções, desmaios, e desgostos...* (1789) na fala da personagem denominada *Preta*. Segue um exemplo da utilização dos títulos genéricos:

(18)

Esmeraldina Eu pertendo, minha rica amiga, que V.m me desempenhe a cura deste Cupido, e, quanto a respeito a pagam deixe V.m isso ao meu cuidado, que há de ser muito bem

recompensada.

Preta Mia rica siora, voso fará os favoro de informaro os queixa, e os morestia desse dengue, eu não poso curaro sem os informação dos queixa que padece.

Em 18, nota-se que o título genérico aumenta a distância social existente entre os personagens e diminui a imposição do pedido, tratando-se de uma estratégia de polidez negativa.

Chama-nos a atenção o uso dos diminutivos nesta relação, pois se esperava sua presença em relações simétricas. Formas diminutivas aparecem em *A Escola de Amor* (1783). Percebe-se que tal uso ocorre na cena em que *Florêncio*, *Florindo* e *Fernando* querem enganar *Tiburcio*. Os dois primeiros se fazem passar por crianças e o terceiro, pelo pai. O diminutivo ocorre quando um dos rapazes chama por seu suposto pai.

(19)

Florencio Diga Vomece quer velo?

Tiburcio Pois ainda temos mais essa.

Roberto Outro Demônio tenemos.

Rapaz O'Paizinho, venha cá.

Neste caso, o uso de diminutivo pode ser interpretado de duas formas: (i) um chamamento afetivo do pai, demonstrando que, apesar da relação ser hierarquizada (filho-pai) trata-se de uma interação interpessoal, na qual os interactantes têm experiências compartilhadas; (ii) um uso estereotipado, já que se trata de um personagem (rapaz) representando um outro papel (pai).

Percebe-se, nestes dados, típicos das relações *superior-inferior*, o emprego de prenomes, termos metafóricos ou metonímicos e títulos profissionais. Nas relações *inferior-superior* predominam os títulos genéricos, como era previsto.

### 5.3.2 – Relações Simétricas em entremezes portugueses

A seguir tem-se a análise das formas nominais nas relações simétricas:

		Relações Simétricas		Total
		Igualitário Superior	Igualitário Inferior	
1	Títulos genéricos	23/52 44,2%	0	23/65 35,4%
2	Títulos profissionais ou religiosos	0	0	0
3	Termos metafóricos ou metonímicos	17/52 32,7%	6/13 46,2%	23/65 35,4%
4	Prenomes	7/52 13,5%	3/13 23,1%	10/65 15,4%
5	Termos de parentesco	5/52 9,6%	4/13 30,8%	9/65 13,8%
6	Diminutivos	0	0	0
Total		52	13	65

Tabela 5: Distribuição das formas nominais pelas relações simétricas

Na tabela 5, percebe-se que nas relações *igualitárias superiores* predominam os títulos genéricos (*senhor, senhor*) apesar de a maioria dos dados ser de relações pessoais. Na peça *O auto da Índia* (1509), isso pode ser explicado pelo fato de estas formas ocorrerem na relação entre amantes (relação não-oficial), logo haveria o desejo de manter um distanciamento fictício entre os falantes para preservar suas imagens. Na peça *O fidalgo aprendiz* (1646), tem-se a relação entre *Gil-Britez* (namorados) e *Gil-Isabel* (*genro-sogra*). Mais uma vez, percebe-se o uso de tais formas com o objetivo de indicar respeito. Seria uma estratégia de polidez, que visa reconhecer os desejos de face do outro, minimizando o risco dos possíveis atos de ameaça à face. Em *A dama presumida* (1794), os títulos genéricos ocorrem em relações transacionais nas interações entre *Clorindo-Otavio* ? nas quais a forma *senhor* realmente marca distanciamento entre os interlocutores ? e pessoais entre *Claudina-Clorindo* (amantes). Neste caso, a forma nominal de tratamento é uma estratégia para preservar sua própria face e a de seu interlocutor. Os dois personagens, neste caso, estão combinando sobre o seu casamento, por essa razão, apesar do emprego da forma de tratamento que marca



distanciamento, ambos têm experiências compartilhadas. O exemplo a seguir demonstra tal fato:

(20)

- Claudina Senhor Clorindo, eu já fiz ciente a meu pai do nosso commercio, em que elle com muito gosto conveio.
- Clorindo Nem do Senhor Octavio se podia menos esperar, eu dou por esta felicidade a mim mesmo os parabéns.

Os termos metafóricos ou metonímicos (*mivida, mi señora, senhora minha, corazón, minha estrela, dama de grão primor, meu anjo, minha rosa, filho*<sup>36</sup>, *meu amor, irmão*<sup>37</sup>, *fantasma, meu bem, minha amada, amigo, indignos*), por sua vez, ocorrem predominantemente em relações pessoais nas quais prevalece a afetividade positiva, ou seja, valorização da imagem do interlocutor. Neste caso, também se observa o uso de expressões que seriam típicas das relações familiares (*filho* e *irmão*), mas que ocorrem em contextos fora do âmbito familiar. Ambos são empregados na peça *O fidalgo aprendiz* (1646). *Filho* é usado por *Isabel* ao dirigir-se a *Gil*. Neste caso seria uma maneira de minimizar o ato de ameaça à face negativa de *Gil* realizado por *Isabel* ao lhe advertir sobre seu relacionamento com *Britez*. Esta estratégia nominal, por conseguinte, minimizaria o ato, pois aproxima os interlocutores, colocando-os como membros de uma mesma família. *Irmão*, por sua vez, é empregado por um provável membro da igreja, logo seria uma estratégia recorrente, pois para a Igreja “somos todos filhos de Deus” e “irmãos em Cristo”.

Nas relações entre iguais das classes menos abastadas tem-se grande frequência de termos metafóricos ou metonímicos (46,2%), prenomes (23,1%) e termos de parentesco (30,8%). Todas elas ocorrem em relações interpessoais, nas quais os personagens têm experiências compartilhadas. Os termos metafóricos ou metonímicos encontrados foram *minha amada* (*A escola de amor ? 1783*), *rapariga* (*A dama presumida ? 1794*) e *negrissima embusteira* (*As convulções, desmaios, e desgostos,... ? 1789*). Dentre eles, apenas *negrissima embusteira* foi utilizado em uma situação de conflito (afetividade negativa). Os demais foram utilizados em situações de afetividade positiva.

---

<sup>36</sup> Neste caso a forma de tratamento *filho* não ocorre em uma relação familiar, por isso foi classificado como um termo metafórico ou metonímico.

<sup>37</sup> *Irmão* foi considerado como termo metafórico ou metonímico pelos mesmos motivos que *filho*.

Os prenomes, por sua vez, ocorreram na peça *A dama presumida* ( 1794), na relação interpessoal entre os criados *Laberco* e *Pascoalina*. O uso destas formas demonstra que estes personagens tinham experiências compartilhadas. Ocorrem em momento semelhante ao exemplificado em 20, ou seja, quando *Laberco* e *Pascoalina* assumem compromisso. Em síntese, a estratégia nominal escolhida entre *igualitários inferiores* são os prenomes, enquanto os títulos genéricos prevalecem entre os *igualitários superiores*.

Em resumo, nas relações assimétricas *superior-inferior*, predominam os prenomes, seguidos dos termos metafóricos ou metonímicos (como era de se esperar) e os títulos profissionais ou religiosos. Nas relações do tipo *inferior-superior* nossa hipótese se confirma, pois os títulos genéricos ocorrem em 74,7% dos dados. Nas relações simétricas não são constatadas nossas hipóteses, uma vez que entre iguais da classe mais alta predominaram os títulos genéricos, seguidos dos termos metafóricos ou metonímicos. Entre iguais da classe baixa foram encontrados, em maior frequência, os termos metafóricos ou metonímicos, seguido pelos termos de parentesco e, por último, os prenomes (estratégia previsível nessa relação).

## 6 – CONSIDERAÇÕES FINAIS

Apesar de o *corpus* analisado não ser um retrato fiel de uma época é, provavelmente, uma das poucas possibilidades de se conhecer e estudar sincronias passadas. Mesmo tendo consciência dos limites impostos por uma amostra não homogênea, o teatro de costumes constitui um material rico para o estudo do tratamento. Ao dar vida aos personagens, criando situações de conflito ou estabelecendo relações igualitárias ou não igualitárias (entre *irmãos, mãe-filho, padrão-empregado*, etc), o autor da peça teatral procura “representar” um grupo, uma sociedade, um momento histórico. Sabe-se que as interações ou relações sociais criadas na obra ficcional são muitas vezes estereotipadas, mas é necessário destacar que foram criadas por um autor que viveu naquele contexto e naquele século. Além disso, as comédias de costumes foram encenadas/escritas para um público que se identificava com aquelas figuras grotescas, engraçadas, pobres, ricas, jovens ou velhas. Por isso, é possível afirmar que a volta ao passado que este estudo proporcionou foi enriquecedora, pois deu um ingrediente a mais para tentar explicar as origens desse complexo sistema de tratamento do português e espanhol atual.

Caberia destacar que a opção teórico-metodológica adotada para a análise dos resultados obtidos se mostrou pertinente. A descrição dos dados, em termos qualitativos, revelou aspectos que a mera apresentação das frequências brutas não conseguiu captar. A conjugação de uma perspectiva mais quantitativa, dentro de uma orientação sociolinguística (mesmo que subjacente), aliada à Teoria da Polidez de Brown e Levinson (1978, 1987) rendeu alguns frutos que ainda precisam amadurecer. Contudo, é pertinente afirmar que, durante a aplicação da Teoria da Polidez de Brown e Levinson (1978, 1987), a adoção de uma noção mais abrangente de *ato* fez com que fosse possível identificar algumas nuances quanto ao uso das formas de tratamento. Talvez utilizando outra abordagem (centrada apenas nos “atos de ameaça à face” realizados pelos “atos de fala” propriamente ditos) estes detalhes não teriam sido avaliados. Por isso, defende-se que as formas de tratamento tanto podem, a depender do contexto, “ameaçar” a imagem do ouvinte ou ser uma estratégia de polidez mitigadora de alguma ameaça realizada por um ato de fala.

Como se viu neste estudo a descrição quantitativa sustentou a análise na busca de algumas generalizações, mas não foi suficiente para explicar certas idiosincrasias de usos motivados pragmaticamente (o que se denominou, no trabalho, de situações não-

esperadas). Neste momento, o olhar minucioso caso a caso, partindo de uma forte Teoria da Polidez, expôs mais claramente as possíveis motivações para que um personagem alterasse sua forma de tratar nas diferentes situações criadas.

Com base na análise de aspectos lingüísticos e extralingüísticos quanto à utilização das formas de tratamento de referência à segunda pessoa do singular, nas peças do teatro ibérico dos séculos XVI-XVIII, chegou-se aos seguintes resultados:

‡ Nas peças espanholas e portuguesas analisadas, predominou o “sujeito nulo” quando a forma de tratamento utilizada era *tú/tu* ou *vos/vós*. Com *V.M* e suas variantes prevaleceu o “sujeito pleno” nas orações não-imperativas, enquanto nas imperativas houve favorecimento de “sujeito nulo”.

‡ No material relativo ao espanhol, os dados não evidenciaram um comportamento regular e gradativo em termos cronológicos que apontasse para a suplantação de uma estratégia sobre a outra ao longo dos séculos estudados. Nas peças portuguesas, por outro lado, foi possível traçar uma mudança de comportamento quanto ao emprego de *tu*, *vós* e *Vossa Mercê* no percurso de tempo controlado.

‡ Nos entremezes espanhóis, observou-se a depreciação da forma *vos*, empregada ora como forma de cortesia ora para marcar inferioridade do ouvinte e também entre iguais superiores. Devido à diminuição do uso de *vos* e à perda semântica sofrida, houve incremento gradativo das formas *Vuestra Merced* e variantes ? utilizadas em relações simétricas ou assimétricas, transacionais ou interpessoais, quando se desejava marcar distância social. A forma *tú* ocorria para marcar inferioridade do ouvinte, ou entre iguais (era praticamente a única estratégia utilizada entre os membros das classes populares). Algumas vezes, no entanto, era empregada com motivações pragmáticas em situações de desacordo.

‡ Nas peças portuguesas, notaram-se algumas mudanças em termos cronológicos: *vós* ocorria nos séculos XVI e XVII como forma deferencial, em relações transacionais ou interpessoais, já no século XVIII estava em desuso; *Vossa Mercê*, por sua vez, indicava distanciamento social, embora nem sempre esta fosse a forma desejada por membros das classes mais altas, o que comprovaria sua depreciação semântica. Além disso, as formas “vulgares” de *Vossa Mercê* ocorriam predominantemente nas falas de personagens oriundos das classes populares; *tu* prevalecia, evidenciando inferioridade do ouvinte ou em relações igualitárias.

‡ *Vossa Mercê* e *Vuestra Merced* configuravam distanciamento social entre os interlocutores. Porém, no *corpus* português algumas situações explicitaram que a forma *Vossa Mercê* e suas variantes não eram consideradas adequadas a determinados papéis sociais como foi o caso do *fidalgo*, ou seja, não satisfaziam seus desejos de face. No *corpus* espanhol, entretanto, não se percebeu nenhum repúdio das formas *Vuestra Merced* e variantes.

‡ Notou-se também que, enquanto na Espanha, a forma *vos* sofreu dessemantização, passando de forma de maior prestígio à forma íntima e solidária, em Portugal, a forma *vós* entra em desuso.

‡ As formas *tú/tu*, em ambas as línguas, foram utilizadas ao longo do tempo para marcar intimidade ou inferioridade do ouvinte.

No que se refere às estratégias nominiais, observou-se, em síntese, o seguinte:

‡ Nas relações assimétricas do tipo *superior-inferior*, tanto para Espanha como para Portugal, identificou-se maior possibilidade de escolha entre os vários tipos de estratégias nominiais, enquanto nas relações *inferior-superior* percebeu-se o predomínio de formas que marcavam distanciamento social ? como os títulos genéricos, os profissionais ou religiosos.

‡ Nas relações simétricas, entre os membros da classe abastada, observou-se, nos dados da Espanha, o predomínio de prenomes, seguidos de termos de parentesco e títulos genéricos. Em Portugal, percebeu-se o predomínio de títulos genéricos e termos metafóricos ou metonímicos, apesar das relações estabelecidas serem predominantemente interpessoais. Nas relações estabelecidas entre os membros da classe popular, notou-se o favorecimento de formas que evidenciavam pouco distanciamento social, tanto para os entremezes espanhóis como para os portugueses, predominando, portanto, os prenomes, os termos metafóricos ou metonímicos, os termos de parentesco e os diminutivos.

Por fim, é importante destacar, que apenas a partir das análises de cunho pragmático perceberam-se os distintos valores que cada forma de tratamento adquire, confirmando que o uso é que determina a regra.

## 7-REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALVAR, Manuel e POTTIER, Bernard. *Morfología histórica del español*. Editorial Gredos: Madrid, 1993
- AMARAL, Luís I. C.: *A concordância verbal de segunda pessoa do singular em Pelotas e suas implicações lingüísticas e sociais*. Tese de doutorado, UFRS, 2003.
- BECHARA, Evanildo. (2001). *Gramática escolar da língua portuguesa*. 1ª ed., Rio de Janeiro: Lucerna.
- BENVENISTE, Emile. *Problemas de Lingüística Geral I*. São Paulo: Campinas, Pontes/Editora da Unicamp, 1988.
- BIDERMAN, Maria Teresa Camargo. *Formas de Tratamento e Estruturas Sociais. Alfa*. São Paulo: FFCL de Marília, N° 18/19, 1972-1973.
- BRIZ, Antonio & BRAVO, Diana. *Pragmática sociocultural: estudios sobre el discurso de cortesía en español*. Barcelona: Editorial Ariel S.A, 2004.
- BROWN, Roger; GILMAN, Albert. (1960). *The Pronouns of Power and Solidarity*. SEBEEK, Thomas A. (eds.) *Style in Language*. Cambridge: Masschusetts, The MIT Press, p. 253-449.
- BROWN, Penelope. & LEVINSON, Steven *Politeness: Some Universals in Language Usage*. Cambridge, CUP. Originalmente publicado como: “Universals in Language Usage, Politeness Phenomenon”, Esther Gody (ed.) In: *Questions and Politeness, strategies in Social Interaction*. Nova York: CUP, 1978..
- CARRICABURRO, Norma. *Las fórmulas de tratamiento em el español actual*. Madrid, Arco Libros, 1997.
- CINTRA, Luís F. Lindley. (1972). *Sobre “Formas de Tratamento” na língua portuguesa*. Lisboa: Livros Horizonte/Coleção Horizonte 18.
- CODISCO, Ariel Darío. *Hipótesis socioculturales em el estudio de la descortesía en diálogos de obras teatrales argentinas*. Actas del I coloqui Argentino de la IADA. La Plata, Argentina, 2003.
- COSTA, Jannaina. *Formas nominais de tratamento em espanhol: polidez, funções conversacionais e variação geoletal*. Rio de Janeiro, Dissertação de mestrado, Faculdade de Letras/ UFRJ, 2007.
- COTARELO, Emilio. *Colección de Entremeses: loas, bailes, jácaras y mojogangas*. Editorial Universidad de Granada, 2000.
- CUNHA, Celso.; CINTRA, Lindley. (1985). *Nova gramática do português contemporâneo*. 2ª ed., Rio de Janeiro: Nova Fronteira.

- DOMINGOS, Tânia Regina Eduardo. (2001). *Pronomes de tratamento do português do século XVI: uma gramática de uso*. 1ª ed., São Paulo: Annablume; Rondônia: UNIR.
- DUARTE, M. Eugênia L.: “Do pronome nulo ao pronome pleno: a trajetória do sujeito no português do Brasil”. In: ROBERTS, I., KATO, M. A.(orgs.) *Português Brasileiro: uma viagem diacrônica*. Campinas, Ed. da UNICAMP. p.107-128, 1993.
- DUARTE, Maria Eugênia Lamoglia. “A evolução na representação do sujeito pronominal em dois tempos” In: PAIVA, M. da. C.; DUARTE, M. E. L. (Orgs.) *Mudança lingüística em tempo real*. Rio de Janeiro: Contra Capa Livraria, FAPERJ,2003 p. 115-128.
- \_\_\_\_\_. *A perda do princípio ‘Evite pronome’ no português brasileiro*. Tese de Doutorado. Campinas: UNICAMP, 1995.
- EELLEN, G. *A critique of politeness theories*. Manchester: Sr. Jerome Publishing, 2001
- FARACO, Carlos Alberto. (1996). O tratamento *Você* em português: uma abordagem histórica. *Fragmenta*. Curitiba: N° 13, Editora da UFPR, p. 51-82.
- CISNEROS ESTUPIÑÁN, Mareya. “Grados de cortesía en el uso de pronombres personales de segunda persona singular”. In: BRAVO, Diana. *Estudios de la (des)cortesía en español*. 1º Ed. Buenos Aires: Dujen, 2005.
- FARACO, Carlos Alberto. *O tratamento Você em português: uma abordagem histórica*. *Fragmenta*. Curitiba: N° 13, Editora da UFPR, 1996.
- FERNANDEZ SORIANO, Olga. “El pronombre personal: formas y distribuciones. Pronombres átonos y tónicos”. In: BOSQUE, Ignacio & DEMONTE, Violeta. *Gramática descriptiva de la lengua española, I*. Madrid, Espasa Calpe Libros, 1999.
- FONTANELLA DE WEINBERG, María Beatriz. (1970). “La evolucion de los pronombres de tratamiento en el español bonaerense”. In: PATIÑO, R. P. (Org.) *Thesaurus – Boletín del Instituto Caro Y Cuervo*. Santafé de Bogotá: Tomo I, Lingüística, 1993, p. 429-439.
- \_\_\_\_\_. “Sistemas pronominales de tratamiento usados em el mundo hispânico”. In: BOSQUE, Ignacio & DEMONTE, Violeta. *Gramática descriptiva de la lengua española, I*. Madrid, Espasa Calpe Libros, 1999, pp.1399-1425.
- GRICE, H.P. “lógica da conversação”. In: *Fundamentos metodológicos da lingüística-problemas críticas*, perspectivas da lingüística. Org. Marcelo Dascal. Campinas, 1982 (p. 81-103) Incompleta!!!!
- GOFFMAN, Erving. *On face work: analisis of ritual elements in social interaction*. Reflections: The SoL Journal, Psychiatry, 1955.

- HAVERKATE, Henk. *Cortesía y descortesía en los diálogos del Quijote: análisis de la representación de las imágenes positiva y negativa de los protagonistas*. Oralia: Análisis del discurso Oral, 2001.
- HEINE, Bernd., CLAUDI, Ulrike.; HÜNNEMEYER, Friederike. *Grammaticalization: A Conceptual Framework*. London: The University of Chicago Press, 1991.
- HELD, Gudrun. *Submission strategies as an expression of the ideology of politeness: Reflections on the verbalization of social power relations*. International Pragmatics Association: 1999.
- HOPPER, Paul John.; TRAUGOTT, Elizabeth Closs. *Grammaticalization*. Cambridge University Press, 1991.
- KOCH, Peter. “Tradiciones Discursivas y cambio lingüístico: El ejemplo del tratamiento *Vuestra Merced* en español”. In: KABATEK, Johannes. *Sintaxis histórica del español y cambio lingüístico: nuevas perspectivas desde las tradiciones discursivas*. Madrid/Frankfurt: Iberoamericana/Veruert, 2008.
- KREBAT-ORECCHIONI, Catherine. *Análise da conversação: princípios e métodos*. São Paulo: Parábola Editorial, 2006.
- \_\_\_\_\_. *L’analyse du discours em interaction: quelques principes méthodologiques*. II Simpósio de Letras neolatinas (mini-curso), UFRJ, 2007.
- LAKOFF, Robin Tolmach. *The logia of politeness; or, minding your p’s and q’s, Papers from the Ninth Regional Meeting of the Chicago Linguistic Society*, 1973.
- LAPESA, Rafael. *Estúdios de morfosintaxis histórica del español*. Madrid: Editorial Gredos, 2000.
- LEECHA, Geoffrey. *Language and tact*. Amsterdam: Benjamins, 1980
- LEHMANN, Christian. *Grammaticalization: Synchronic Variation and Diachronic Change*. *Lingua e Stile* a. XX, n° 3, 1985. p. 303-318.
- LEMONS MONTEIRO, José. *Pronomes Pessoais – Subsídios para uma gramática do português do Brasil*. 1ª ed., Fortaleza: Edições Universidade Federal do Ceará, 1994.
- LOPES, Célia Regina dos Santos. *A inserção de ‘a gente’ no quadro pronominal do português*. 1ª ed., Frankfurt/Madri: Vervuert/Iberoamericana, 2003
- \_\_\_\_\_. (2001). “Processo evolutivo de ‘Vossa Mercê’ > ‘Você’ (português) e ‘Vuestra Merced’ > ‘Usted’ (espanhol)”. *II Congresso Internacional da ABRALIN- Associação Brasileira de Lingüística*. Fortaleza: publicação on-line [www.lettras.ufrj.br/abralin](http://www.lettras.ufrj.br/abralin).



\_\_\_\_\_. *Nós e a gente no português falado culto do Brasil*. Dissertação de Mestrado em Língua Portuguesa – Curso de Pós-graduação em Letras Vernáculas, Rio de Janeiro: UFRJ, Faculdade de Letras, 1993.

\_\_\_\_\_. “O quadro dos pronomes pessoais”. In: Silvia Rodrigues Vieira; Silvia Figueiredo Brandão. (Org.). *Morfossintaxe e ensino de Português: reflexões e propostas*. 1 ed. Rio de Janeiro: Faculdade de Letras/UFRJ, 2004, v. 1, p. 151-178.

LOPES, C. R. dos S.; DUARTE, M. E. L. . “Notícias sobre o tratamento em cartas escritas no Brasil dos séculos XVIII e XIX”. RAMOS, Jânia. (Org.) *Para a história do português brasileiro*. Volume V, 2003. (Trabalho não publicado).

\_\_\_\_\_. “De ‘Vossa Mercê’ a ‘Você’: análise da pronominalização de nominais em peças brasileiras e portuguesas setecentistas e oitocentistas”. BRANDÃO, S. F.; MOTA, M. A. (Orgs.) *Análise Contrastiva de Variedades do Português: Primeiros Estudos*. Rio de Janeiro, 2003: In-fólio, p. 61-76.

MACHADO, Ana Carolina Morito: *A implementação de "você" no quadro pronominal: as estratégias de referência ao interlocutor em peças teatrais no século XX*. Dissertação de Mestrado em Letras (Letras Vernáculas), Rio de Janeiro, 2006.

MENON, Odete da S. P.: “O sistema pronominal na região sul”. *Anais do XI Encontro Nacional da ANPOLL*. 510-512, 1997

\_\_\_\_\_. “O sistema pronominal do português”. *Revista Letras*, Curitiba, nº 44, p.91-106, 1995.

\_\_\_\_\_. & Loregian-Penkall, Loremi : “Variação no indivíduo e na comunidade: tu/você no sul do Brasil”. In: VANDRESEN, Paulino (org.) *Variação e Mudança no Português Falado da Região Sul*. Pelotas: Educat. 147-188, 2002.

NAVARRO GALA, Rosário. “Formas de cortesia em la Segunda Celestina”. In: BRIZ, Antonio & BRAVO, Diana. *Pragmática sociocultural: estudios sobre el discurso de cortesía en español*. Barcelona: Editorial Ariel S.A, 2004

PAREDES SILVA, Vera. “O retorno do pronome tu à fala carioca”. In.: RONCARATI, Claudia & ABRAÇADO, Jussara (orgs.) *Português Brasileiro ? contato lingüístico, heterogeneidade, história*. Rio de Janeiro: 7 Letras. 160-169.

PEDRO ESTERUELAS, Juan Maniel. “Formas de tratamiento em dos obras de teatro del siglo XX: historia de una escalera y Bajarse al moro”. In: BRAVO, Diana & BRIZ, Antonio. *Pragmática Sociocultural: estudios sobre el discurso de cortesía en español*. Barcelona: Ariel, 2004.

PLÁ CÁRCELES, José. La evolución del tratamiento de VUESTRA MERCED. *Revista de Filología Española*. 10: 245-80, 1923

RED, Micaela Carrera de la. “Tratamientos y cortesía en la elaboración de fuentes documentales de la etapa fundacional de la provincia de Mérida (Venezuela)”. In:

*Pragmática sociocultural: estudios sobre el discurso de cortesía en español.*  
Barcelona: Editorial Ariel S.A, 2004

RIGATUSO, Elisabeth M. *Lengua, historia y sociedad. Evolución de las fórmulas de tratamiento en el español bonaerense (1830-1930).* Bahía Blanca, Argentina: Universidad Nacional del Sur, 1992.

ROBBINS, Stephen. *Comportamento Organizacional.* São Paulo: Prentice Hall, 2002.

ROCHA LIMA, Carlos Henrique da. *Gramática Normativa da Língua Portuguesa.* 41<sup>a</sup> ed., Rio de Janeiro: Editora José Olympio, 2001.

ROMERA CASTILLO, José. “Valor sociolingüístico de las formas de tratamiento túvos em el vergonzoso em el palácio de Tirso de Molina”. In.: *Criticón: France-Ibérie recherche*, 1981

RUMEU, Márcia Cristina de Brito. *Reflexões acerca da pronominalização de Vossa Mercê na língua portuguesa.* Monografia apresentada no Curso História da Língua Portuguesa. Rio de Janeiro: Pós-graduação em Letras Vernáculas, Faculdade de Letras, UFRJ, 25 p. (*mimeo*), 2001.

TEYSSIER, Paul. *História da Língua Portuguesa.* (Tradução de Celso Cunha). 2<sup>a</sup> ed. São Paulo: Martins Fontes. 2001.

SOARES SILVA, Humberto. “O parâmetro do sujeito nulo no português e no espanhol”. In: *Diadorim v.2.* Rio de Janeiro: 2006.

VALDÉS, Juan. *Dialogo de la lengua.* Biblioteca Virtual Miguel de Cervantes, 2004

[HTTP://BUSCON.RAE.ES/DPDI/SRVLTCONSULTA?LEMA=VUESTRA%20MERCED](http://buscon.rae.es/dpdI/SRVLTCONSULTA?LEMA=VUESTRA%20MERCED)  
VOCABULO *USTED* (ACESSADA EM 1/01/2008)

[HTTP://WWW.RAE.ES/RAE.HTML](http://www.rae.es/rae.html)  
VOCABULOS CONSULTADOS: *DAMA, ESTUDIANTE, FURRIER, MORO, ALGUACIL*